

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO  
CURSO DE JORNALISMO

SOFIA FUSCALDI CEREZO

**FISSURAS:**  
**histórias ilustradas sobre o feminino**

Livro Ilustrado

Mariana  
2020

SOFIA FUSCALDI CEREZO

**FISSURAS:  
histórias ilustradas sobre o feminino**

Memorial descritivo de produto jornalístico apresentado ao curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Michele da Silva  
Tavares

Mariana  
2020

## SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

C414f Cerezo, Sofia Fuscaldi .  
Fissuras [manuscrito]: histórias ilustradas sobre o feminino. / Sofia  
Fuscaldi Cerezo. - 2020.  
112 f.: il.: color., gráf., tab..

Orientadora: Profa. Dra. Michele da Silva Tavares.  
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.  
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. Feminismo. 2. Livros ilustrados. 3. Mulheres. I. Tavares, Michele da  
Silva. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 141.72



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO  
REITORIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS  
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO



### FOLHA DE APROVAÇÃO

Sofia Fuscaldi Cerezo

Fissuras: Histórias Ilustradas Sobre o Feminino

#### Membros da banca

Profa. Dra. Michele da Silva Tavares (Orientadora - DEJOR/UFOP)  
Profa. Dra. Lara Linhalis Guimarães (DEJOR/UFOP)  
Profa. Dra. Hila Bernardete Silva Rodrigues (DEJOR/UFOP)

#### Versão final

Aprovado em 23 de outubro de 2020.

#### De acordo

Profa. Dra. Michele da Silva Tavares  
(DEJOR/UFOP)



Documento assinado eletronicamente por **Michele da Silva Tavares, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 02/11/2020, às 19:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [http://sei.ufop.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0097912** e o código CRC **72140D47**.

Referência: Caso responda este documento, indicar expressamente o Processo nº 23109.008270/2020-16

SEI nº 0097912

R. Diogo de Vasconcelos, 122, - Bairro Pilar Ouro Preto/MG, CEP 35400-000  
Telefone: - www.ufop.br

## AGRADECIMENTOS

Considero mensagens de gratidão um tanto quanto complexas. Para colocar em palavras cada ajuda que recebi, seria definitivamente necessário escrever um outro Trabalho de Conclusão de Curso. Talvez dois. Meu primeiro lampejo é sempre voltado à agradecer a minha cachorrinha Miley, seja por sua personalidade única, seu carinho e amor, ou puramente pela sua existência. Aos meus pais, o mundo. Cada passo que dei para chegar até aqui eles acompanharam e apoiaram. Não importava se fossem passos vagarosos ou precipitados, cansados ou dinâmicos, festivos ou inconsequentes, duvidosos ou tão certos quanto o Sol que nasce outra vez. A toda a minha família, pela presença e pelas festas de fim de ano. Aos meus amigos mais próximos e também aos mais distantes. A cada um que teve empatia ao ouvir as palavras “tenho que” e “TCC” numa mesma frase minha, obrigada. Aos que dividiram turma ou morada comigo, muita gratidão. Agradeço também ao professor Cláudio Coração, por ser o primeiro a comprar esse tema maluco, e à minha professora orientadora, Michele Tavares, por todo o conhecimento compartilhado, todas as conversas inspiradoras, pela confiança e por ser uma legítima guia, presente durante todo o processo. Agradeço às fontes e personagens desse livro, por compartilharem suas histórias, seus sentimentos, suas atividades e seu tempo comigo, e também às pessoas que foram ponte para o contato com essas mulheres. À Ufop, ao corpo docente de jornalismo e aos funcionários dessa instituição por possibilitarem todo o arcabouço teórico, prático, profissional e emocional adquirido. Enfim, a todos que contribuíram de algum modo e fizeram parte desse projeto, gratidão.

“Quando afirmamos a intuição, somos, portanto, como a noite  
estrelada: fitamos o mundo com milhares de olhos”

*Clarissa Pinkola Estés*

## RESUMO

Este memorial descritivo registra o processo produtivo de um livro ilustrado que traz aspectos do cotidiano do universo feminino e suas subjetividades, com o objetivo de que no livro a ilustração ocupe um papel central em disseminar representações alternativas do feminino. Pretende-se refletir sobre as potências de representação visual do feminino através da ilustração, buscando compreender o lugar que ela ocupa na mídia. A realização desse produto se justifica enquanto contribuição com a escrita e produção feminina e pela demanda social por produtos pautados em assuntos femininos e feministas, que entendam o público feminino como atuante, dinâmico e operante, capaz de refletir sobre a sua realidade e modificá-la.

**Palavras-chave:** livro ilustrado; mulheres; representação; ilustração; feminino.

## ABSTRACT

This descriptive memorial records the production process of an illustrated book that brings aspects of the daily life of the female universe and its subjectivities, with the aim that illustration occupies a central role in disseminating alternative representations of the feminine in the book. It is intended to reflect on the powers of visual representation of women through illustration, seeking to understand the place illustration occupies in the media. The realization of this product is justified as a contribution to women's writing and production and because of the social demand for products based on feminine and feminist issues, which understand the female audience as active, dynamic and operative, capable of reflecting on their reality and changing it.

**Keywords:** illustrated book; women; representation; illustration; feminine.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Capa da Revista Vogue de Junho de 1929 .....	14
<b>Figura 2:</b> Capa da Revista A Maçã, Número 176, edição de 20 de junho de 1925 .....	14
<b>Figura 3:</b> Winnie Harlow - Nath Araújo .....	29
<b>Figura 4:</b> Projeto Mulheres - Carol Rossetti .....	29
<b>Figura 5:</b> Sally Nixon .....	30
<b>Figura 6:</b> Mosqueando - Giovana Rodrigues .....	30
<b>Figura 7:</b> Mosqueando - Giovana Rodrigues .....	31
<b>Figura 8:</b> Juliana Lossio Art .....	31
<b>Figura 9:</b> Laura Athayde .....	32
<b>Figura 10:</b> Blockbustard - Amanda Barros .....	32
<b>Figura 11:</b> Cotidiano - Priscila Barbosa .....	33
<b>Figura 12:</b> Shower Kiss - Amanda Oleander .....	33
<b>Figura 13:</b> Prateleira de “Mais Vendidos” da loja Leitura .....	38
<b>Figura 14:</b> Estante da loja Leitura .....	38
<b>Figura 15:</b> Seção de “Quadrinhos” da loja Leitura .....	39
<b>Figura 16:</b> Seção extensa de “Quadrinhos” na loja Leitura .....	39
<b>Figura 17:</b> Seção “Mulher poderosa é feita de certezas!” da loja Leitura .....	41
<b>Figura 18:</b> Captura de tela de uma postagem da página Outras Meninas no <i>Facebook</i> .....	58
<b>Figura 19:</b> Páginas 46 e 47 do capítulo II do livro .....	67
<b>Figura 20:</b> Páginas 18 e 19 do capítulo I do livro .....	68

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1:</b> Faixa Salarial/Renda Média/Hábito de Leitura .....	19
<b>Gráfico 2:</b> Interesse por Livros Ilustrados .....	20
<b>Gráfico 3:</b> Interesse por Livros Ilustrados por Faixa Etária, Renda Média e Escolaridade ..	21
<b>Gráfico 4:</b> Temas de Interesse .....	24
<b>Gráfico 5:</b> Sororidade .....	24
<b>Gráfico 6:</b> Representação .....	25
<b>Gráfico 7:</b> Autoestima .....	34
<b>Gráfico 8:</b> Interesse pela Temática do Livro .....	34
<b>Gráfico 9:</b> Interesse por Assuntos Femininos/Gênero e Sexualidade .....	34

## LISTA DE APÊNDICES

<b>APÊNDICE A</b> – Questionário .....	81
<b>APÊNDICE B</b> – Tabulação dos questionários (dados complementares) .....	90
<b>APÊNDICE C</b> – Pautas .....	94

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>2 O FEMININO NO LIVRO ILUSTRADO</b> .....	12
2.1 Potências do feminino ilustrado .....	12
2.2 Procedimentos metodológicos .....	18
2.3 Os livros e as mulheres .....	35
<b>3 ESPECIFICIDADES TEMÁTICAS</b> .....	44
3.1 Nuances do universo feminino .....	44
3.2 Subjetividade e representações visuais do feminismo na mídia .....	54
<b>4 PLANO DE TRABALHO E PAUTA ESTENDIDA</b> .....	62
4.1 As Personagens .....	62
4.2 Aspectos narrativos dos perfis ilustrados .....	67
4.3 Confeção do livro ilustrado .....	70
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	74
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	76
<b>APÊNDICES</b> .....	80

## 1 INTRODUÇÃO

Este é um trabalho experimental que une duas coisas com as quais me identifico: a ilustração e as particularidades do universo feminino, tendo como objetivo central pontuar a importância da ilustração enquanto linguagem por meio de um livro ilustrado e como ela opera na construção de uma identidade visual distinta e subjetiva dos femininos. Assim, neste memorial apresento os pormenores que caracterizam o processo de elaboração do livro “Fissuras”, que traz aspectos do cotidiano do universo feminino e suas subjetividades, com a ilustração ocupando um papel central na comunicação de ideais feministas sobre as imagens que construímos do que é ser mulher e do que é viver na sociedade atual enquanto mulher. A comunicação desses ideais no livro foi pensada para cativar também mulheres que não se identificam como feministas e não estão diretamente inseridas no movimento.

A relevância social de um produto como esse tem morada em vários lugares. Primeiramente, no significado que possui um livro ilustrado produzido por uma mulher e para mulheres dentro do sistema patriarcal em que vivemos, no qual o acesso ao conhecimento e à produção de conhecimento são atividades historicamente atribuídas aos homens. Em segundo lugar, a relevância se encontra no próprio público do livro, entendido enquanto público atuante e dinâmico, capaz de refletir sobre a sua realidade e modificá-la. Entendo este livro como uma ferramenta para contribuir no empoderamento, autoestima e na construção das identidades femininas. Faço essa defesa a partir da observação do modo como ilustradoras contemporâneas atuam nas redes sociais, influenciando na reestruturação do imaginário da figura da mulher e contribuindo para fomentar discussões feministas. Essas ilustradoras fazem isso através da subversão de simbologias do patriarcado, e da apropriação de espaços atípicos nas representações admitidas pelo imagético “socialmente aceito”.

O livro se insere no crescente mercado editorial brasileiro de produções femininas que falam sobre mulheres e para mulheres. Produções estas que ganham destaque nas livrarias e em diversos outros ambientes, já que o público para esse mercado é potente e carece de produções pautadas nos assuntos feministas, embora essa carência já esteja sendo preenchida por diversas mulheres se expressando ao redor do mundo.

Neste memorial descritivo, dialogo sobre as temáticas e discussões que motivam a criação do produto. Ele consiste em uma abordagem acadêmica que dá escopo ao livro, pautado no desafio de constituir representações do feminino que simbolizem personalidades completas, sensíveis e empoderadas, capazes de instigar a identificação entre as mulheres que

não necessariamente militam pelas causas feministas ou têm conhecimento teórico sobre o assunto. Por conseguinte, o memorial se estrutura em três partes fundamentais.

A primeira se ocupa em justificar o meio escolhido, um livro de perfis ilustrado, abordando tanto a linguagem (ilustração) quanto o veículo (um livro). Nesta parte inicial, também me preocupo em justificar a temática escolhida e o público ao qual esse livro é destinado. Essas justificativas se dão a partir de uma pesquisa de opinião e uma pesquisa de mercado realizadas por mim através de questionários destinados ao público feminino e também através de um levantamento bibliográfico e referencial sobre os assuntos tratados.

Já a segunda parte traz a justificativa temática, desempenhando o papel de adentrar mais profundamente no recorte temático do livro, abordando temas como representação e identidade, subjetividade e mapa conceitual compartilhado, vertentes e movimentos feministas, a relação entre público e privado num sistema patriarcal e suas consequências, a desigualdade de gênero e funções cometidas aos homens e às mulheres na nossa sociedade. Num segundo tópico, essa seção também se atenta às imagens que a mídia veicula sobre o movimento feminista e sobre as mulheres e seus corpos, apontando pontos positivos e negativos dessas veiculações que, atualmente, são assuntos pautados tanto na mídia quanto no interesse público e no interesse *do* público.

A terceira parte deste memorial atenta-se aos processos mais práticos da produção, como a criação do projeto gráfico e decisões relacionadas à diagramação e ao design, além de discorrer sobre o andamento das entrevistas. Faço uma apresentação do gênero jornalístico que norteia a narrativa verbo-visual do livro, o perfil, e das personagens escolhidas para compor as temáticas de cada capítulo. Também exponho algumas dificuldades e inquietações que surgiram ao longo da produção e do trabalho de campo realizado.

Este produto, assim como as discussões em torno dele, se encontram em lacunas. Nas fissuras. O que significa produzir um livro ilustrado no jornalismo? O que define o fazer jornalístico e até onde podem estender-se as hibridações nas produções contemporâneas? É possível falar sobre feminismo de forma efetiva para um público envolto em estereótipos negativos sobre essa palavra? O objetivo desse trabalho nunca foi encontrar respostas para essas ou outras perguntas. Mas, talvez, o objetivo se encontre no simples fato de fazê-las. Encontra-se nas rachaduras pelas quais, se olharmos bem de perto, podemos identificar, um pouco desfocadas, as possibilidades e potências na produção jornalística contemporânea.

## **2 O FEMININO NO LIVRO ILUSTRADO**

Esta seção abre uma discussão a respeito do papel da ilustração, sua utilização e o lugar que ela ocupa, assim como a relação entre a ilustração e a representação das mulheres nas mídias. Trago referências de ilustradoras contemporâneas que retratam diferentes femininos como forma de desconstruir estereótipos relacionados à figura da mulher e padrões impostos aos corpos femininos. Posteriormente, instaura-se uma discussão sobre os resultados da metodologia usada na definição da linguagem do livro e sua temática, além de uma discussão sobre o público-alvo escolhido e o mercado no qual o livro se insere.

### **2.1 Potências do feminino ilustrado**

A ideia de conceber um livro ilustrado surgiu de uma inquietação com o lugar que a ilustração ocupa na área da comunicação. Frank Weitencampf apud Cavalcante, Coelho e Yunes (2010. p. 42) define que “a ilustração deve elucidar o texto ou adorná-lo. Pode ser as duas coisas simultaneamente, ou nenhuma delas”. Já o Novo Dicionário da Língua Portuguesa, descreve a ilustração como “imagem ou figura de qualquer natureza, com que se orna ou elucida o texto de livros, folhetos e periódicos” (FERREIRA, 1975. p. 742). Essa concepção da ilustração denota um sentido de subordinação da imagem em relação ao texto e essa ótica da ilustração como uma ferramenta secundária ainda é muito presente na atualidade. Entretanto, a ilustração vai muito além disso e possui uma força informativa e interpretativa vasta.

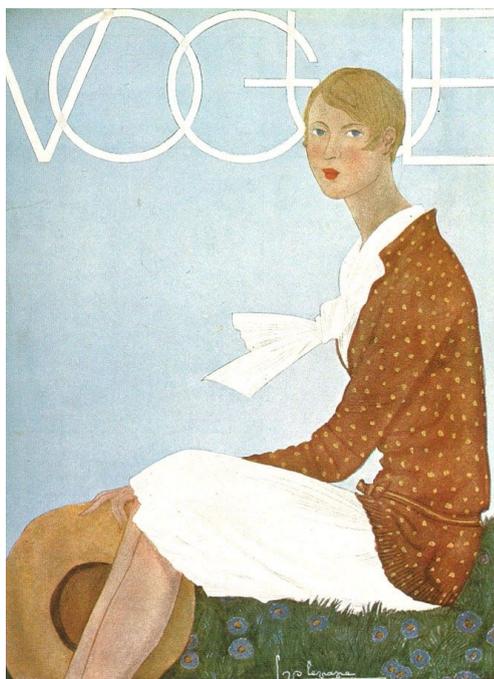
A ilustração convive e faz parte do contexto da história da arte. Ela é um objeto de reprodução e está inserida em uma indústria cultural. Inter-relaciona-se com outras linguagens, transita em um espaço multifacetado. Dialoga com o verbal, mas pode utilizar recursos advindos do cinema, da pintura, dos quadrinhos. Pertence a um período em que diferentes manifestações artísticas interagem, se interpenetram. Não há, ou não deveria ter, mais a divisão preconceituosa em arte maior e menor, nem a divisão rígida de categorias artísticas. Picasso, Matisse ou Miró pintam, produzem cartazes, criam cenários (MOKARZEL, 1998. p. 32).

Segundo Sérgio (2014, p. 205), vivenciamos, uma “sociedade na qual as práticas de produção, circulação e recepção de significado são eminentemente relacionadas às experiências visuais”. Ao nos deparar com uma revista, por exemplo, folheamos as páginas em busca de imagens que nos chamem atenção. As capas de livros, antes lisas, com destaque ao título e ao autor, hoje são compostas de arte visual e tipografia milimetricamente pensadas. A forma como apreendemos o mundo se tornou centrada na visão e nas imagens. Mirzoeff

apud S ervio (2014, p. 206) afirma que “a cultura p os-moderna   visual não por causa das imagens em si, mas, devido à tendência moderna de figurar ou visualizar a existência”. Entretanto, as pesquisas e discussões nesse campo ainda são muito recentes, e ainda necessitam de maior repertório. Segundo Monteiro (2008), a “Cultura Visual” ou os “Estudos Visuais” alcançaram reconhecimento institucional apenas no século XXI. Debord (1967) fala em uma sociedade do espetáculo, que é regida pelo mundo das representações, na qual vemos e verificamos a realidade no reino das imagens e não no plano da própria realidade. Para ele, somos e existimos, o tempo todo, mediados por imagens e delas dependemos para sermos reconhecidos como seres que existem. Nessa perspectiva, as imagens agem ativamente na atualização ou desconstrução de formas de domínio e poder na contemporaneidade.

Em um mundo pautado por imagens, a ilustração não poderia ser entendida como um simples adorno ao texto. Embora exista uma grande dificuldade em estabelecer um conceito consolidado para a prática de ilustrar, por situar-se justamente em um encontro de diferentes conteúdos e das mais diversas áreas, incluindo desde objetivos didáticos e literários a comerciais e de entretenimento, a ilustração é um meio significativo para contar histórias, narrar fatos, retratar personalidades e comportamentos, delinear acontecimentos cotidianos, manifestar emoções profundas, evocar memórias de uma época ou momento histórico e expressar a atmosfera de um lugar. Assim, uma das formas de demonstrar e explorar a potência da ilustração é propor a concepção de um livro ilustrado que assuma a ilustração como ponto de partida na sua produção e, desta forma, possibilite esse lugar de destaque e valorização para a mesma.

A ilustração já foi bastante utilizada na média, no Jornalismo e na Comunicação em geral no decorrer da história, sendo muito presente em revistas femininas no século XX, a exemplo da *Vogue*. No Brasil, podemos citar a revista *A Maçã*, destinada ao público masculino. A seguir, imagens das capas de edições da década de 1920 dessas revistas (Figuras 1 e 2).



**Figura 1:** Capa da Revista Vogue de Junho de 1929.  
**Fonte:** MOSS, Diana. *The Art of Vogue Covers*.  
 Disponível em:  
 <<https://www.flickr.com/photos/sundaygreen/sets/72157630842127508/with/7685912694/>> Acesso em:  
 25 Mai, 2019.



**Figura 2:** Capa da Revista A Maçã, Número 176, edição de 20 de junho de 1925.  
**Fonte:** SOARES, Eucília. Leiloeira Oficial, lote 303.  
 Disponível em:  
 <<http://www.lilileiloeira.com.br/peca.asp?ID=15950>> Acesso em: 27 Mai, 2019.

Anteriormente ao advento da fotografia, que ocorreu em torno de 1880, a ilustração era, na maioria das vezes, condicionada a um papel de tentar reproduzir a realidade. Durante os anos 1860 e 1870, antes da criação do sistema de retícula para impressão, que possibilitaria a utilização de fotografias nos jornais impressos, “a fotografia foi usada como referência para ilustradores, que se valiam de seus registros documentais para produzir ilustrações mais fidedignas aos acontecimentos” (MORAES, 2015. p. 20). Ao ocupar esse papel mais documental, a fotografia e o vídeo reposicionaram a ilustração rumo a uma função mais expressiva e subjetiva, ligada ao campo do sensível. Nos jornais, as ilustrações continuaram sendo publicadas “com o objetivo de esclarecer ou comentar os assuntos tratados nos textos a elas relacionados, enfatizando seu caráter interpretativo, no primeiro caso, ou opinativo, no segundo” (MORAES, 2015. p. 22). Atualmente, com a reverberação intensa da fotografia “há uma espécie de esgotamento de recursos visuais, paradoxalmente às inúmeras possibilidades apresentadas pelas novas tecnologias” (CAVALCANTE, COELHO e YUNES, 2010. p. 71). Com isso, a ilustração vai ganhando espaço novamente e é retomada nas produções jornalísticas, principalmente em projetos independentes ou experimentais, que acabam se

fundindo com o trabalho comercial. Enfatizo que a ilustração que tratamos aqui não se resume à estética ou à informação somente. Ela sempre perpassa ambas as partes, por mais que às vezes tenda mais para uma ou para outra, a depender do seu objetivo e a qual mídia é veiculada. A ilustração informa de uma maneira diferente da fotografia, pois captura a realidade de outra forma. Mas isso não a torna menos ou mais informativa. Segundo Timothy Samara,

a escolha da ilustração em relação à fotografia abre um leque de possibilidades para transmitir informações. O designer não apenas fica livre das limitações do ambiente e dos objetos do mundo real, mas também tem o potencial de introduzir sobreposição conceitual, seletividade aprimorada dos detalhes e o aspecto pessoal e interpretativo de sua visualização (SAMARA, 2010, p. 173)

No entanto, a ilustração ainda é muito desvalorizada no meio acadêmico. Encontrei discussões pertinentes sobre ela principalmente em áreas ligadas à educação e à pedagogia, que giram em torno da função da ilustração nos livros infantis, a qual trataremos mais à frente. Porém, a ilustração ultrapassa esse universo largamente. Enquanto “a quantidade e a qualidade das ilustrações crescem de forma exemplar, a produção de textos críticos sobre o tema ainda se mostra limitada” (CAVALCANTE, COELHO e YUNES, 2010. p. 52). Uma das hipóteses para essa desvalorização, pensada a partir da tese de Cavalcante, Coelho e Yunes (2010), é de que ela é um objeto que transpassa tanto o campo da Arte, quanto o campo do Jornalismo, não sendo reconhecida inteiramente por nenhum. A Arte, muito preocupada que sua Aura seja contaminada pela reprodutividade técnica, como ressalta Walter Benjamin (1936) em Frankfurt, e o Jornalismo, ao contrário, com uma promessa de imparcialidade vinculada a si, enxergando a fotografia como uma reprodução mais fiel à realidade que a ilustração.

Enquanto a obra de arte se afirmou no mercado a partir de sua condição única e original, a ilustração reproduzida em série projetou-se no alcance popular. A ilustração tem as suas características formais influenciadas pelos movimentos estéticos, mas está comprometida com uma informação (CAVALCANTE, COELHO e YUNES, 2010. p. 49).

Na área do Jornalismo, podemos falar em uma nova Estética da Comunicação, que, segundo Lopes (2003, p. 3), “passa menos pelo elogio monumentalizador das (neo)vanguardas do que pela aproximação da arte a uma vida cotidiana, marcada pelas imagens midiáticas, estas fundamentais para entender a cultura contemporânea”. É essa a estética que a elaboração do livro ilustrado propõe. Uma obra que não esteja distante de quem

a consome. Algo que cause impacto pela proximidade com o ordinário, tornando-o extraordinário.

É fundamental diluir cada vez mais as fronteiras entre arte erudita, popular e massiva, desconstruir o dualismo experimental e comercial, fazer dialogar objetos de valor estético com produtos culturais, não para considerá-los apenas como mercadorias dentro de uma indústria cultural, mas como coisas dentro de uma cultural material que têm uma vida social (Appadurai, 1986, p. 3 e 5 Apud LOPES, 2003, p. 4).

É precisamente nessa dissolução de fronteiras que a ilustração encontra morada. Importante ressaltar que o próprio Jornalismo, assim como a ilustração, se encontra no diálogo entre as diversas áreas do conhecimento, possibilitando, mais que a troca de informações, o compartilhamento de experiências.

Em busca de uma temática que desse corpo a esse livro e potencializasse a capacidade presente na ilustração de transpassar experiências e sensações, tanto minhas quanto do espectador, e que também fosse parte de uma discussão contemporânea, atual na mídia e na sociedade em geral, optei por um tema do qual eu faço parte, e pelo qual tenho muito apreço: *a construção da subjetividade no cotidiano do universo feminino contemporâneo*. Essa, tampouco é uma escolha aleatória, apenas por afinidade. Aflorou de uma admiração pelo trabalho de ilustradoras feministas independentes que, recentemente, emergiram no universo das redes sociais.

Várias ilustradoras contemporâneas se utilizam da arte compartilhada no ambiente digital para questionar o patriarcado, as relações machistas e o papel de submissão imposto à mulher. Muitas artistas e coletivos feministas lançam mão da ilustração para reagir e subverter os padrões de comportamento patriarcais, empoderando as mulheres e abrindo espaço para diversas possibilidades de identificação, pertencimento, representação, reconhecimento, performance e resistência. Essas ilustradoras fortalecem o direito das pessoas em serem exatamente quem são, com ou sem pelos, com roupa curta ou não, baixa, alta, gorda ou magra. Enfim, questionam a cultura e os estereótipos vigentes e contribuem na construção visual do feminino e suas complexidades. Profissionais como Nath Araújo, Carol Rossetti, Laura Athayde, Sally Nixon, Juliana Lossio, Priscila Barbosa, Polly Nor, Amanda Barros, Giovana Rodrigues (Mosqueando) e Amanda Oleander, das quais falaremos mais adiante, fazem sucesso com ilustrações desconstruídas, de mulheres opostas ao padrão hipersexualizado ou “dona de casa”, frequentes nos sentidos compartilhados do que seria a

mulher ideal. Essas artistas criam e fazem circular representações para diferentes pessoas se identificarem, retratando temas como: mulheres com deficiência, mulheres com vitiligo, negras, gordas, mulheres fazendo coisas do cotidiano, denúncias do machismo social... As experiências femininas.

Denilson Lopes (2003) traz a experiência como algo íntimo de cada sujeito. A experiência não como verdade, mas como a verdade de alguém, sempre mediada por discursos sociais. É nessa percepção da experiência que se articula o livro ilustrado produzido. Um livro com a função de migrar e recriar diferentes vivências a partir da observação de mulheres em atividades do seu cotidiano e, também, da participação nessas atividades. Um livro que seja pensado para retirar o sujeito de si e, ao mesmo tempo, transportar o sujeito para si.

Uma reflexão um pouco mais aprofundada sobre a questão da representação e identidade femininas na nossa cultura será realizada mais adiante neste Memorial. Todavia, torna-se necessário ressaltar que o projeto parte do princípio de que existem visões limitadas e insuficientes das mulheres na nossa sociedade, e que essas visões prejudicam vários aspectos das nossas vidas. Acredita-se, porém, que existem possibilidades de mudança. Portanto, aposto na ilustração como possibilidade não só de colaborar para romper com essa visão, como também de propor maneiras de preencher alguns desses espaços com outras interpretações do feminino, afinal, as possibilidades são infinitas. A perspectiva de construir a autoimagem a partir de sensibilidades, subjetividades e identidades subtraídas de outras imagens é concreta na contemporaneidade, e também de extrema importância. “Inegavelmente, o olhar tornou-se um respeitável mediador de experiências e conhecimentos, e isto impele considerar as imagens como elementos compositivos dos sujeitos e das culturas na atualidade” (SANTOS, 2016. p. 464).

A Cultura Visual na qual vivemos hoje é repleta de problemas e deficiências. Seus dilemas são infinitos. Todavia, é possível também, através dela, evoluir. É dessa potência do visual que germina esse produto. Como fugir do habitual e, ainda assim, representar o cotidiano? De que forma seria possível incentivar a conexão das mulheres com outras identidades, que não as que privam e lesionam? Quanto seria possível sair de um estereótipo sem perder o belo? Que tipo de imagens são capazes de incitar o questionamento a si próprio e, mais do que isso, ajudar a preencher de alguma forma o vazio que esse tipo de

questionamento causa? Como instaurar a dúvida sem forçar um outro paradigma existencial? É nessa perspectiva que o livro ilustrado produzido pulsa.

## **2.2. Procedimentos Metodológicos**

O livro ilustrado busca celebrar a utilização da ilustração nos produtos da Comunicação, a partir da compreensão de sua relevância social na construção de múltiplas representações para identificação feminina. Surgem, neste momento, duas necessidades primárias para desenvolvimento do produto. A primeira seria averiguar se existe interesse do público e abertura no mercado editorial para o tema escolhido - *a construção da subjetividade no cotidiano do universo feminino contemporâneo*. A segunda, constatar se o formato de um livro ilustrado seria o suporte apropriado para o objetivo pretendido.

Ao decorrer da busca por esclarecer essas questões, outras duas necessidades foram identificadas: definir mais precisamente o público-alvo e qual seria a forma de abordagem e construção da temática escolhida. Diante dessas questões, estabelecemos alguns procedimentos metodológicos para executar a produção do livro ilustrado: uma pesquisa de opinião; uma pesquisa de campo e observação participante; e uma pesquisa de repertório visual. Além desses procedimentos, houve um trabalho de prospecção para compreender qual a inserção de produtos similares a esse no mercado e qual o espaço do tema e suporte escolhidos em livrarias e editoras. Essa dinâmica será tratada mais adiante.

### **a) Pesquisa de Opinião**

A ferramenta utilizada foi a aplicação de questionários, tanto presenciais quanto virtuais, com os seguintes objetivos: 1) verificar a pertinência do tema para o público feminino e entender melhor quais as nuances do universo feminino que as mulheres gostariam de ver retratadas; 2) perceber o interesse das pessoas pelo suporte escolhido, o livro ilustrado, e pela própria ilustração. O questionário desenvolvido (Apêndice A) foi formulado a partir das contribuições de Novelli (2006) ao tratar da pesquisa de opinião. A autora discorre tanto sobre o processo de planejamento como de realização da pesquisa, abordando como produzir as perguntas para o instrumento de pesquisa, como definir a amostra e o cronograma para aplicação e como processar e analisar os dados obtidos.

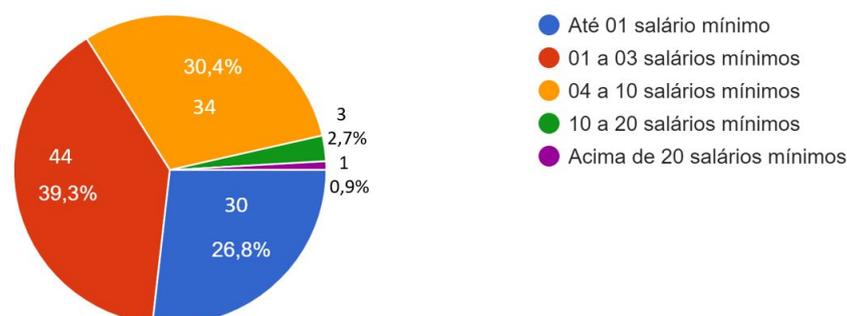
Com o objetivo de atingir mulheres que possuem interesse pelos livros, mas que transitam em diferentes faixas etárias e interesses pessoais, fizemos um recorte amostral.

Foram aplicados 30 questionários presenciais, sendo 14 na Livraria Leitura do Shopping Estação em Belo Horizonte (MG), no dia 18 de abril de 2019, e 16 na Livraria Leitura do Shopping Cidade em Belo Horizonte, no dia 20 de abril de 2019. Neste momento, era pertinente não apenas obter as respostas do questionário, mas também captar a reação das pessoas ao conteúdo exposto, compreender o porquê delas escolherem determinadas alternativas em detrimento de outras, e qual o nível de interesse ou desinteresse pelos assuntos tratados nesse meio social. Além da aplicação dos questionários presenciais, identifiquei a necessidade de aplicar questionários virtuais, para ampliar a amostra, atingir outras localidades e adentrar o ambiente digital na pesquisa, no qual a própria inspiração para desenvolvimento do produto surgiu. Foram aplicados 82 questionários virtuais, idênticos aos presenciais, através da plataforma *Google Forms*, do dia 15 ao dia 23 de abril de 2019, totalizando 112 questionários aplicados. Os questionários virtuais foram direcionados para contatos pessoais de familiares e amigos que não estão ligados ao meio acadêmico nem à grupos militantes, na tentativa de evitar que o meu círculo social fosse o foco da pesquisa.

A partir da compilação dos dados das respostas obtidas, foi possível constatar que a maior parte das pessoas entrevistadas são pertencentes à classe média e costumam ler ou ir à livrarias frequentemente (Gráfico 1).

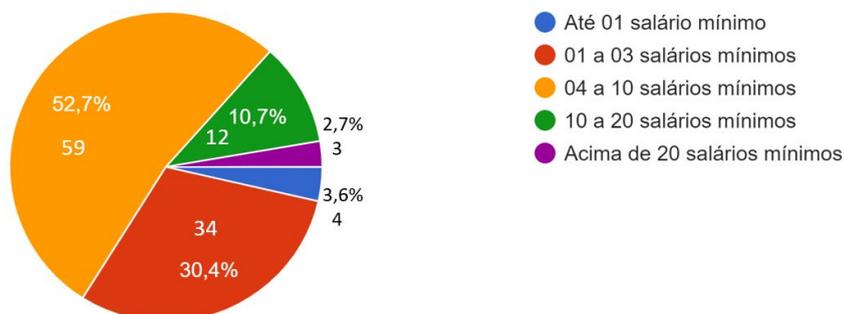
### Qual a sua faixa salarial aproximada?

112 respostas



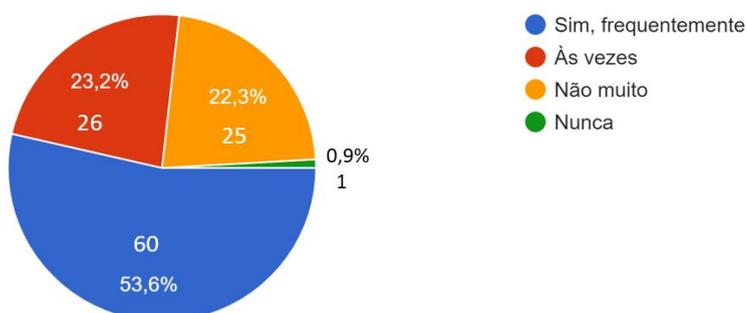
## Qual a opção que mais se aproxima à renda mensal da sua família?

112 respostas



## Você costuma ler ou ir a livrarias?

112 respostas



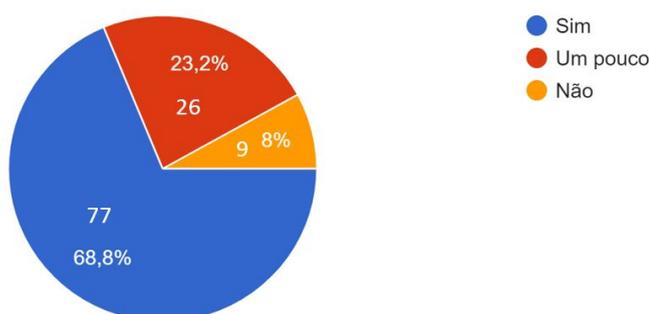
**Gráfico 1:** Faixa Salarial/Renda Média/Hábito de Leitura.

**Fonte:** Elaboração própria.

Das 112 pessoas abordadas, aproximadamente 70% se interessam por publicações ilustradas, e apenas 8% não se interessam. Aspectos muito positivos, pois sinalizam a potência que o suporte escolhido (livro ilustrado) possui perante o público (Gráfico 2).

## Você se interessa por publicações ilustradas?

112 respostas



**Gráfico 2:** Interesse por Livros Ilustrados.

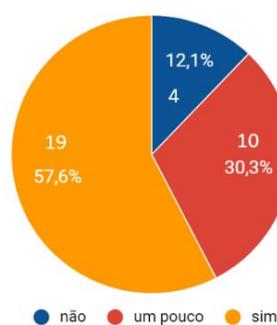
**Fonte:** Elaboração própria.

Entre as pessoas mais interessadas, destaca-se o seguinte perfil: faixa etária de 58 a 67 anos (categoria com uma amostragem baixa, de apenas duas mulheres, mas ambas interessadas) e faixa etária de 18 a 27 anos (81%); e pessoas que apresentam renda familiar acima de 10 salários mínimos e estão cursando ou já cursaram o ensino superior. Já entre as pessoas menos interessadas, destaca-se o seguinte perfil: faixa etária de 38 a 47 anos (57,6%); com renda familiar de 4 a 10 salários mínimos (64,4%) e que não cursaram o ensino superior (Gráfico 3).

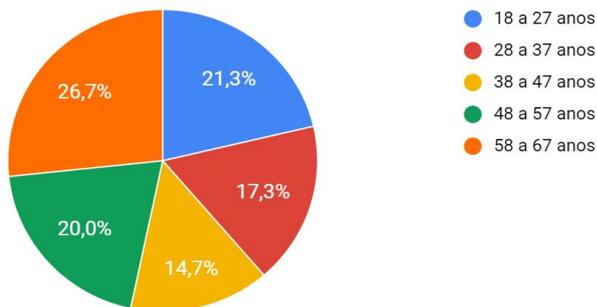
Você se interessa por publicações ilustradas? (faixa etária de 18 a 27 anos) 21 respostas



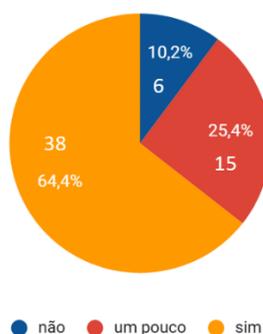
Você se interessa por publicações ilustradas? (faixa etária de 38 a 47 anos) 34 respostas



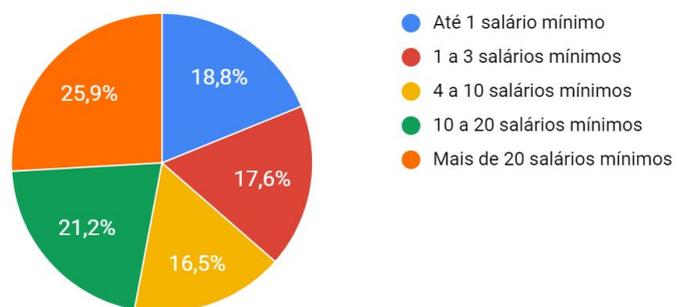
Interesse por publicações ilustradas por faixa etária (valor aproximado)



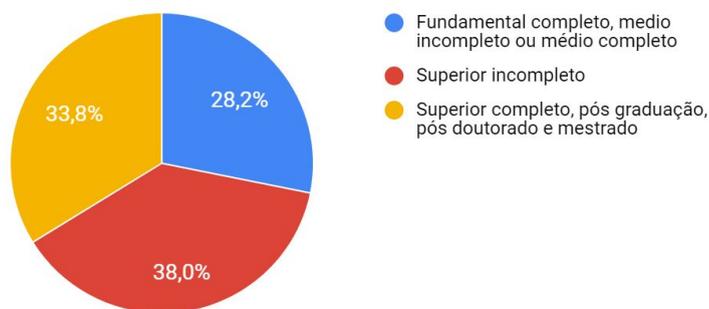
Você se interessa por publicações ilustradas? (renda familiar de 4 a 10 salários mínimos) 59 respostas



Interesse por publicações ilustradas por renda familiar (valor aproximado)



### Interesse por publicações ilustradas por nível de escolaridade (valor aproximado)



**Gráfico 3:** Interesse por Livros Ilustrados por Faixa Etária, Renda Média e Escolaridade.

**Fonte:** Elaboração própria.

De acordo com uma pesquisa realizada pelo Datafolha entre 2 e 3 de abril de 2019<sup>1</sup>, entrevistando 1.095 mulheres em 130 municípios de todo o Brasil (margem de erro de 2 pontos percentuais para mais ou para menos e nível de confiança de 95%), a maior parte das mulheres não se considera feminista. Entretanto, as mulheres mais jovens (16 a 24 anos) e as idosas (mais de 60 anos) são mais feministas que o restante, 47% e 42% respectivamente. Esse número decai para apenas 30% entre as mulheres de 35 a 44 anos.

O público-alvo do livro ilustrado é feminino. Mulheres. A partir desse ponto, destaco que delimitar mais precisamente esse público foi um movimento complexo. A partir dos dados reunidos, percebi que o foco do produto se encontra em uma classe social mais alta, com acesso à livrarias e convivência maior com os livros, devido a uma aptidão financeira maior. Entretanto, por se tratar de ilustrações que buscam abarcar situações vivenciadas por mulheres de diversas classes, cores, estilos e sexualidades, acredito que se o livro proposto fosse distribuído para classes sociais com renda mais baixa, o entendimento e envolvimento com o livro não seria comprometido, e haveria interesse desse público no produto, desde que o acesso a ele fosse uma iniciativa externa, já que a carência financeira e de educação dificulta o acesso. Já na definição da faixa etária, a dinâmica foi inversa. Optei por uma faixa etária de 35 a 70 anos, pois é extremamente necessário que o assunto proposto pelo livro ilustrado seja tratado entre as mulheres que não são militantes nas questões feministas. Embora essa faixa etária se enquadre, parcialmente, entre as pessoas que menos

---

<sup>1</sup> Relatório Feminismo e Violência Contra a Mulher. **Instituto Datafolha**: Abril de 2019. Disponível em: <<http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2019/04/15/0ccf1b7f5f71464e482dfa38406ec34efem.pdf>> Acesso em: 11 jun, 2019.

demonstraram interesse por publicações ilustradas, esse número ainda se revelou maior que a metade das pessoas entrevistadas.

Além disso, suspeito que uma parcela das mulheres que não se afirmam como feministas é uma consequência de um estereótipo, que discutiremos mais adiante neste memorial, criado em torno da própria palavra, pois a maior parte das mulheres entrevistadas, independentemente de sua faixa etária, foram favoráveis a assuntos intrínsecos na discussão feminista. Ao realizar o questionário de opinião com mulheres na faixa etária de 38 a 57 anos, percebi que essas mulheres apoiam sim os preceitos feministas, se importam imensamente com a sororidade, estão recentemente descobrindo o amor consigo mesmas como algo positivo (Apêndice B) e querem ser representadas de forma mais realista pela mídia. Entretanto, elas não associam esses movimentos à corrente feminista. Elas querem falar e saber sobre assuntos abordados pelo feminismo, mas possuem certa aversão aos estereótipos que a palavra carrega. Como falar sobre feminismo para essas mulheres, sem influir ideias e estereótipos errôneos que essas mulheres possam possuir sobre o feminismo e que as afastam de conhecê-lo e possivelmente se beneficiar dele? Como agregar a realidade dessas mulheres no movimento feminista? Como o feminismo poderia aprender com essas mulheres? Seria possível ajudar essas mulheres na busca pelo empoderamento e sororidade com outras mulheres, sem que elas se sintam desconfortáveis com termos que não entendem o significado?

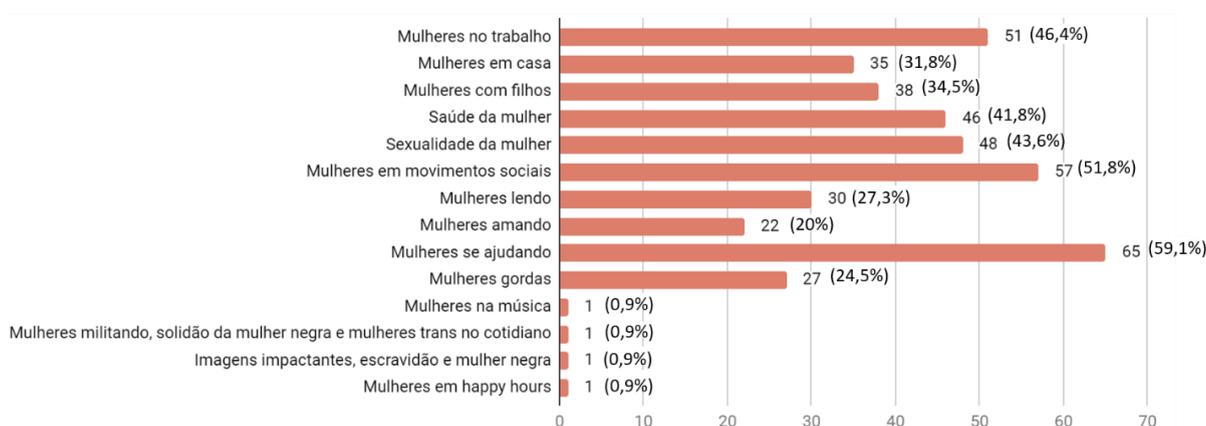
O que proponho é um livro ilustrado que surge como uma possibilidade de diálogo com essas mulheres. Ainda assim, enfatizo que o livro não se delimita de forma alguma a esse público, apesar de ser pensado para ele. As ilustrações contidas nele buscam, ainda que impossível, já que os femininos são múltiplos e as identidades são infinitas, fazer com que todas as mulheres se sintam representadas, abraçadas pelas ilustrações. Uma busca impossível, mas necessária. Fazer com que alguma coisa ali as façam refletir sobre o que significa realmente ser mulher e como as “futilidades” do nosso cotidiano são tão ricas em identidade e representação. Evocar como o universo feminino, em suas mais cotidianas formas, é potente, estimulante e belo. Meu objetivo não é tratar aqui as injustiças de um mundo patriarcal, ainda que não possamos nunca desvincular a identidade do contexto historicamente machista em que vivemos. Sinto que os cotidianos são apagados e mediorizados pelo sistema em que vivemos. E que neles residem as mais reais formas da mulher que é sua, que é inteira e que é com um objetivo em comum: de ser livre. De ser

mulher. E de ser mulher negra, mulher lésbica, mulher trans, mulher gorda, mulher velha, mulher infinita.

Para além da definição do público-alvo, a pesquisa de opinião possibilitou pensar angulações para o espelho editorial do livro. Ao serem questionadas sobre o que elas gostariam que fosse ilustrado em um livro que representa o cotidiano de mulheres reais, quase 60% das mulheres responderam que gostariam de ver “mulheres se ajudando”, seguido pelos temas “mulheres em movimentos sociais” (51,8%); “mulheres no trabalho” (46,4%) e “sexualidade da mulher” (43,6%) (Gráfico 4), dados que começam a delinear o encaminhamento temático do livro.

#### O que você gostaria que fosse ilustrado num livro desses?

110 respostas



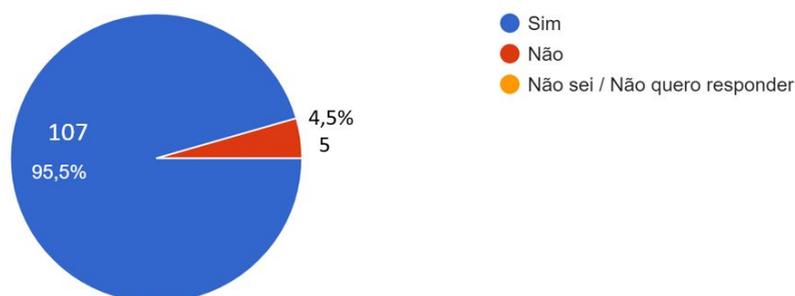
**Gráfico 4:** Temas de Interesse.

**Fonte:** Elaboração própria.

Além disso, 95,5% das entrevistadas acreditam que as mulheres deveriam se unir e serem companheiras para atingir objetivos em comum (Gráfico 5).

#### Você acredita que as mulheres deveriam se unir e serem companheiras para atingir objetivos em comum?

112 respostas



**Gráfico 5:** Sororidade.

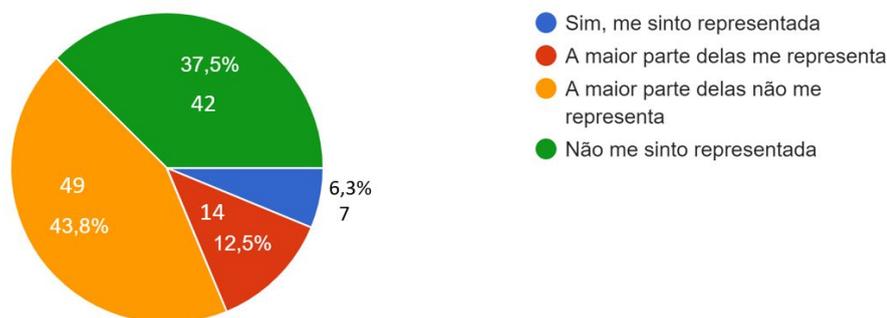
**Fonte:** Elaboração própria.

Esses dados sinalizam como o público feminino se interessa por assuntos relacionados à sororidade; um dos conceitos presentes nas discussões feministas, que significa a união e aliança entre as mulheres, sempre enfatizando a empatia e companheirismo entre elas, pois os julgamentos e críticas depreciativas feitos entre as próprias mulheres ajudam a fortalecer estereótipos criados por uma sociedade machista e patriarcal. Mais de 80% das mulheres entrevistadas acham que as mulheres gostam de julgar as roupas ou atitudes umas das outras. Entretanto, mais de 90% delas não se sentem bem fazendo isso, o que reforça a necessidade que as mulheres sentem por maior irmandade e união.

Assim, a escolha da temática focada na construção de representações dos diversos femininos existentes para além do que é valorizado pela mídia tradicional, é respaldada pelos resultados obtidos a partir da pesquisa de opinião. Mais de 80% das entrevistadas afirmam que não se sentem representadas ou que a maior parte das fotos e imagens presentes na mídia convencional não as representa, e que gostariam de ver imagens que as representam, ou que representam o seu dia a dia de forma mais próxima e realista (Gráfico 6).

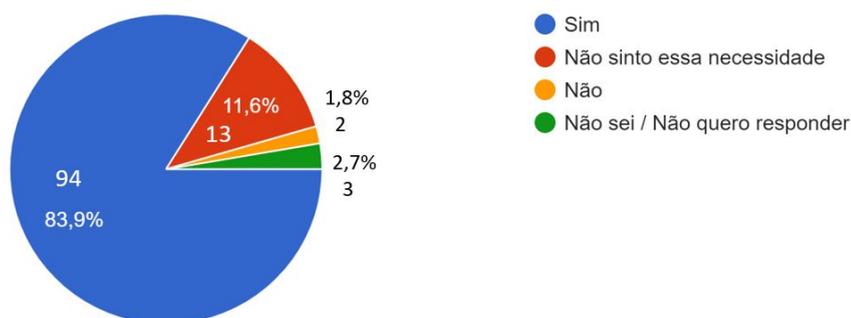
Você acha que as fotos e imagens de mulheres presentes na mídia convencional representam você e o seu dia a dia?

112 respostas



Você gostaria de ver imagens que representam você ou o seu dia a dia de forma mais próxima e realista?

112 respostas



**Gráfico 6:** Representação.  
**Fonte:** Elaboração própria.

Com base nos resultados dessa pesquisa, o recorte temático do livro ficou definido em quatro temas: *mulheres se ajudando*, *mulheres em movimentos sociais*, *mulheres no trabalho* e *sexualidade da mulher*, pois estes foram os temas mais caros às entrevistadas.

## b) Pesquisa de Campo

A ferramenta utilizada foi a Observação Participante, a partir dos conceitos de Rovida (2015), com os seguintes objetivos: 1) conhecer o perfil do público-alvo e trazê-lo para o livro; 2) Aproximação da realidade individual e cotidiana das mulheres para representá-las de forma mais fiel.

Inicialmente usei como ponto de partida as minhas próprias vivências e descobertas enquanto mulher: angústias, descobertas, alegrias, laços, experimentações, superações, impulsos, conflitos. E também, as histórias e inquietações de mulheres com as quais convivo e converso no meu dia a dia, afinal, *o pessoal é político*<sup>2</sup>. Mas havia um anseio em falar para mulheres que não participam das militâncias feministas e não fazem parte do meu próprio círculo social. Quem são essas mulheres que não possuem proximidade com as teorias feministas e suas aplicabilidades? Ou aquelas que não se consideram feministas, mas que querem ser representadas? Como falar sobre feminismo sem falar de feminismo? Era preciso compor um produto jornalístico mais honesto às mulheres para as quais e das quais eu estava falando, e também aos quatro temas selecionados a partir da pesquisa de opinião. Ouvir

<sup>2</sup> Expressão adotada pela jornalista e feminista Carol Hanish, a partir do ensaio de mesmo nome, publicado por ela em 1969. Disponível em <<http://carolhanisch.org/CHwritings/PIP.html>>. Acesso em 05 Jun, 2019.

vivências sobre as temáticas definidas, traçando um perfil temático de cada tópico identificado: *mulheres se ajudando, mulheres em movimentos sociais, mulheres no trabalho e sexualidade da mulher*. Assim, a factualidade se mantém viva tanto nas ilustrações quanto no produto como um todo.

A Observação Participante “se consolidou como procedimento eficiente para alcançar informações mais detalhadas sobre os fenômenos sociais” (ROVIDA, 2015. p. 78). É uma metodologia advinda de etnógrafos e antropólogos:

O antropólogo terá como objetivo entender o que as próprias pessoas envolvidas nas situações pesquisadas pensam sobre o assunto. Seria como ter certeza de que em Bali determinado ritual tem um peso maior ou menor não porque o etnógrafo chegou a essa conclusão em sua observação, mas porque os balineses assim o consideram (Geertz, 2004, p. 89 Apud ROVIDA, 2015. p. 82).

No jornalismo, é comum a utilização dessa técnica pelo repórter, omitindo a sua identidade, para que seja possível uma maior integração e confiança entre ele e a realidade que está investigando. A jornalista Vanessa Amaro traz um exemplo de utilização dessa técnica em “Vivendo na Pele do Outro” (2004), em que a autora, disfarçada de estudante, passa dois dias na favela da Rocinha, no Rio de Janeiro. Neste caso, a omissão da identidade foi necessária para que ela pudesse adentrar aquela realidade e observá-la, além de conversar com pessoas e obter informações que dificilmente seriam obtidas por alguém que se intitulasse jornalista diante daquele ambiente. Amaro, assim como o sociólogo William Foote-Whyte em seu livro “Sociedade de Esquina”, e tantos outros profissionais, foi capaz de ir além da descrição, como defende Rovidia (2015). Ela pode interpretar os símbolos, as relações entre as pessoas, os comportamentos, as situações, as conversas, os lugares... Enfim, o contexto em que se insere e interfere o perfil que se deseja traçar. Como a pesquisa de campo realizada por mim não envolve situações tão delicadas como a descrita acima, optei por me identificar como estudante de jornalismo, revelando de forma breve o tema a ser tratado e o objetivo de desenvolver um livro ilustrado sobre e para mulheres. Essa abordagem se deu porque acredito que a omissão da minha identidade não é necessária para atingir o objetivo pretendido com a observação participante das fontes encontradas.

Ainda nos pilares da observação participante traçados por Rovidia, temos a entrevista pensada como diálogo aberto e não como um jogo em que apenas um lado pergunta, e o outro tão somente responde. Ressalto que não se descarta de forma alguma o planejamento da entrevista e um objetivo previamente definido. Por isso, foram elaboradas pautas para cada

temática (Apêndice C). Outro apontamento trazido pela autora, embasado nas colocações de Cremilda Medina, e que conversa diretamente com a proposta do livro ilustrado, é levar em consideração a contribuição criativa do jornalista na relação entre ele, as fontes e o público. A partir da observação participante,

o comunicador irá atuar com o mundo das ideias, o imaginário coletivo e com os comportamentos culturais. Isso tudo para encaminhar a mediação de forma a lidar com a complexidade das situações sociais apresentadas, ultrapassando os reducionismos e colocando em diálogo os protagonistas de suas narrativas e aqueles que fazem parte do público (Medina, apud ROVIDA, 2015. p. 84).

Medina defende que “a própria observação e o diálogo com os protagonistas apontam a melhor forma de narrativa” (ROVIDA, 2015. p. 85). Era precisamente este o meu objetivo com a pesquisa de campo e para o desenvolvimento dos perfis temáticos ilustrados: encontrar a melhor narrativa para cumprir o meu objetivo dentro das linguagens escrita e ilustrada, e, paralelamente, ser fiel em comunicar ao público as realidades vivenciadas pelas mulheres acerca dos temas escolhidos.

A discussão sobre a aproximação entre arte literária e jornalismo também está incorporada nos debates sobre a observação participante. O uso dos recursos da literatura no jornalismo “implica lançar mão dos recursos das narrativas ficcionais para aprimorar a narrativa do real” (ROVIDA, 2015. p. 85). Todavia, “É necessário manter a fidelidade em relação aos fatos reais, isto é, não é possível florear ou criar além daquilo que é passível de confirmação por meio da apuração jornalística” (ROVIDA, 2015. p. 86).

Partindo dos princípios da Observação Participante, defini algumas personagens para serem protagonistas de cada uma das temáticas do livro. Trata-se de um projeto pautado em interpretações do feminino que simbolizem personalidades completas, sensíveis e empoderadas, capazes de instigar a identificação entre as mulheres. Ainda assim, embora todas as personagens percorram os quatro temas durante as entrevistas, fazendo com que uma composição perpassa e influencie a outra constantemente, dividi as personagens entre as quatro temáticas principais.

### **c) Pesquisa de repertório visual**

A ferramenta utilizada foi o mapeamento das produções de ilustradoras que atuam nas redes sociais, principalmente no Instagram, com o seguinte objetivo: buscar os trabalhos de

ilustradoras que já se estabeleceram realizando essa atividade nas redes sociais como referência técnica, artística, estética e discursiva.

Como exemplo dos resultados obtidos através dessa pesquisa visual, é possível citar a Nath Araújo<sup>3</sup>, uma artista visual que atende pela marca *Nath Araújo Art*. “Seus desenhos coloridos e com estilo próprio, muitas vezes acompanhados de frases sarcásticas, ilustram as vontades, angústias e situações pelas quais as novas gerações passam, sempre de forma bem humorada”<sup>4</sup>. Também podemos mencionar Carol Rossetti<sup>5</sup>, que é designer gráfica e ilustradora. Seus principais projetos autorais são o *Mulheres* e o *Cores*, os quais ganharam grande repercussão online e ambos tratam de assuntos do dia-a-dia feminino com uma pegada feminista (Figuras 3 e 4).



**Figura 3:** Winnie Harlow - Nath Araújo  
**Fonte:** ARAÚJO, 2017. @nanaths. Disponível em:  
<<https://www.instagram.com/p/BWIVxQqFXN>  
b/> Acesso em: 05 jun 2019.



**Figura 4:** Projeto Mulheres - Carol Rossetti  
**Fonte:** ROSSETI, 2016. Mulheres.  
Disponível em:  
<<https://www.carolrossetti.com.br/mulheres>>  
Acesso em: 05 jun 2019.

<sup>3</sup> <http://www.natharaujo.com/>  
<https://www.facebook.com/natharaujoart>  
<https://www.instagram.com/nanaths/>  
<https://www.youtube.com/natharaujoart>  
<https://twitter.com/nanaths>

<sup>4</sup> Descrição “Quem somos” do site da artista. Disponível em <<https://natharaujo.com/pages/quem-somos>>  
Acesso em 05 Jun, 2019.

<sup>5</sup> <https://www.carolrossetti.com.br/>  
<https://www.facebook.com/carolrossettidesign/>  
<https://www.instagram.com/carolrossettidesign/>

Outra inspiração é a ilustradora americana Sally Nixon<sup>6</sup>, que desenha personagens femininas em situações do cotidiano. Segundo o *site* Sopa Alternativa, “as mulheres de Nixon aparecem tomando banho, escovando os dentes, conversando com as amigas em restaurantes ou simplesmente comendo uma torrada no café da manhã”<sup>7</sup>. Nessa lista, destaca-se também Giovana Rodrigues<sup>8</sup>, designer e ilustradora da página *Mosqueando*, pensada para proporcionar certa representatividade para mulheres fora do padrão (Figuras 5 e 6).



**Figura 5:** Sally Nixon

**Fonte:** NIXON, 2016. @sallustration. Disponível em:

<<https://www.instagram.com/p/BCTOM9NJ9Fn/>>

Acesso em: 05 jun 2019.



**Figura 6:** Mosqueando - Giovana Rodrigues

**Fonte:** RODRIGUES, 2018. @mosqueando.

Disponível em:

<[https://www.instagram.com/p/BIJLjH\\_BQme/](https://www.instagram.com/p/BIJLjH_BQme/)>

Acesso em: 05 jun 2019.

Desfrutamos ainda da arte da londrina Polly Nor<sup>9</sup>, que retrata a relação entre as mulheres e seus demônios na luta pela autoaceitação. A artista visual e ilustradora carioca

<sup>6</sup> <https://www.sallynixon.com/>

<https://www.instagram.com/sallustration/>

<sup>7</sup> SALES, Tânia. As mulheres da ilustradora Sally Nixon. *Sopa Alternativa*, 2017. Disponível em <<http://sopaalternativa.com.br/as-mulheres-da-ilustradora-sally-nixon/>> Acesso em 21 out. 2018.

<sup>8</sup> <https://www.facebook.com/mosqueando>

<https://www.instagram.com/mosqueando/>

<http://mosqueando.tumblr.com/>

<sup>9</sup> <https://www.pollynor.com/>

<https://www.instagram.com/pollynor/>

<https://twitter.com/pollynor>

Juliana Lossio<sup>10</sup> também busca representar as mulheres em suas batalhas diárias, utilizando os traumas que vivenciou e o feminismo como base para seus desenhos (Figuras 7 e 8).



**Figura 7:** Nobody Knows - Polly Nor, 2016  
**Fonte:** NOR, 2016. Nobody Knows. Disponível em: <<https://www.pollynor.com/Nobody-Knows-By-Polly-Nor>> Acesso em: 05 jun 2019.



**Figura 8:** Juliana Lossio Art  
**Fonte:** BLOG PROJETO MULHERES ARTISTAS. Juliana Lossio. Disponível em: <<https://projetomulheresartistas.wordpress.com/2017/04/27/juliana-lossio/>> Acesso em: 05 jun 2019.

Já Laura Athayde<sup>11</sup> é uma quadrinista e ilustradora nascida em Manaus. Ela é dona da página *Boobie Trap*, e criou o projeto *Aconteceu Comigo*, no qual ela desenha tirinhas para compartilhar histórias reais de mulheres que vivenciaram situações de preconceito. Amanda Barros<sup>12</sup> foge dos padrões estéticos estabelecidos pela mídia em seus desenhos. Ela é uma ilustradora e artista visual paulistana, dona da página *Blockbustard* (Figuras 9 e 10).

<sup>10</sup> <https://www.instagram.com/julianalossioart/>  
<https://www.facebook.com/julianalossioart/>  
<https://julianalossioart.tumblr.com/>

<sup>11</sup> <https://www.instagram.com/ldathayde/>  
<https://www.facebook.com/ldathayde/>  
<http://ldathayde.tumblr.com/>

<sup>12</sup> <https://www.instagram.com/blockbustard/>  
<https://www.facebook.com/blockbustard/>



**Figura 9:** Laura Athayde  
**Fonte:** ATHAYDE, 2018. @ltdathayde.  
Disponível em:  
<<https://www.instagram.com/p/BoCKNT91u1/>> Acesso em: 05 jun 2019.



**Figura 10:** Blockbustard - Amanda Barros  
**Fonte:** BARROS, 2018. @blockbustard. Disponível em:  
<<https://www.instagram.com/p/BpzUaqTFU1Q/>> Acesso em: 05 jun 2019.

Priscila Barbosa<sup>13</sup>, ilustradora e designer de São Paulo que retrata o feminismo, os corpos e o nu feminino. E, por último, Amanda Oleander<sup>14</sup>, uma artista de Los Angeles que aborda em suas obras o amadurecimento, o crescimento pessoal e o amor real, fora dos “contos de fada”, em que os relacionamentos são resumidos em uma cena do casal que vivem “felizes para sempre” (Figuras 11 e 12).

---

<sup>13</sup> [https://www.instagram.com/priii\\_barbosa/?hl=pt-br](https://www.instagram.com/priii_barbosa/?hl=pt-br)  
<http://www.priscilabarbosa.iluria.com/>  
<https://www.facebook.com/priscilabarbosailustracao/>

<sup>14</sup> <https://www.amandaoleander.com/>  
<https://www.instagram.com/amandaoleander/>  
<https://www.facebook.com/AmandaOleander/>



**Figura 11:** Cotidiano - Priscila Barbosa  
**Fonte:** BARBOSA, 2019. @priii\_barbosa.

Disponível em:

<<https://www.instagram.com/p/B2U2BUkHLbr/>>

Acesso em: 02 jul 2020.



**Figura 12:** Shower Kiss - Amanda Oleander  
**Fonte:** OLEANDER, 2018. @amandaoleander.

Disponível em:

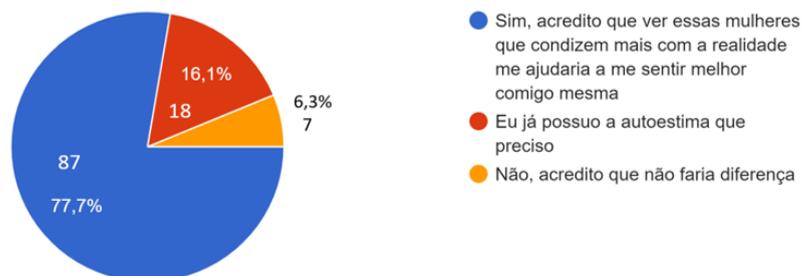
<<https://www.instagram.com/p/BnCVRC11Wa6/>>

Acesso em: 05 jun 2019.

Debruçando sobre a produção dessas e outras ilustradoras, não é possível estabelecer uma conexão nítida entre as técnicas empregadas, que perpassam nanquim, desenhos digitais, aquarela, marcadores, lápis de cor, entre outras. Mas é instintiva a associação entre os conteúdos que cada uma aborda. Isso porque todas elas, em menor ou maior grau, partilham de um discurso contra-hegemônico, se esforçando para compreender a mulher como um ser humano autônomo, capaz, livre e, principalmente, plural. As ilustrações sobre o feminino são uma das ferramentas que possibilitam novos olhares acerca da identificação feminina e representação de suas subjetividades. A potência que essas ilustrações possuem de operar na construção de uma identidade visual distinta do feminino e de ajudar no processo de empoderamento se revela quando quase 80% das mulheres que participaram da pesquisa de opinião acreditam que um livro que ilustrasse mulheres reais, fora do padrão, diferentes da imagem da mulher que é vendida geralmente as ajudariam, ou ajudaria alguma mulher que elas conhecem no processo de construção da autoestima (Gráfico 7).

Você acha que um livro que ilustrasse mulheres reais, fora do padrão, diferente da imagem da mulher que é vendida geralmente, te ajudaria ou ajudaria alguma mulher que você conhece no processo de autoestima?

112 respostas



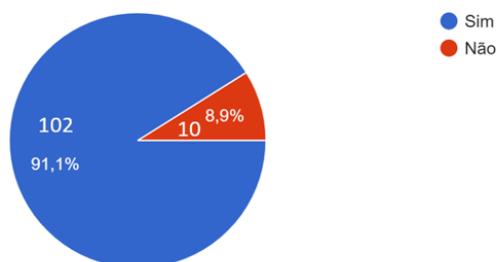
**Gráfico 7:** Autoestima.

**Fonte:** Elaboração própria.

Mais de 90% dessas mulheres acham a tentativa de explorar o cotidiano do universo feminino a partir da ilustração um tema interessante, pertinente ao público feminino (Gráfico 8).

Você acha o seguinte tema interessante em um livro para o público feminino?  
“Uma tentativa de explorar o cotidiano do universo feminino a partir da ilustração”

112 respostas



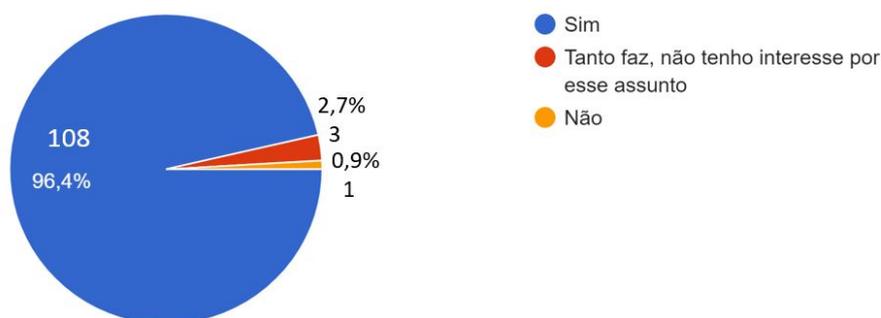
**Gráfico 8:** Interesse pela Temática do Livro.

**Fonte:** Elaboração própria.

Além disso, 96,4% das mulheres afirmam que acham importante saber e falar mais sobre assuntos e temas relacionados à mulher, e 79,5% querem saber mais sobre gênero e sexualidade (Gráfico 9).

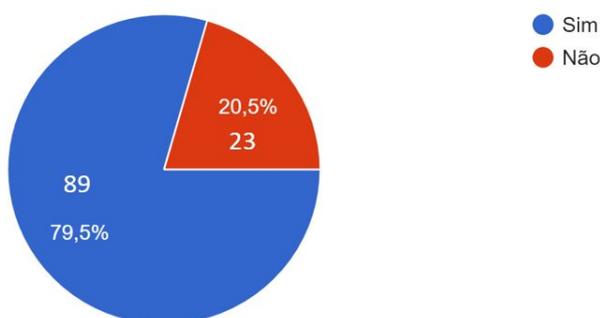
Você acha importante falar e saber mais sobre esses assuntos e temas relacionados à mulher?

112 respostas



Saber sobre gênero e sexualidade te interessa?

112 respostas



**Gráfico 9:** Interesse por Assuntos Femininos/Gênero e Sexualidade.

**Fonte:** Elaboração própria.

As mulheres querem falar e ouvir sobre si. Elas anseiam por produtos que as valorizem do jeito que são, e que converse com elas sobre suas questões, tanto individuais quanto sociais, que são próprias do universo feminino e tudo o que permeia esse universo.

### 2.3 Os livros e as mulheres

Existem diversos meios e mídias para veicular ilustrações do universo feminino. As ilustradoras que utilizo como referência em meu produto, por exemplo, foram assertivas ao fazerem uso das redes sociais para alcançar o público desejado ao divulgar seus trabalhos. O objetivo deste livro, entretanto, é de alcançar pessoas que não necessariamente se identificam ou estão engajadas com essas plataformas ou com os movimentos feministas. Busco um produto que não se perca facilmente nas janelas da *internet*. Algo que esteja em mãos quando se precisar, mas que, ao mesmo tempo, se possa guardar como um diário; um segredo

valioso. Optei, então, pela intimidade que só os livros oferecem ao leitor, ao mesmo tempo que é um instrumento de fácil circulação, mas que não se perde em meio a vários *links* que deixamos para ler depois. Os livros são emprestados, devolvidos e discutidos nesse processo. Eles exigem proximidade e diálogo. A relação que estabelecemos com o livro pode ser a intensa felicidade clandestina, como já escreveu Clarice Lispector sobre *As Reinações de Narizinho*:

Chegando em casa, não comecei a ler. Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter. Horas depois abri-o, li algumas linhas maravilhosas, fechei-o de novo, fui passear pela casa, adiei ainda mais indo comer pão com manteiga, fingi que não sabia onde guardara o livro, achava-o, abria-o por alguns instantes. Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade. A felicidade sempre iria ser clandestina para mim. Parece que eu já pressentia. Como demorei! Eu vivia no ar... havia orgulho e pudor em mim. Eu era uma rainha delicada. Às vezes sentava-me na rede, balançando-me com o livro aberto no colo, sem tocá-lo, em êxtase puríssimo. Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com o seu amante (LISPECTOR, 2016, p. 396).

Além dessa característica quase mágica que o livro carrega no imaginário coletivo, ainda levo em conta as conquistas que a relação das mulheres com os livros representam. Os livros, desde o seu surgimento, eram negados às mulheres. Os estudos da Igreja Católica e o ensino da leitura, por muito tempo, foram privilégio de pouquíssimas pessoas, restritos muitas vezes, aos homens de classes sociais privilegiadas. Quando surgiram as primeiras academias e universidades, com suas enormes bibliotecas, o acesso era apenas para o sexo masculino. As mulheres que liam demais, em algumas épocas, eram ridicularizadas e taxadas como histéricas pelos homens. Mulheres que liam eram consideradas perigosas. E, de fato, o eram. Eram um perigo à dominação masculina. Quando, finalmente, algumas mulheres, apenas as brancas e de classes dominantes, passaram a ser leitoras e terem acesso aos livros, lhes era negada a escrita. As editoras quase nunca aceitavam publicar livros escritos por mulheres, e muitos homens ou pseudônimos masculinos assinavam a autoria de suas obras, como é caso de Mary Ann Evans, com o pseudônimo George Eliot, ou de Amandine Dupin, que assinava suas obras como George Sand<sup>15</sup>. Uma rede de mulheres que leem e escrevem umas para as outras é perigoso. Há o perigo de descobrirem que unidas podem se desprender das amarras de uma dependência perante o sexo masculino, criada pela própria organização social patriarcal. Há o perigo de largarem seus maridos violentos por um amante muito mais

---

<sup>15</sup> 10 autoras que publicavam sob pseudônimos masculinos. Revista Cult, 2018. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/10-autoras-que-precisaram-de-pseudonimos-masculinos-para-publicar-suas-obras/>> Acesso em: 27 out 2019.

sedutor: o conhecimento. Apesar de ainda existirem muitos obstáculos entre as mulheres e certos conhecimentos, causados pelas desigualdades de gênero, esse cenário, hoje, avança positivamente.

Embora o que escrevessem fosse desautorizado, elas insistiam assim mesmo. Embora o que pintassem não recebesse reconhecimento, nutria a alma do mesmo jeito. As mulheres tinham que implorar pelos instrumentos e pelo espaço necessários às suas artes; e, se nenhum se apresentasse, elas abriam espaço em árvores, cavernas, bosques e armários (ESTÉS, 1992, p. 17).

De acordo com a 4ª edição (2016) da pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil”, executada pelo Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE), o número de leitores no Brasil aumentou em 5,32% de 2011 para 2015, sendo que o número de leitoras, tanto em 2011 quanto em 2015, é superior ao número de leitores do sexo masculino. O número de mulheres leitoras aumentou de 54% em 2011 para 59% em 2015, o que sinaliza como o sexo feminino é um público relevante quando se trata da leitura. De acordo com a pesquisa, o tema é o aspecto que mais influencia quem compra livros no momento da escolha do livro que irá comprar, mostrando o quanto é importante ter critério e responsabilidade no direcionamento da temática no produto proposto.

No Brasil, o mercado já começou a tentar suprir essa demanda crescente. Através de uma prospecção de obras em algumas livrarias físicas e virtuais, notei que várias já possuem seções para os livros feministas, e que os livros com temáticas que abordam as vivências femininas ganham, aos poucos, destaque nas lojas, como podemos visualizar nas imagens a seguir (Figuras 13 e 14).



**Figura 13:** Livros “Eu Sou Malala” e “O Diário de Anne Frank” na prateleira de “Mais Vendidos” da loja Leitura do Shopping Estação, em Belo Horizonte.

**Fonte:** CEREXO, 2019. Arquivo pessoal.



**Figura 14:** Livros “Lute Como Uma Garota” e “Clube da Luta Feminista” na estante da loja Leitura do Shopping Estação, em Belo Horizonte.

**Fonte:** CEREXO, 2019. Arquivo pessoal.

Em Florianópolis, Santa Catarina, uma livraria feminista foi aberta recentemente, a *Livras: Mulheres e Livros*<sup>16</sup>, apoiando o protagonismo feminino na literatura. No ambiente digital, existe a *Livraria Feminista*<sup>17</sup>, com o mesmo objetivo, e a *Livraria Africanidades*<sup>18</sup>, que dá destaque para autoras negras. O movimento *#LeiaMulheres*<sup>19</sup> também ganhou forma, dirigido por Juliana Gomes, Juliana Leuenroth e Michelle Henriques, criado com base na campanha *#ReadWomen2014*, bandeira que a escritora Joanna Walsh levantou em 2014. Foram realizados diversos clubes de leitura com essa hashtag, incluindo parcerias com livrarias conhecidas, como a *Livraria Cultura*<sup>20</sup>. Várias autoras que abraçam esse tema ganham espaço no mercado, como Flávia Birolli, Heloisa Buarque de Hollanda e Maria Amélia de Almeida Teles. As ilustrações também ganham espaço. Seções de mangás e quadrinhos já estão consolidadas nas livrarias há bastante tempo, como podemos visualizar nas figuras a seguir (Figuras 15 e 16).

<sup>16</sup> <https://revistatrip.uol.com.br/tpm/livras-e-a-primeira-livraria-feminista-de-santa-catarina>

<sup>17</sup> <http://www.livriafeminista.com.br/>

<sup>18</sup> <http://www.livriaffricanidades.com.br/>

<sup>19</sup> <https://leiamulheres.com.br/>

<sup>20</sup>

<https://www.livrariacultura.com.br/loja/livraria-cultura-shopping-iguate-mi-campinas-2100001/evento/leiamulheres-sejamos-todos-feministas-e-para-educar-criancas-feministas-um-manifesto-de-ngozi-adichie-6010871>



**Figura 15:** Seção de “Quadrinhos” da loja Leitura do Shopping Cidade, em Belo Horizonte. Livro ilustrado sobre a feminista Frida Kahlo e livro em quadrinhos feminista “Persépolis” ganham destaque na seção.

**Fonte:** CEREZO, 2019. Arquivo pessoal.



**Figura 16:** Seção extensa de “Quadrinhos” na loja Leitura do Shopping Cidade, em Belo Horizonte.

**Fonte:** CEREZO, 2019. Arquivo pessoal.

O lugar atual da ilustração no livro infantil, por exemplo, já está mais que demarcado, apesar de seu entendimento como possibilidade de convergência com o texto, e não apenas como adereço ou repetição da linguagem escrita em imagem, ainda seja recente. Diversos livros infantis já levam o nome do ilustrador e do escritor com a mesma importância, em uma produção conjunta, como é o caso do livro “Lá e Aqui”, de Carolina Moreyra e Odilon Moraes, tentando evitar a conotação do ilustrador como auxiliar do escritor. “Ler um livro ilustrado é a possibilidade de ir além da separação entre texto e imagem como categorias dissociadas. O livro ilustrado abre a perspectiva de diálogo entre essas duas categorias somadas ao projeto gráfico que o constitui” (CALDIN; CUNHA; FLECK, 2016. p. 202). Sophie Van Der Linden (2011) apresenta uma diferenciação entre livros com ilustração ou livros com imagem e livros ilustrados. Ela define os livros com ilustração como obras que apresentam um texto acompanhado de ilustrações, ou seja, o texto escrito é predominante e

autônomo, sustentando a narrativa sem que a ilustração interfira em seus sentidos. Já os livros ilustrados seriam aqueles em que a imagem é preponderante espacialmente e a narrativa se faz de maneira articulada entre textos e imagens, podendo, inclusive, ser feita apenas por meio de imagens, com a ausência de texto escrito.

Quando a imagem não é redundante ao texto e propõe uma significação articulada, o processo de criação solicita apreensão conjunta do que será escrito e do que será mostrado, aspecto este que requer do autor, no ato da escrita, a não ignorância das imagens. O mesmo se dá com o leitor (DALCIN, 2012. p. 13).

Entretanto, a utilização da ilustração em livros destinados ao público adulto ainda é tímida; pouco explorada. Ainda assim, vejo, com certo otimismo, a ilustração seguindo o mesmo caminho que as histórias em quadrinhos, que foram capazes de alcançar públicos de todas as idades em diversos temas e áreas, incluindo o jornalismo, que hoje conta com a linguagem do jornalismo em quadrinho, explorada, principalmente, em histórias ou perfis com temas delicados, em que as personagens não querem ou não podem ser identificadas, como o tráfico, o aborto e a prostituição. Alguns exemplos dessas produções são a reportagem em quadrinhos “Meninas em Jogo<sup>21</sup>” sobre a exploração sexual de garotas no Ceará para a Copa de 2014, realizada pela Agência Pública, e a HQ “Quatro Marias<sup>22</sup>” sobre as realidades do aborto no Brasil, produzida pelas jornalistas Bianca Santana, Heloísa D’Angelo e Joyce Gomes. Algumas revistas femininas, a exemplo da *Marie Claire*, também utilizam o trabalho de ilustradoras mulheres para abordar temas mais sensíveis que tratam do universo feminino, como a menstruação, autocuidado, relacionamentos e o assédio. Diante da pandemia do COVID-19, algumas publicações recorreram à ilustração em respeito ao isolamento social e pela inviabilidade de cobertura presencial. É o caso da edição maio-junho de 2020 da revista feminina *Glamour*<sup>23</sup>, que traz a ilustração de Priscila Barbosa em uma das capas da edição.

Captei alguns indícios da possibilidade dos livros ilustrados seguirem um caminho parecido com o das histórias em quadrinho durante a minha pesquisa de mercado, tanto nas livrarias quanto em livros *online* e lançamentos independentes através do Catarse ou outras plataformas. Notei essa movimentação não só no âmbito internacional, mas também entre

---

<sup>21</sup> Disponível em: <<https://apublica.org/2014/05/hq-meninas-em-jogo/>>

<sup>22</sup> Disponível em: <<https://quatromarias.com/>>

<sup>23</sup> Disponível em: <<https://revistaglamour.globo.com/Capas/noticia/2020/05/glamour-de-maiojunho-e-linda-poetica-e-digna-de-colecionador.html>>

autoras brasileiras, justamente dentro do tema feminismo. Na livraria Leitura, do Shopping Cidade, em Belo Horizonte, deparei-me com a seguinte seção (Figura 17):



**Figura 17:** Seção “Mulher poderosa é feita de certezas!” da loja Leitura do Shopping Cidade, em Belo Horizonte.

**Fonte:** CERZO, 2019. Arquivo pessoal.

Ao deparar-me com essa seção, tive a sensação de que foi montada às pressas, já que a inscrição foi feita à mão, diferente das outras, que consistem em placas padronizadas. Provavelmente, devido a uma percepção tardia de um público muito potente e em crescimento que busca por obras com essa temática. Nesta seção, um dos livros em destaque era o “Eu acho que você é meio doido, sim”, da ilustradora Nath Araújo, que começou a sua carreira nas redes sociais e, em 2018, lançou esse livro ilustrado para adolescentes e jovens adultas com temáticas feministas. Além dele, detectei outras publicações brasileiras que se assemelham bastante com a proposta desse produto: a exemplo do livro “Outras Meninas”,

publicado pela ilustradora Manu Cunhas, em 2016 e financiado pelo Catarse, no qual ela transcreve diversos depoimentos anônimos de mulheres que falam da complexa relação que possuem com o próprio corpo e, com base nesses depoimentos e uma foto enviada pela participante, ela ilustra a mulher com aquarelas e outras experimentações, trazendo em forma de ilustração a sua leitura sobre a beleza contida na história e no nu femininos. Em 2018, a autora apresenta uma continuação do projeto “Outras Meninas”, o livro ilustrado “Ao Acaso: mulheres livres, mamilos polêmicos”, que traz ilustrações feitas por ela diariamente, retratando diferentes mulheres nuas, com formas e características variadas.

Outro destaque é o livro ilustrado “Mulheres”, de Carol Rossetti, publicado em 2014, após suas ilustrações com lápis de cor viralizarem na internet. No livro, ela traz mensagens inspiradoras para as mulheres, muitas tratando assuntos como o machismo ou preconceitos sofridos por elas. Há, ainda, o livro ilustrado “Extraordinárias: mulheres que revolucionaram o Brasil”, de Aryane Cararo e Duda Porto de Souza, com sua temática voltada para o feminismo, apresentando perfis de mulheres brasileiras revolucionárias e ilustrações de cada uma delas. Mais um exemplo é o livro ilustrado “Empodere-se: 100 desafios feministas para reconhecer sua própria força e viver melhor”, de Maynara Fanucci e Papoulas Douradas. A iniciativa para esse livro veio de uma página no *Facebook* chamada “Empodere Duas Mulheres”, campanha criada por Maynara para reforçar o empoderamento feminino.

No âmbito internacional, também identificamos diversos títulos, destacando: 1) *Yeguas: grandes mujeres interpretadas por grandes ilustradoras*, da editora *Invisible*, livro que cita frases marcantes de mulheres importantes tanto para o movimento feminista, quanto para a política e literatura, acompanhadas de ilustrações criadas por artistas mulheres ao redor do mundo. 2) *Feminismo Ilustrado: ideas para combatir el machismo*, de Maria Murnau e Helen Sotillo, que ilustra com muito humor como argumentar contra o machismo diário, e do que se trata a luta feminista. 3) *A Solas*, da mexicana Idalia Candelas, que retrata através de ilustrações a intimidade de uma mulher solteira em sua casa. 4) *Bosom Buddies: a celebration of female friendships throughout history*, de Violet Zhang e Sally Nixon, revelando a sororidade na amizade entre mulheres famosas no decorrer da história. E 5) *Girlish*, de Alana Wulff, um livro de empoderamento ilustrado para garotas do século XXI.

Escritoras feministas como Djamilia Ribeiro, Marcia Tiburi e Angela Davis, assim como títulos do feminismo já consagrados, como “O Segundo Sexo”, de Simone de Beauvoir; “Mulheres Que Correm Com Os Lobos”, de Clarissa Pinkola Estés; e “Mrs.

Dalloway”, de Virginia Woolf, estão, aos poucos, alcançando mais destaque nas estantes e prateleiras. Esse é um movimento muito recente e ainda pouco analisado em pesquisas quantitativas ou qualitativas. Porém, ao observar com atenção, é possível vê-lo se espalhando entre os nichos, adentrando pelas rachaduras e descansando em criado-mudos. Todavia, o caminho a ser percorrido ainda é longo, para que séculos de exclusão da mulher, tanto do acesso aos livros e ao conhecimento, quanto como difusoras de conhecimento e detentoras de reconhecimento na autoria de publicações, sejam transpostos.

Não obstante, a criação deste livro ilustrado pretende contribuir nesse processo de empoderamento e reconhecimento da mulher. Uma das formas de realizar isto é buscar não imaginar o público feminino nas mesmas nuances que os produtos jornalísticos e publicitários já existentes para a mulher a concebem. Pois eles, em sua maioria, encerram-se em uma ótica masculina do que é próprio da figura feminina. O público deste livro é tido como vibrante, expressivo e atuante; capaz de significar, intervir e agir no mundo. Essa ideia surge, portanto, da ânsia pela exteriorização de alguns ideais feministas que fluem em mim como primórdio de tudo o que toco e de tudo que de mim desprende-se. A força desse discurso penetra em minhas entranhas e, como consequência, também se instaura no livro ilustrado proposto, o qual se esforça, não só para desfazer uma imagem única do que cada pessoa deve ser, mas também em inundar as páginas com diferentes possibilidades.

### **3 ESPECIFICIDADES TEMÁTICAS**

Levanto aqui uma discussão mais aprofundada sobre representação e identidade das mulheres e o universo feminino e suas subjetividades e particularidades, tanto no cotidiano privado quanto na vida pública, a partir dos estudos feministas e suas reivindicações. Num segundo momento, abro um diálogo sobre os pontos positivos e negativos da mediação do feminismo.

#### **3.1. Nuances do universo feminino**

A escolha temática para o livro ilustrado, que gira em torno do cotidiano, da subjetividade e das particularidades do universo feminino na contemporaneidade parte do princípio de que as formas de domínio da nossa sociedade, naturalizadas e incorporadas por nós, são, na realidade, culturais e não naturais e, justamente por isso, passíveis de mudança. Essa mudança se dá através de mediações, tanto no sentido de resistir e romper com esses domínios, como também de reforçá-los. Quando pensamos em quais mediações transpassam a existência individual das mulheres, deparamo-nos com o poder de mapas conceituais compartilhados e da representação, ou da falta dela. Segundo Hall (2016), os mapas conceituais são a forma como damos sentido ou interpretamos o mundo, como, por exemplo, os significados que atribuímos às palavras. Esses mapas se dão de forma relativamente similar na nossa sociedade, o que permite nossa comunicação e vivência social. Assim, existe uma gama de sentidos compartilhados entre nós, que definem a forma como enxergamos o mundo e interagimos com ele. Já a representação, para o autor, está intimamente ligada à identidade e ao conhecimento.

Nós concedemos sentido às coisas pela maneira como as representamos - as palavras que usamos para nos referir a elas, as histórias que narramos a seu respeito, as imagens que delas criamos, as emoções que associamos a elas, as maneiras como as classificamos e conceituamos, enfim, os valores que nelas embutimos (HALL, 2016. p. 21).

Quando dialogamos sobre os sentidos atribuídos às mulheres, esbarramos em representações de um padrão de beleza, de comportamento e corporal esperado e cobrado, que, apesar de se modificar em cada época, está, historicamente, associado às formas de domínio que regem a organização da nossa sociedade. Sobre isso, é importante ressaltar que o domínio exercido sobre as mulheres é cultural e envolve diversas frentes (BUTLER, 1990). O domínio patriarcal, o domínio branco, o domínio de classes, o domínio da magreza... todos

esses interpelam a forma como a imagem dos diferentes femininos se constrói no mapa conceitual coletivo.

As diversas formas de poder surgem da Cultura, que, num sentido antropológico, trata-se, essencialmente, de *significados compartilhados*. De acordo com Stuart Hall (2016, p. 21), “nós damos significados a objetos, pessoas e eventos por meio de paradigmas de interpretação que levamos a eles”. Uma casa pode ser apenas tijolos e argamassa. Pode ser um abrigo, um lar ou uma prisão. Cada uma dessas palavras remetem a mesma coisa: casa. Ainda assim, possuem significados diferentes e até opostos.

Poderíamos dizer, então, que a linguagem é a base da Cultura em que vivemos. Vale ressaltar que a ilustração é considerada, neste trabalho, como uma linguagem tão potente quanto todas as outras e, por isso, influencia diretamente a Cultura, e é influenciada por ela. A linguagem, em todas as suas formas, tem como base um *sistema representacional*, ou seja, signos e símbolos que representam nossas ideias e sentimentos, sem os quais não somos capazes de dar significado; sem os quais as coisas não podem ser.

Representação, aqui, está intimamente ligada à identidade e conhecimento. Pois, na realidade, é difícil saber o que “ser inglês” - ou mesmo francês, alemão, sul-africano, japonês - *significa* fora do escopo em que nossos conceitos e imagens de identidade e cultura nacionais foram representados. Sem esses sistemas de “significação”, seríamos incapazes de adotar tais identidades (ou mesmo rejeitá-las) e consequentemente incapazes de fomentar ou manter essa realidade existencial que chamamos de cultura (HALL, 2016. p. 25).

A maioria das representações do feminino que existem hoje, tanto no espaço midiático quanto no mapa conceitual patriarcal que construímos, carecem de significações mais abrangentes e amplas. De forma alguma, o discurso convencional atual consegue dar conta da figura da mulher em todas as suas nuances. Os estereótipos do corpo feminino, assim como da mentalidade, capacidades e sentimentos de cada gênero são irreais e não correspondem às experiências sensíveis daqueles corpos. Tanto a falta de representação, quanto a representação equivocada, significa. E significa muito mais que simplesmente não se reconhecer em uma imagem que teoricamente te representa. Significa não pertencer. Significa a impossibilidade de adotar uma identidade que lhe seja cara, ou mesmo de rejeitar uma outra que não se assemelha em quase nada com a experiência individual ou mesmo coletiva. “A representação não é uma mera reflexão sobre a realidade depois do acontecimento” (HALL, 2016. p. 26), ela molda a própria realidade cultural dominante.

Felizmente, nas brechas reside a resistência. Isso porque uma característica intrínseca à linguagem é de que ela é passível de transformação. Ela é construída, desconstruída e reconstruída a todo momento. O livro ilustrado objetivado por mim visa, acima de tudo, resistir. Visa dialogar com o espectador sobre novas identidades visuais do feminino que surgem nas ranhuras da contemporaneidade. Anseia submergir mais profundamente nas inquietações e prazeres em torno dos universos femininos. Cumprir um papel jornalístico de inteirar a sociedade sobre a importância da auto aceitação e autoestima feminina. Para alcançar esses objetivos, faz-se necessário o estudo e apropriação do discurso que quero enfatizar, além de acrescentar ainda mais valor a ele. Hall compreende o discurso como a elaboração de um conhecimento que “se relaciona com o poder, regula condutas, inventa ou constrói identidades e subjetividades e define o modo pelo qual certos objetos são representados, concebidos, experimentados e analisados” (HALL, 2016. p. 27). Nessa perspectiva, desejo comunicar através desse livro o empoderamento feminino como estratégia para uma transformação no regime de representação vigente.

Para recapitular um pouco da amplitude do discurso feminista no qual me ancoro, irei situar brevemente os movimentos feministas, que têm, como reivindicação central, a luta pela libertação da mulher. O movimento começou a ser difundido durante o século XIX e início do século XX, com a busca por participação política e igualdade, como o direito ao voto e à posse de bens. O que se sucedeu foi uma organização ainda maior e mais sólida das mulheres. As décadas de 1960 e 1970 foram palco de vários marcos do feminismo, como o protesto conhecido como queima de sutiãs nos EUA, que teve repercussão midiática mundial, e o reconhecimento do dia 8 de março como o Dia Internacional da Mulher, instituído pela ONU<sup>24</sup>, em 1975. Recentemente, dentro do próprio feminismo, tornou-se fundamental a existência de vertentes mais específicas, como o Feminismo Negro, o Interseccional, o Transfeminismo e o Feminismo Lésbico. Isso se dá porque a teoria feminista se reestruturou a partir da constatação de que as mulheres são plurais, e que, mesmo sendo pessoas do mesmo gênero, elas não tiveram a mesma origem, não vivem nas mesmas condições e não compartilham exatamente a mesma história. “Quando antes havia uma busca pela emancipação, atualmente as mulheres lutam contra uma variedade de estereótipos que abrangem extremos do que se quer delas” (MARANHÃO, 2016. p. 12). Segundo Biroli,

---

<sup>24</sup> Organização das Nações Unidas.

trata-se de um feminismo diferente na sua forma de organizar-se e de manifestar-se, em que têm papel importante mulheres jovens e suas interações no ambiente da internet. É descentralizado e mesmo fragmentado, mas mostra uma capilaridade social que é, por si só, um acontecimento político (BIROLI, 2018, p. 17).

Pois bem. dispomos, então, de uma ideia inicial do que foram e são os movimentos feministas e de qual a importância da representação imagética para a sociedade em que vivemos atualmente. Falamos também um pouco sobre como a representação vigente das mulheres não abrange toda a sua complexidade, pelo contrário, a reduz em vários momentos. E como isso afeta a construção da própria identidade feminina individual e coletiva. Para ancorar de onde vem todo esse descontentamento com a forma de representação da mulher no contexto atual brasileiro, e também esclarecer melhor como esses padrões impostos à mulher influenciam tanto na vida privada, quanto na vida pública, contestando, inclusive, os próprios pilares que regem a organização da democracia brasileira atual, recorro aos estudos e publicações da autora Flávia Biroli, uma cientista política brasileira especialista em teoria política feminista.

As relações de gênero atravessam toda a sociedade, e seus sentidos e seus efeitos não estão restritos às mulheres. O gênero é, assim, um dos eixos centrais que organizam nossas experiências no mundo social. Onde há desigualdades que atendem a padrões de gênero, ficam definidas também as posições relativas de mulheres e de homens - ainda que o gênero não o faça isoladamente, mas numa vinculação significativa com classe, raça e sexualidade (BIROLI e MIGUEL, 2014, p. 8).

No dicionário da língua portuguesa Michaelis<sup>25</sup>, a democracia é definida como sistema de governo em que cada cidadão tem a sua participação; sistema político dedicado aos interesses do povo, caracterizado pela liberdade no ato eleitoral; e ainda, forma de governo que tem o compromisso de promover a igualdade entre os cidadãos. Se mais da metade da população está sub-representada, não adentrar às pautas feministas significa uma ameaça não só às mulheres, mas também ao funcionamento da democracia como um todo. Biroli (2018) demonstra que temas como a divisão sexual do trabalho, sexualidade, família e maternidade, da maneira como são estruturados, prejudicam a participação política feminina.

Quanto mais a divisão sexual do trabalho doméstico incide como problema e obstáculo na vida das pessoas, mais distantes estão elas do sistema político. Quanto mais envolvidas estão com o trabalho doméstico cotidiano, menores e menos efetivos são os instrumentos de que dispõem para politizar as desvantagens que vivenciam e as hierarquias assim estruturadas (BIROLI, 2018, p. 46).

---

<sup>25</sup> Disponível em <<https://michaelis.uol.com.br/palavra/zpWV/democracia/>> Acesso em 30 mai, 2019.

As temáticas que Biroli, em seus estudos, considera fundamentais para explicar os padrões atuais das desigualdade de gênero, situando-as no contexto brasileiro, estão entre as principais temáticas apontadas como o que as mulheres entrevistadas na pesquisa de opinião gostariam de ver representadas e discutidas no livro ilustrado proposto. Sendo assim, percebo que as mulheres, militantes ou não, muitas vezes, sentem mais falta da igualdade e representação em temas semelhantes aos que as discussões feministas consideram extremamente necessários para análise e reconstrução, ligados diretamente à política e à democracia no nosso país. Em vista disso, esses assuntos também serão o recorte principal do livro ilustrado pretendido. Apresento aqui uma definição, à luz das contribuições dos estudos feministas, dos quatro perfis temáticos que abordo no livro, para percebermos melhor o que significa e o que transpassa essa necessidade de representação específica apontada pelas mulheres nos questionários realizados.

#### **a) Mulheres no trabalho:**

Ao conversar com as mulheres entrevistadas durante a aplicação de questionários, pude observar que quando afirmam que desejam se enxergar no ambiente de trabalho, elas se referem ao trabalho remunerado. Referem-se a ver mulheres em posições de poder, em uma relação hierárquica trabalhista em horizontalidade com os homens. Nas conversas, elas não se referiram ao trabalho doméstico. Até mesmo porque este, frequentemente, não é visto como um tipo de trabalho, e sim como uma obrigação destinada à mulher, principalmente à mulher casada. Quando essas mulheres dizem que anseiam por sua representação no mercado de trabalho, acredito que elas estejam falando também das subjetividades que envolvem esta representação. A ideia de uma mulher trabalhando com dignidade e sucesso profissional representa independência, principalmente financeira, em relação aos homens. Representa a saída do trabalho doméstico não remunerado para o ambiente de participação pública. Representa igualdade de poder entre os sexos e autonomia individual.

A divisão sexual do trabalho e as formas da construção do feminino a ela relacionadas fazem com que as mulheres tenham chances relativamente menores do que os homens de ocupar posições na política institucional e de dar expressão política, no debate público, a perspectivas, necessidades e interesses relacionados à sua posição social. Têm, com isso, menores possibilidades também de influenciar as decisões e a produção das normas que as afetam diretamente. A cidadania das mulheres é, portanto, comprometida pela divisão sexual do trabalho, que em suas formas correntes, contribui para criar obstáculos ao acesso às ocupações e recursos, à participação política autônoma, e à autonomia decisória na vida doméstica e íntima (BIROLI, 2018, p. 24).

No contexto atual brasileiro, o direito das mulheres possuírem trabalhos assalariados no sistema produtivo foi conquistado. Porém, foi conquistado em partes. Muito se diz sobre o trabalho duplicado, ou a dupla jornada de trabalho, já que a mulher continua sendo a maior responsável pelo trabalho doméstico e pela criação e educação dos filhos, sendo levada a fazer isso, muitas vezes, pela crença social do “dever materno” e do “cuidado”, em nome do que seria “natural” da mulher e inerente a ela. Outro aspecto que deriva da reprodução do entendimento de que mulheres e homens têm competências diferenciadas, associando o feminino ao trabalho doméstico, é a ideia de que a mulher é menos qualificada para exercer determinadas funções (sendo estas, na maioria das vezes, as funções com maior valor social adicionado, como políticos, padres e militares) por causa das características feministas supostamente intrínsecas: o semblante da mulher histérica, da mulher louca, da mulher irracional. As consequências disso se dão no fato das mulheres serem menos reconhecidas e menos remuneradas pelo trabalho que realizam, além da dificuldade em conseguir empregos em cargos de maior notoriedade social, nos quais os homens têm prioridade.

Um dia, na fila para comprar a passagem do ônibus, escuto o seguinte discurso, feito de um homem branco para outro: “hoje em dia o casamento está fadado. As mulheres se separam quando o homem não tem dinheiro. Elas não se importam mais com a família, não querem ter trabalho. Me diga que mulher, hoje em dia, faz igual a minha mãe, esquenta a barriga no fogão com o menino no colo? As mães não têm mais paciência para cuidar dos filhos. Eu nasci com uma doença, não conseguia andar e babava. Os médicos diziam que eu não iria sobreviver. Mas minha mãe acreditou em mim, e continuou casada sem abandonar o filho. Se tivesse nascido hoje em dia, tinha morrido”. Pensei comigo mesma: “ainda bem que isto está acabando. Ainda bem que as mulheres estão, aos poucos, se recusando a esse papel em que manter a família, o casamento e os enfêrmos é função somente delas”. Com base no questionário realizado, eu diria que este homem se engana quando diz que as mulheres não querem ter trabalho. Elas querem, e muito, se ver no mercado de trabalho. Elas almejam pelo trabalho reconhecido, remunerado e igualitário. A partir dessa pequena narrativa, fica clara uma das premissas das quais Flávia Biroli (2018, p. 10) parte nas suas argumentações: “O que se passa nos espaços definidos como privados e domésticos é significativo para a análise da democracia”, afinal, o privado e o íntimo são atravessados pelas relações de poder.

## **b) Mulheres em movimentos sociais:**

Segundo Biroli (2018), a política é atualizada como espaço masculino. Ao longo da história brasileira, o espaço público e as instituições políticas trabalharam e ainda trabalham com base em um ideal de universalidade e igualdade que não se concretiza, pois as mulheres, e também outros grupos subalternizados, ficam às margens da sociedade. Em geral, as mulheres não se veem representadas na política. E, além disso, suas demandas e apontamentos sobre decisões políticas e sociais do governo são desmerecidas e apagadas das discussões e da mídia tradicional brasileira. Historicamente, as mulheres foram às ruas em busca dos seus direitos, e tiveram muitas conquistas nesse sentido, como o direito ao voto e à educação. O direito ao voto, por exemplo, não se trata apenas do direito de votar. Se trata do direito das mulheres em serem reconhecidas enquanto cidadãs. Enquanto sujeito. Poder ter acesso à educação não significa apenas aprender ciências e matemática. Significa poder construir uma formação rumo à independência do sustento masculino e à libertação do trabalho doméstico e cuidado como únicas opções de vida. É o direito à pensar por si próprias.

Da mesma forma que essas conquistas simbolizam questões muito mais profundas do que aparentam num primeiro momento, a grande demanda, manifestada entre as mulheres que participaram da pesquisa de opinião, em se verem representadas em movimentos sociais, também significa. Acredito que essa demanda se dá pelo que esses movimentos representam sobre as mulheres ao longo da história e simbolizam até hoje. Mulheres fortes, conquistadoras e independentes, que lutam suas próprias lutas nos espaços públicos e se inserem nas decisões políticas e sociais. Ver mulheres em movimentos sociais é ver mulheres que falam. É ver mulheres fugindo do silenciamento imposto a elas em diversas áreas e, principalmente, na atuação e representação política. Segundo Biroli,

a baixa presença e mesmo ausência, em muitos casos, das mulheres em cargos eletivos e de primeiro escalão, no âmbito estatal, não significa que não atuem politicamente, mas, sim, que essa atuação é dificultada e, quando existente, ocorre em ambiente político historicamente masculino, em que predominam brancos e proprietários (2018, p. 175).

Ainda assim, as mulheres resistem. Elas têm atuado em sindicatos, partidos e movimentos sociais, não só em defesa dos seus direitos, mas também em outros contextos nacionais. Elas têm ganhado voz nas redes sociais e conquistado seu lugar em publicações autorais em diversas áreas, como na literatura, na produção artística e no mercado da música.

### **c) Mulheres se ajudando:**

É impossível falar de mulheres se ajudando sem evocar o conceito de sororidade. Esse termo foi cunhado pelo feminismo contemporâneo como uma aliança entre as mulheres. Segundo Marcela Lagarte y de los Ríos (2009), a palavra sororidade não é encontrada na língua portuguesa. Entretanto, a palavra fraternidade é de amplo conhecimento. Ambas são oriundas do latim: *sóror* significa irmãs; e *frater*, irmãos. Ou seja, sororidade seria a solidariedade e irmandade entre mulheres, enquanto que fraternidade significaria a solidariedade e irmandade entre os homens. Apenas o último termo foi legitimado em nossa língua. O sistema patriarcal estimula a rivalidade entre as mulheres, fazendo com que elas se comparem umas às outras e criem uma espécie de hierarquia, na tentativa de serem reconhecidas pelos homens e possuírem poder. Essa rivalidade impede que mulheres se identifiquem umas com as outras, criando uma situação de opressão, em que julgamos a nós mesmas e às outras mulheres, de forma a contribuir com a dominação masculina. A competitividade faz com que as mulheres sejam utilizadas para reproduzir a opressão de gênero entre elas, reforçando o sistema patriarcal.

Entretanto, quase nenhuma mulher acha essa situação agradável ou mesmo benéfica para si. Pode observar isso no próprio questionário aplicado. A maioria das mulheres entrevistadas acredita que as mulheres em geral gostam de julgar umas às outras. Entretanto, cria-se um paradoxo quando quase a totalidade das mulheres que responderam ao questionário afirmam que elas próprias não se sentem bem ao fazer isso, ou seja, não gostam ou tiram proveito desses julgamentos. Essa incoerência revela que a misoginia incitada entre as mulheres é, na realidade, deturpada, pois elas não sabem, exatamente, porque julgam umas às outras, e quem se beneficia com isso. O conceito de sororidade surge, então, para tentar se opor a esse julgamento infundado, ou ainda, fundado na própria misoginia fomentada pelas relações desiguais entre os gêneros.

Para os feminismos contemporâneos, a sororidade assume uma dimensão ética, política e prática (estética) e dentro da qual as mulheres praticam relações que, através do apoio mútuo, buscam contribuir para a eliminação das formas de opressão patriarcal. Desse modo, a sororidade é a consciência crítica da misoginia e de seus fundamentos e dos prejuízos que deixa para as mulheres. É um esforço consciente em nível pessoal e coletivo com o objetivo de desmontar a cultura patriarcal vigente em nossa sociedade. Por meio dessa prática, as mulheres buscam transformar não somente suas relações com outras mulheres, mas sobretudo buscam transformações sociais – especialmente políticas, econômicas e jurídicas (BARBOSA e BECKER, 2016, p. 245 e 246).

Um exemplo positivo nessa perspectiva é o movimento “Vamos Juntas?”, da jornalista Babi Souza, que propõe às mulheres que, ao andarem na rua, se houver outra mulher indo na mesma direção, que andem juntas mesmo sem se conhecerem, na tentativa de evitar assaltos e assédios. O movimento teve grande repercussão, tornando-se um livro que se apresenta como um guia da sororidade para todas, explicando de forma simples, entre outros termos, o mito da rivalidade feminina:

Trata-se de um mito próprio da ideologia da dominação masculina que se sustenta em mil invenções sobre uma suposta natureza feminina avessa à condição das mulheres como seres capazes de apoiar e ajudar umas às outras. Ora, a manutenção do poder patriarcal precisa que se evitem certos pensamentos e ações que as mulheres possam ter. A união das mulheres é tida nesse contexto como um perigo que se deve evitar (SOUZA, 2016, p. 7)<sup>26</sup>.

Essa concepção é sustentáculo para o livro ilustrado proposto, embora exista a ciência de que o termo é subjetivo o bastante para, muitas vezes, não abarcar a totalidade das mulheres em suas aplicabilidades, tornando-o contestável por muitas vertentes importantes do feminismo. Muitas vezes, a sororidade, na prática, é seletiva. Um exemplo disso é a marginalização das mulheres transsexuais dentro do próprio movimento feminista.

Vilma Piedade (2017) cunhou, recentemente, o termo Dororidade, pois, para ela, “sororidade parece não dar conta da nossa pretitude” (PIEIDADE, 2017, p. 17). Assim, esse novo termo seria para abarcar “as sombras, o vazio, a ausência, a dor causada pelo racismo” (PIEIDADE, 2017, p. 16). Todavia, se entendermos a sororidade justamente como uma forma de alteridade entre mulheres que respeitam e escutam as distintas opressões sofridas por cada uma, opressões estas que perpassam não somente o gênero, mas também outras desigualdades sociais, e tentam se unir para lutar por todas essas causas, temos então uma rede que não se limita às semelhanças entre as mulheres, e sim, que reconhece e abraça as diferenças entre elas.

#### **d) Sexualidade da mulher:**

Aos homens héteros, sempre houve abertura e o privilégio de falar sobre sexo, e também de desejar o prazer sexual e discutir as relações sexuais entre si. Aos homens héteros é permitido o compartilhamento de experiências sexuais de forma casual e socialmente aceitável, e até, considerado uma prática que conquista o respeito dos ouvintes. A liberdade

---

<sup>26</sup> Trecho retirado do prefácio, escrito por Márcia Tiburi.

sexual masculina e hétero-normativa é esperada e, inclusive, incentivada pelos pais. Encontrar uma revista *Playboy* no quarto do filho é sinal de que ele é saudável em sua adolescência. Presenteá-lo com camisinhas é, então, uma atitude de preservação da saúde sexual do filho, e também aval para que as relações sexuais ocorram. Já a liberdade sexual da mulher, desde as primeiras fases da vida, é castrada. Encontrar algo no quarto da filha adolescente que indique qualquer tipo de interesse sexual é preocupante e vergonhoso para os pais. Um grupo de amigas que conversam livremente sobre suas experiências sexuais em um lugar público é considerado desagradável e taxado como promiscuidade.

Quanto mais o homem satisfaz os seus desejos sexuais héteros, melhor visto, ele é, pela sociedade. Essa é considerada a natureza do homem, a qual ele não pode evitar, e que lhe é própria. Às mulheres, reserva-se a castidade e a reprodução. A relação sexual é legitimada apenas no casamento. E então, se torna obrigação. O homem que trai não foi devidamente satisfeito pela sua esposa. À esposa que trai, tem-se o julgamento e a punição social. Diante de alguns cenários que podam a discussão sexual entre as mulheres, elas demonstram, através da pesquisa de opinião realizada, certa sua indignação. Como trazido antes, quase 80% das entrevistadas tem interesse em saber mais sobre gênero e sexualidade. Muitas mulheres querem ter liberdade para falar sobre a sua própria sexualidade. Discutir técnicas, problemas, mudanças corporais, experiências, gostos, saúde sexual, métodos contraceptivos, direitos sexuais, orientação sexual, preferências. Precisamos que a sexualidade feminina seja reconhecida, aceita, discutida e legitimada.

O direito sexual das mulheres é construído a partir de questões negativas, como o

direito de não ser vítima de estupro, abuso, tráfico, exploração, mutilação e violência sexual. Obviamente é indiscutível que ser livre de coação, violência e abusos sexuais é um direito fundamental da mulher (nenhuma mulher pode gozar plenamente de sua sexualidade sob ameaça de estupro, espancamento e de uma gravidez indesejada), no entanto, o fato de as mulheres só constarem como vítimas – ao invés de agentes no exercício da sua sexualidade – reforça a visão patriarcal na qual as mulheres são seres dessexualizados, sem poder e vítimas passivas de violência do macho (CHACHAM; MAIA, 2004, p. 83).

É de extrema importância na luta contra a violência sexual que as mulheres parem de ser consideradas objetos da sexualidade dos homens ou receptáculos para dar continuidade à humanidade e passem a ser vistas como seres atuantes, com sexualidade própria e direito de escolha sobre ela.

### 3.2. Subjetividade e representações visuais do feminismo na mídia

Ao tentar definir o que é a subjetividade a qual me refiro neste memorial, posso afirmar que o próprio conceito de subjetividade é subjetivo, e um tanto controverso. Segundo Lauretis (1984), a subjetividade do sujeito é construída por meio do processo da experiência.

Através desse processo a pessoa se coloca ou é colocada na realidade social e assim, percebe e compreende como subjetivas (que se originam no indivíduo e se referem a ele próprio) aquelas relações - materiais, econômicas e interpessoais - que são, na verdade, sociais, e, numa perspectiva mais ampla, históricas<sup>27</sup> (LAURETIS, 1984, p. 159).

Na concepção de Sartre (2015), o subjetivo perde força a partir do momento que o percebemos. Percepção esta que se dá, sempre, a partir de elementos objetivos. Isso porque a subjetividade acontece nos elementos da nossa ignorância. Para ele, existem duas características essenciais e contraditórias da subjetividade: a primeira é que o homem se repete indefinidamente. A segunda, que o ser humano não cessa de inovar; de inventar a si mesmo. Existe sempre uma reação do que ele inventou sobre ele próprio.

O sujeito constrói a sua subjetividade na relação com o mundo e com os outros indivíduos, todos inseridos em um mesmo contexto e em determinado período sócio-histórico. No processo de construção da subjetividade, são incorporados, a partir da influência da cultura, modos de linguagem, hábitos e costumes e padrões de comportamento e de valores, inclusive modelos de apreciação estética, isto é, do que é belo ou feio, principalmente com relação ao corpo (BORIS; CESÍDIO, 2007, p. 463).

Entendo, assim, a subjetividade da mulher como algo individual para cada uma em sua essência, mas, ainda assim, interpelada por questões sociais que comunicam entre si, pois as experiências de todas as mulheres na nossa sociedade são interpeladas pelo histórico do que sofreram e pelo que ainda sofrem com as desigualdades de gênero.

Enxergo na subjetividade feminina, questões em comum, e, partindo do princípio de Sartre (2015) de que a nossa subjetividade é renovada a todo momento e a cada experiência, entendendo essa modificação não como uma subjetividade que substitui a outra, mas sim, que a completa e ressignifica. Sendo assim, experiências semelhantes podem construir aspectos subjetivos semelhantes. Para Boris e Cesídio (2007), a luta feminista não se voltou somente para a igualdade de direitos, mas, também, para o que chamam de libertação do sofrimento psíquico, causado pela marginalização de seu corpo e seus desejos na sociedade. É nessa

---

<sup>27</sup> Tradução livre.

libertação do sofrimento psíquico que o livro ilustrado atua, pois podemos, através da ilustração, acionar aspectos da subjetividade feminina.

Para esclarecer melhor esse aspecto, apresento um exemplo: a sereia, enquanto figura mitológica, está associada a uma mulher mística, poderosa, independente, sedutora e bela. Na Idade Média, personificava pecados como a vaidade e luxúria, carregando forte teor sexual. Atualmente, o termo aparece nos dicionários Michaelis On line<sup>28</sup> e no Aulete Digital<sup>29</sup> para referir-se a uma “mulher muito atraente”, na linguagem figurada. A imagem das sereias no cinema, na literatura e na mídia em geral é apresentada ao público como uma mulher magra, branca, com traços europeus e cabelos longos. Essa visão da sereia é, então, cristalizada em nosso imaginário individual, e, com isso, associamos os aspectos que circundam a figura da sereia - mística, poderosa, independente, sedutora e bela - à mulher branca, magra e europeia de cabelos longos. Logo, outras mulheres, com outras características físicas, “não podem” ser sereias. E isso se dá de uma forma inconsciente em nosso imaginário.

Para desconstruirmos essa visão, é necessário que algo ou alguém discorde disso, afetando assim, a nossa subjetividade. É possível que uma mulher negra, gorda e de cabelo curto veja a ilustração de uma sereia com as características físicas mais parecidas com as dela, e não com as da mulher europeia, e se identifique, pela primeira vez, com a figura da sereia e com o que ela representa. Também é possível que essa mulher se dê conta do quão segregativa a mídia de massa é com ela. Podem todas as mulheres se verem como sereias? Por que não podem? O que as impede?

Durante vários períodos da história encontramos uma imagem que é venerada pelos indivíduos na sociedade e que seria o corpo que as mulheres deveriam ter como meta a atingir. Essa imagem é mutável com o passar dos anos, mas, cada vez em que se altera, o corpo e a mulher vão sendo deixados de lado enquanto seres vivos, humanos e subjetivos, e passam cada vez mais a serem vistos como objeto e imagem (MARANHÃO, 2016. p. 24).

A rejeição de um padrão, não somente de beleza ou de valores, mas um padrão da própria *existência*, coletiva e individual, surge com força neste projeto. O livro ilustrado sugerido entende o universo feminino com um formato diferente do universo masculino, com particularidades e necessidades diferentes, mas igualmente autônomo. Capaz de metamorfosear o mundo, ainda que este seja moldado por referências masculinas. Em contrapartida, a sociedade contemporânea fabricou um padrão de corpo, no qual todos - e

---

<sup>28</sup> <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/sereia>

<sup>29</sup> <https://www.aulete.com.br/sereia>

principalmente todas - devem se amputar para caber, sob a constante ameaça da invisibilidade social. A autora Soares-Correia (2015), trazendo contribuições de Novaes (2011), acredita que ser diferente numa sociedade massificada, mais que incomodar, agride. Aquilo que destoa do padrão de beleza definido pela cultura deve ser ocultado e suprimido, principalmente nos lugares públicos. Isso influencia diretamente no mapa conceitual compartilhado, que se pauta naquilo que é visível. Ciclicamente, os sentidos compartilhados e também a mídia reforçam esse silenciamento, fazendo com que todo o exterior à bolha do convencional deixe de ser visto, passando a ser ignorado, desconhecido e até temido pela sociedade.

Essa padronização que as mulheres são compelidas a engolir é, na prática, inalcançável. Segundo Wolf (1992), nenhuma mulher consegue sobreviver ilesa ao escrutínio devastador do que ela chama de ‘mito da beleza’. Esse paradigma estético causa em todas as mulheres uma sensação de incapacidade, impotência e constante frustração consigo mesmas. Acima de tudo, sentem-se sozinhas. Incentivadas pela mídia a competir umas com as outras, obrigadas a se adequarem a algo humanamente impossível, coagidas a se tornarem mudas e acusadas de serem insuficientes até que não precisem mais do julgamento externo, já que internalizam desde jovens a sua suposta debilidade inevitável em relação aos homens.

Temos que se a beleza que se vê é a primeira condição da felicidade, então é preciso ser bonito (leia-se, padronizado) para ser feliz. Desse modo, o corpo padrão de beleza, materialidade do indivíduo e materialização da beleza de cada um, passa a ser imperativo para a felicidade na sociedade contemporânea... Chegou-se a um ponto em que o consumo invadiu todas as entranhas da existência, por conseguinte, também a mídia condiciona, orienta e determina o estilo de vida a ser seguido (e consumido). As ações midiáticas agregam ao produto uma aura mágica, muito além de seu valor de uso, advinda de uma construção simbólica que abre caminho para necessidades psicológicas produzidas, que com o tempo passam a ser necessidades genuínas (SOARES-CORREIA, 2018. p. 218).

A ditadura, não da beleza, mas do padrão, afeta desde as inclinações mais simples, como o anúncio que clicamos no *Facebook*, às agonias mais profundas, como distúrbios bulímicos, anoréxicos e depressivos. Ao perceber o quanto essas convicções mutilam o universo feminino diariamente, o livro ilustrado previsto quer fugir dessa lógica ditatorial. Anseia contribuir para que as mulheres descubram que seus obstáculos, experiências, frustrações e prazeres não são isolados nem fruto de problemas unicamente individuais, mas, ao contrário, são partilhados por outras mulheres. Existe aqui uma ambição por suscitar o questionamento e reivindicação na consciência das mulheres. Alves e Pitanguy (1981)

defendem que, vivendo anonimamente o seu cotidiano, as mulheres vêm tentando transformá-lo e recriar a sua relação com o mundo, com os companheiros, com os filhos e consigo mesmas. Isso é empoderamento. Veremos nós mesmas de uma forma menos crítica em frente ao espelho é empoderamento. A simples possibilidade de autoconhecimento sem acoite já é empoderamento. Em função disso, um dos objetivos da ideologia feminista é “denunciar, desvendar e transformar a construção social da *imagem* da mulher” (ALVES E PITANGUY, 1981. p. 64).

As próprias experiências visuais femininas são distintas e estão repletas de subjetividade. Segundo Berger (1999, p. 51), “os homens olham para as mulheres. As mulheres vêem-se a serem vistas. Isto determina não só a maioria das relações entre homens e mulheres como também as relações das mulheres consigo próprias”. Acredito que o modo como as mulheres se enxergam e enxergam o mundo não se limita de forma alguma a essa afirmativa, porém, “as culturas estão repletas de prescrições sobre o que se deve obrigatoriamente ver, assim como o que não se deve ver (caso em que se converte em tabu), assim como prescrições sobre quem pode ou quem não pode ver, e quem deve ou não deve ser visto” (SÉRVIO, 2014. p. 202). Assim, no livro proposto, a intenção é que a vida privada e cotidiana seja representada de forma a modificar e agregar subjetividades, sentimentos e desejos. Não é apenas a realidade em si da vida da mulher que a força a ser submissa ao homem, mas também as subjetividades que a cercam. A subjetividade a influencia diretamente, e, muitas vezes, é motivo para a solidão e infelicidade femininas.

A mídia, principalmente a mídia de massa, contribui fortemente para a construção das nossas subjetividades individuais e coletivas. Nessa perspectiva, a imagem, como afirma Debord (1967), atua como mediadora de velhas e novas formas de poder. Na minha percepção, o poder do domínio patriarcal que se exerce sobre as mulheres ao longo da história se encaixa nesta afirmativa. Ele perpetua até hoje na nossa sociedade como algo natural da humanidade, mas que, na realidade, é uma construção cultural, passível de mudança.

Evoquemos a questão do imperativo da juventude para exemplificar essa influência midiática. Todos os dias, somos bombardeados com propagandas de cosméticos e outros produtos com o objetivo de disfarçar ou desacelerar o envelhecimento da mulher. Dizer que uma mulher de 50 anos aparenta ser mais nova tornou-se um elogio. Consequentemente, afirmar que ela parece mais velha, ou até que aparenta a idade que tem torna-se uma ofensa.

Para Ribeiro (2005), isso altera a percepção do que é a aparência de uma mulher de 50 anos, o que tem profundas consequências na autoestima feminina.

Manchetes como “Procedimento estético não invasivo promete rejuvenescer o rosto - Mini *lifting* é opção para quem busca cirurgia plástica para rejuvenescimento do rosto com resultados naturais”, publicada em janeiro de 2019, no jornal online de Espírito Santo Folha Vitória<sup>30</sup>, são comuns e aceitas socialmente. A manchete vem acompanhada de uma imagem que retrata uma mulher jovem, com traços europeus, sem marcas da idade ou qualquer “imperfeição” na pele, deitada em uma mesa cirúrgica e sorrindo enquanto o profissional realiza o procedimento. Esse tipo de “obrigação social” afeta diretamente o dia a dia das mulheres de forma negativa, já que, na prática, é impossível permanecer jovem para sempre. Em uma das postagens da página do Facebook “Outras Meninas”, da ilustradora Manu Cunhas (Figura 18), é possível identificar, através do relato feito por uma das colaboradoras anônimas do projeto, como isso é absorvido pelas mulheres e, inclusive, cobrado.



**Figura 18:** Captura de tela de uma postagem da página Outras Meninas no *Facebook*.

**Fonte:** Postagem do dia 9 de dezembro de 2016 da página Outras Meninas no *Facebook*. Disponível em: [<https://www.facebook.com/outrasmeninas/>](https://www.facebook.com/outrasmeninas/)

<sup>30</sup> AGNEZ, Larissa. Procedimento estético não invasivo promete rejuvenescer o rosto. **Jornal Folha Vitória**. 08 jan. 2019. Disponível em: <https://www.folhavitória.com.br/saude/noticia/01/2019/procedimento-estetico-nao-invasivo-promete-rejuvenescer-o-rost>> Acesso em: 23 mar. 2020.

Goldenberg (2002) fala do conceito do corpo brasileiro enquanto capital. Mas não qualquer corpo, apenas aquele que é magro, jovem, sexy e em boa forma. No Brasil, “o corpo trabalhado, cuidado, sem marcas indesejáveis (rugos, estrias, celulites, manchas) e sem excessos (gordura, flacidez) é o único que, mesmo sem roupas, está decentemente vestido” (GOLDENBERG e RAMOS, 2002. p. 29). Assim, o corpo idoso e as marcas da idade incomodam e “não devem” ser vistos em público.

Silvana Mota-Ribeiro (2005) afirma que as imagens que nos são apresentadas e as imagens que perpetuamos mudam a forma como percebemos o mundo e seus símbolos. É justamente essa característica que faz com que o livro ilustrado que proponho possua potência de empoderamento, e é também essa característica que torna a mídia tão poderosa na construção dos sentidos compartilhados do que se espera que sejam as mulheres, e principalmente, do que se espera que não sejam. Segundo Wolf (1992), as produções destinadas às mulheres não só refletem mudanças históricas, como são igualmente ativas na determinação dessas mudanças.

Atualmente, o feminismo ganha cada vez mais espaço na mídia. Porém, a midiaticização do feminismo vem acompanhada de estereótipos, como é o caso da cobertura de movimentos como a “Marcha das Vadias”. Para exemplificar essa condição estereotipada angulada pela mídia, falemos de um episódio que se passou com a minha mãe em um salão de beleza. Ao descobrir que a minha mãe era integrante de um movimento feminista, a cabeleireira espantou-se e fez o seguinte comentário: “Você é feminista? Mas eu achava que as feministas eram aquelas mulheres que passam na TV, que não se depilam e saem na rua sem sutiã”. É possível perceber, a partir desse comentário, que o enquadramento realizado em várias reportagens ressalta alguns aspectos do movimento e aliena diversos outros, descontextualizando a manifestação de seu real objetivo e reivindicações.

Outra condição em que o feminismo se destaca na mídia é quando vinculado à publicidade, seja ela de clipes musicais, séries, marcas de roupa, maquiagens ou produtos para cabelo. Essa vinculação é extremamente positiva no sentido de instigar o debate sobre feminismo entre o público e também de tornar “moda” aquilo que antes era mal visto. É o caso de um recente, porém extenso mercado de produtos para cabelos cacheados e para a transição capilar do cabelo alisado ao naturalmente cacheado. Diversas mulheres se sentiram livres da “chapinha” e de produtos químicos que prejudicam a saúde capilar, utilizados para adequá-las a um padrão de beleza do cabelo liso, que atualmente, já não é mais o único

padrão, pois a publicidade trouxe à tona a “moda” do cabelo cacheado. Moda esta que tampouco foi “criada” pela mídia, já que essa é uma das reivindicações do movimento feminista negro.

Entretanto, diversos pontos negativos surgem dessa veiculação do feminismo atrelada ao consumo. É o caso do “cacho perfeito”. Cabelos crespos ou com cachos “não definidos” são excluídos da moda vigente. As imagens que representam algum tipo de ativismo, como a imagem de alguém que se veste fora dos padrões impostos pela sociedade, ao invés de serem cristalizadas no mapa conceitual compartilhado como representação do questionamento ao sistema e da busca por sua desconstrução, é incorporada pela máquina capitalista, que converte os elementos simbólicos do ativismo em “um objeto de consumo como outro qualquer, para ser aproveitado de maneira alienada, logo descartado, esquecido e substituído por outro igualmente descartável” (DOMINGUES e MIRANDA, 2018, p. 55). É assim que a mídia, “como produtora de discursos e representações, divulga os padrões que servem de modelo para o público e que podem influenciar em nosso modo de agir e de pensar. Ajudando ainda a padronizar comportamentos sociais e a construir identidades” (ARAÚJO; PAIVA; SILVA et. al., 2016, p. 4). A midiaticização passa a ser, portanto, uma nova forma de compreender o mundo. Ainda assim, não se desassocia do sistema de dominação masculina em que vivemos.

A partir do século XX, as normas e imagens ideais do feminino foram propagadas em larga escala pela imprensa feminina, a publicidade, o cinema e a fotografia e tornaram-se parte do cotidiano de homens e mulheres (Lipovetsky, 2000). São essas normas e ideais, transmitidos massivamente, que dizem a todos nós o que é uma mulher e o que, simultaneamente, formam e informam o feminino (MOTA-RIBEIRO, 2005, p. 52).

Doravante, Wolf (1992) fala de como as revistas femininas, com todos os problemas e contradições que carregam, conseguiram fazer com que determinados assuntos saíssem da academia e dos coletivos feministas para a vida e debate entre as mulheres. “As histórias que contamos e o modo como nos imaginamos e nos representamos têm fortes implicações políticas, uma vez que o discurso é também um importante lugar de contestação de práticas sociais naturalizadas” (COSTA; D’OLIVEIRA; D’OLIVEIRA, 2012, p. 2). Assim, o livro ilustrado proposto faz parte de um conjunto de mobilizações e criações que assumem um papel de contestar a imagem que a mídia convencional cria e copia, tanto da mulher quanto do movimento feminista, informando e conectando-se com as mulheres brasileiras de forma

mais íntima e representativa, construindo narrativas mais completas e realistas do que significa ser mulher na conjuntura brasileira atual. Não obstante, existe a consciência de que esse produto abarca apenas uma mínima parte desse significado e da subjetividade feminina.

Não é um livro que procura explicar o feminismo ou a mulher, ou mesmo contestar a sociedade patriarcal diretamente. O que procuro é ajudar a preencher uma lacuna no mercado editorial, a dos livros ilustrados destinados a mulheres adultas e suas histórias e, principalmente, fazer parte da produção e propagação de algo que modificou profundamente a minha própria subjetividade. Para Sartre (2015), a invenção depende de uma certa subjetividade humana. O que aflorou a minha foram essas ilustrações.

O mundo dos desenhos e ilustrações sempre me encantou e me tocou de forma única. Sempre foi parte do leque de coisas que eu tenho apreço. É viva em minha memória uma ilustração do livro “Os Músicos de Bremen”, um dos primeiros livros infantis que chegaram às minhas mãos. Também não poderia nunca esquecer-me de quando ainda não sabia ler, mas folheava toda a coleção de enciclopédias de plantas e animais do meu pai em busca da ilustração de um ser vivo que eu achasse interessante. Só então perguntava ao meu pai o que o restante da página falava. De onde ele vinha, o que comia, onde vivia. Tudo isso só interessava se a ilustração interessasse previamente. Quando chegaram até mim, através das redes sociais, ilustrações e ilustradoras de extrema sensibilidade que conseguem tornar visível representações de mim mesma, de mulheres, das quais eu nem sabia que sentia tanta falta e necessidade, decidi que queria ser parte disso de alguma forma. Eu queria levar isso para outras mulheres e através de outros veículos, porque percebia que a maior parcela do público dessas ilustradoras são mulheres adolescentes ou jovens. O estereótipo da mulher “gostosa” (a puta) ou da mulher “para casar” (a virgem) já adentraram a memória coletiva da sociedade. Eu luto para que novas representações surjam nessa memória, e que a história seja reescrita pelas mulheres, inclusive visualmente. E que essas novas representações também sejam contestadas, e que outras venham à tona, mas que a produção feminina continue perpetuando em todos os âmbitos.

## 4 PLANO DE TRABALHO E PAUTA ESTENDIDA

Nessa parte estão inseridas as etapas mais práticas do trabalho jornalístico realizado, que são a definição das personagens ou grupos para comporem os perfis temáticos do livro ilustrado; a elaboração das pautas para a realização das entrevistas; e pensar a produção narrativa. Simultaneamente, fui desenvolvendo o projeto gráfico do livro e também as ilustrações, com base nos encontros e experiências que tive junto às fontes. Tanto as narrativas textuais quanto as narrativas ilustradas e o próprio *design* do livro precisavam conversar entre si e se completarem. Ainda assim, havia a extrema necessidade de que a ilustração ocupasse um lugar de destaque nas páginas, e que fosse completa em si, sem depender em nada do texto para narrar situações e, sobretudo, sentimentos.

### 4.1 As personagens

Para conceber o livro ilustrado de forma mais fiel às mulheres e aos temas selecionados, revelou-se necessário uma maior aproximação da realidade dessas mulheres para as quais o livro é destinado. Por isso, julguei fundamental recorrer a quatro perfis, um para cada tema e, conseqüentemente, cada capítulo do livro. Os pré requisitos para definição das fontes foram: a faixa etária (de 35 a 70 anos), embora nem todas as fontes tenham preenchido esse requisito; o distanciamento em relação aos movimentos feministas; e a conexão com os eixos temáticos. Entre as inúmeras formas de conduzir entrevistas, a que adequou-se melhor ao objetivo de compreender e vivenciar os cotidianos das personagens, em conjunto com as subjetividades que as cercam, foi a metodologia da Observação Participante, a partir dos princípios de Roviada (2015). Através desse método, pude ter uma visão mais íntima das histórias e realidades dessas personagens, participando das suas atividades diárias e adentrando os espaços que lhes são próprios.

Para compreender o perfil temático “mulheres no trabalho”, escolhi a veterinária Patrícia Santana, uma mulher de 45 anos, que também é proprietária do *pet shop* Dr. Doggie em Lagoa Santa, MG, e vice presidente de um grupo de empresários da região metropolitana de Belo Horizonte, o BNI. Já para o tema “mulheres em movimentos sociais”, entrevistei a ambientalista Maria Teresa Corujo, mais conhecida como Teca, de 60 anos. Teca é voluntária no movimento ambientalista há 18 anos, e, atualmente, se dedica em tempo integral à luta ambientalista contra a mineração, atuando no SOS Serra da Piedade, além de integrar a coordenação do Movimento pelas Serras e Águas de Minas (MovSAM) e do Movimento pela

Preservação da Serra do Gandarela. Ela também é conselheira no Sub Comitê Águas do Gandarela do Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio das Velhas, no Conselho do Parque Nacional da Serra do Gandarela e no Conselho do Monumento Natural Estadual da Serra da Piedade. O perfil temático “mulheres se ajudando” se deu de uma forma um pouco diferente dos anteriores, pois as personagens foram diversas. A partir de uma amiga da minha avó, Sueli Silva, de 66 anos, pude acompanhar três grupos que funcionam no Centro Comunitário da Comunidade Nossa Senhora de Lourdes, na cidade de João Monlevade, MG, ou na Capela do Santíssimo, que funciona no segundo andar do Centro. São eles: o grupo de bordado *Harmonia e Arte*, composto por 12 mulheres; o grupo de ginástica *De Bem Com a Vida*, do qual participam 32 mulheres; e o grupo do *Coral Nossa Senhora de Lourdes*, formado por 9 mulheres e 4 homens. As personagens que compõem o tema “sexualidade da mulher” são ainda mais diversas, pois uma das preocupações na escolha das fontes foi incluir mulheres de diferentes grupos sociais, apesar de ser impossível tentar abarcar todas as complexidades que essa temática carrega. Através da médica do Laboratório de Reprodução Humana do Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Minas Gerais (HC-UFMG), Simone Nery e da enfermeira obstetra Edna Mariz, conversei com três participantes de um grupo de medicina antiestresse com mulheres no processo de reprodução assistida do HC-UFMG, que preferiram não se identificar, e duas participantes de um grupo de medicina antiestresse com mulheres em situação de vulnerabilidade, também do HC-UFMG. Uma delas é Janete, e a outra não se identificou, por isso, chamo-a de S. no livro ilustrado. Além desses grupos, trago outras duas personagens: Eliane Vieira de Oliveira é cadeirante devido à poliomielite e trabalha como psicóloga e consultora em inclusão e diversidade para a empresa de consultoria empresarial Deloitte Touche Tohmatsu e para a empresa Vetor Inclusão, que desenvolve palestras, treinamentos, *workshops* e cursos de extensão *In Company* ou em instituições de ensino sobre inclusão social para pessoas com deficiência. Ela possui formação tecnológica em Química Industrial pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET), formou-se em Psicologia Clínica pela Universidade Paulista (UNIP) e especializou-se em Psicologia Organizacional e do Trabalhador (Mackenzie). Já Gisella Pereira Lima tem 38 anos e é uma mulher trans que trabalha como Coordenadora de um grupo que discute ações de políticas públicas para profissionais do sexo. Ela trabalhou na prostituição, no Governo de Minas, e foi uma das fundadoras do Movimento Gay das Gerais (MGG), na cidade de Montes Claros. Foi Conselheira Municipal (2016-2018) e Estadual dos Direitos da Mulher

(2017-2019), integrante do Comitê Técnico de Saúde Integral LGBT do Estado de Minas Gerais (2016-2017) e Membro da comissão organizadora da 3ª Conferência Estadual de Políticas Públicas e Direitos Humanos LGBT.

A viagem para me encontrar com essas personagens era sempre repleta de ansiedade, inquietude, expectativa e esperança. Já a volta variava. Ao sair da minha zona de conforto e dos ambientes e grupos sociais com os quais convivo, a sensação, claro, é de desconforto. Houve momentos de muita angústia, em que me perguntava se realmente fazia algum sentido uma produção como essa para um público-alvo como este. Outros de muita empatia, em que vi mulheres com muita garra nas suas lutas diárias, perseguindo um sonho. Outros, ainda, repletos de contradições. É muito curioso, por exemplo, escutar de uma mesma pessoa que o trabalho que você está fazendo é de extrema importância para ela, porque ela deixa de ser invisível e se sente reconhecida, e em outro momento, ouvir que com a filha dela não gostaria que eu conversasse, porque ela é “do empoderamento feminino”. Eu queria dizer que eu também sou. Mas não disse. Afinal, o objetivo do meu trabalho é justamente esse. Falar de feminismo e empoderamento de outras formas.

Um processo extremamente difícil para mim também se deu em uma das entrevistas. Acredito que esse é um dos diversos fardos que carregam os jornalistas. Para obter as informações que buscamos, também somos obrigados a ouvir diversas outras, que não estaríamos dispostos a ouvir enquanto indivíduos, mas enquanto profissionais, é preciso manter a compostura. Ouvi palavras muito duras. Palavras que atacaram a minha própria sexualidade e os meus valores mais íntimos, sem que quem as proferiu soubesse, ao menos, o quanto isso me atingia. Como manter a empatia na minha narrativa após ouvir tudo isso? Foi um processo interno muito difícil para mim. Mas importantíssimo, afinal, o meu objetivo não era retalhar de volta, era incluir. E, apesar das adversidades, acredito que fui bem sucedida em cumprir o objetivo inicial que eu pleiteava com a realização da observação participante.

A primeira entrevista se deu com a veterinária Patrícia, numa sexta-feira, dia 20 de setembro de 2019, na clínica de atendimento do *pet shop* Dr. Doggie. Acompanhei toda a sua rotina de trabalho neste dia, de 8h30 às 18h. Entre os atendimentos, conversamos sobre diversos assuntos, norteados pelas perguntas desenvolvidas previamente na pauta da entrevista. Também acompanhei Patrícia em uma das reuniões semanais do BNI, na terça-feira do dia 24 de setembro de 2019, de 06h30 às 9h30. A conversa com ela fluiu naturalmente, sendo possível visualizar vários momentos de sua vida sendo transpassados

pelo tema trabalho, já que sua carreira sempre foi um ponto chave na sua biografia e personalidade.

A segunda entrevista realizada foi com a ambientalista Teca, no dia 27 de setembro de 2019. Nos encontramos às 8h em frente à Arquidiocese de Belo Horizonte para irmos à 3ª reunião ordinária de 2019 do Conselho do Monumento Natural Estadual da Serra da Piedade, que se deu no Santuário Nossa Senhora da Piedade. Fomos e voltamos de carona com outro integrante do Conselho Consultivo, momentos em que tivemos a oportunidade de conversar um pouco. A reunião durou de 9h às 11h30. Após o término, Teca mostrou onde se localiza a sua casa, no bairro Quintas da Serra, em Caeté, e fez uma reza silenciosa na Basílica Nossa Senhora da Piedade. Ao chegarmos em Belo Horizonte, dividimos uma refeição no restaurante Café com Letras, no Centro Cultural Banco do Brasil, na Praça da Liberdade. Ali se deu a maior parte da entrevista, de 13h30 às 15h. Teca é uma personagem pela qual senti muito afeto. Sua ternura é tão grande quanto a força e a luta que carrega consigo.

A terceira entrevista sucedeu-se em três etapas, sendo que, para cada uma delas, uma mulher negra tomou frente nas conversas e até mesmo na organização dos grupos. A primeira etapa foi com o grupo do bordado, e se deu no dia 15 de outubro de 2019, das 14h às 16h30. Neste dia, Sueli se destacou. Ela organizou nossa conversa e até mobilizou o restante do grupo para uma exposição de seus trabalhos. O grupo possui diversos registros e fotografias de eventos desde o seu início, tudo muito bem organizado e datado. O segundo momento foi com o grupo de ginástica, no dia 16 de outubro de 2019, de 7h às 8h. Neste dia, Sueli não pode estar presente, porém, pediu à Irene que me recebesse. Irene organizou as atividades da ginástica naquele dia de forma que eu pudesse ver um pouquinho de cada coisa que fazem durante a semana, como a dança, os alongamentos e os exercícios musculares. Após a ginástica, nos reunimos sentadas em roda para conversarmos sobre o tema “mulheres se ajudando”, momento muito interessante para o desenvolvimento do perfil temático. A terceira etapa também aconteceu no dia 16 de outubro, de 19h30 às 22h, e teve palco na Capela do Santíssimo, onde o coral realiza seus encontros. Movemos os bancos da Igreja para sentarmos em roda e, desta vez, Beth se sobressaiu, tanto na conversa que tivemos, contando um pouco da história do coral e de suas vivências junto ao grupo, quanto na própria organização do ensaio, no qual ela analisa qual tom e ritmo encaixam-se melhor em cada canção. Pude perceber como os grupos, e principalmente essas três mulheres, começaram a pensar sobre sua importância e visibilidade a partir das minhas visitas. É muito interessante o quanto os

grupos estão presentes na vida de todas essas mulheres como uma segunda família e, também, como fonte de apoio e companhia na perda de amigos e entes queridos. Um verdadeiro espaço de ressignificação das relações familiares.

A quarta e última fase de entrevistas foi mais longa. Primeiramente, consegui o contato da médica Simone Nery e da enfermeira Edna Mariz com uma amiga da minha mãe que trabalha no HC-UFMG. Realizei um primeiro contato com Edna no Ambulatório Jenny Andrade Faria no dia 22 de novembro de 2019, às 10h, e com Simone no Laboratório de Reprodução Humana do HC-UFMG, às 14h do mesmo dia. A partir dessas conversas pude entender como os grupos de medicina antiestresse que elas coordenam funcionam e também a técnica utilizada, o *Mindfulness*. Assim, no dia 27 de novembro de 2019, às 11h, entrevistei as três participantes do grupo de Reprodução Assistida com a supervisão da médica Simone, e no dia 28, às 12h, conversei com duas mulheres do grupo em situação de vulnerabilidade, com a supervisão da enfermeira Edna. Uma delas precisou sair mais cedo, portanto terminamos a entrevista através da troca de áudios no *Whatsapp*. Considero que essa etapa se deu com as emoções muito afloradas, pois o assunto é delicado para ambos os grupos. Uma das entrevistadas no processo de Reprodução Assistida chorou durante a entrevista, e algumas falas de Janete me emocionaram muito.

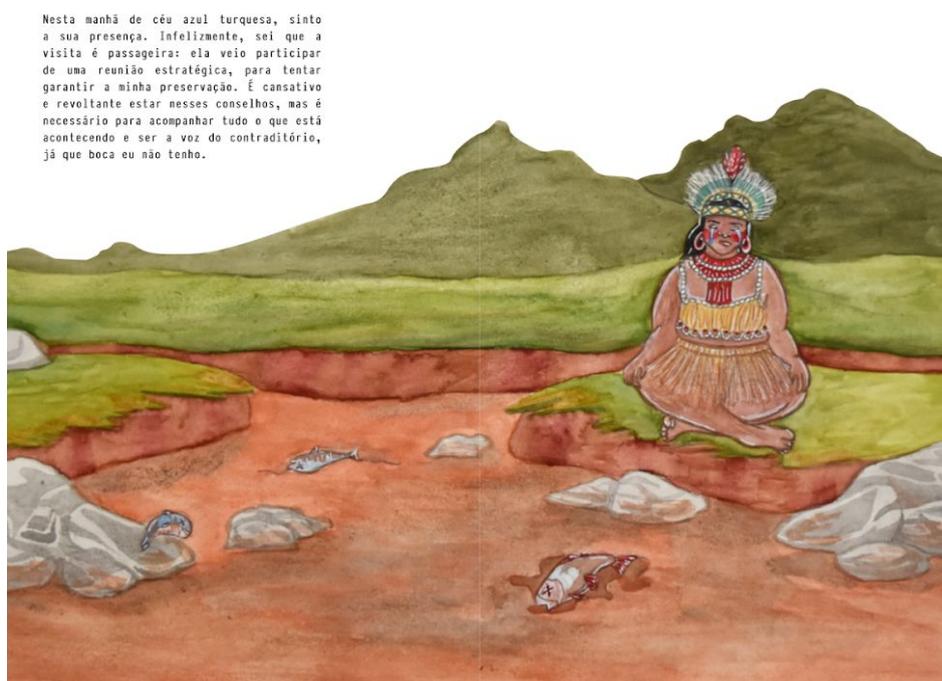
Após fazer contato com a União dos Paraplégicos de Belo Horizonte (Unipabe) por e-mail, Eliane Vieira manifestou interesse em participar do projeto. Encontrei-a em sua casa, no bairro Palmeiras em Belo Horizonte, no dia 16 de dezembro de 2019, às 13h30. Eliane é muito simpática, e nossa conversa estendeu-se à tarde inteira. Consegui o contato de Gisella Lima através de um amigo que trabalhou com ela. Nos encontramos, por preferência dela, no Café 104 em Belo Horizonte, no dia 23 de janeiro de 2020, às 16h30. Nossa conversa foi sucinta, mas como Gisella é muito objetiva, conseguimos conversar sobre vários assuntos. Encontrar uma mulher trans em Belo Horizonte dentro do perfil escolhido disposta a realizar a entrevista foi um processo demorado. Realizei contato com algumas ONGs e procurei por interessadas em redes sociais, mas a maioria das mulheres já haviam sido contatadas por outros estudantes realizando TCCs sobre a transexualidade, e sentiram que esses contatos não foram positivos ou não tiveram retorno para elas.

Todas as entrevistas foram orientadas pelas pautas produzidas (Apêndice C) e gravadas em áudio. Além disso, fotografei momentos de alguns encontros com o celular, para ajudar na composição futura das ilustrações. Ambos os registros foram autorizados pelas fontes.

## 4.2 Aspectos narrativos dos perfis ilustrados

O livro começou a ser escrito e ilustrado no segundo semestre de 2019, entre uma entrevista e outra. A cada observação participante que eu fazia, as ideias para a narrativa verbo-visual, e também para a diagramação do livro, iam surgindo. Primeiramente, defini que o livro seria composto por perfis ilustrados, acompanhados de breves relatos escritos sobre situações e acontecimentos observados durante o processo de apuração, mas que extrapolam a individualidade das perfiladas. Ou seja, as ilustrações revelam sentimentos percebidos, imaginados e sentidos durante a conversa com as mulheres entrevistadas. Sendo assim, os textos verbo-visuais narram histórias que se cruzam e se assemelham, mas não se substituem ou se repetem. Para exemplificar esse processo, destacamos algumas das ilustrações presentes no livro.

Nas páginas 46 e 47 do livro, há a ilustração de uma índia chorando às margens de um rio poluído (Figura 19). Na história escrita desse capítulo, Teca conta da sua luta contra a mineração. Já a ilustração remete à poluição do Rio Paraopeba, causada pelo rompimento da barragem da mineradora Vale em Brumadinho. O rio é a principal fonte de alimento da tribo indígena Pataxó Hã-Hã-Hãe, aldeia do município de São Joaquim de Bicas, e por isso, foi muito afetada pelo rompimento.



**Figura 19:** Páginas 46 e 47 do capítulo II do livro.

**Fonte:** Produção própria.

Nas páginas 18 e 19 do livro (Figura 20), apresentamos um desenho de uma mulher grávida com uma roupa mais social e uma capa vermelha, andando apressada pela cidade, olhando o relógio. Neste capítulo, Patrícia conta de como seu trabalho é corrido e do quanto é difícil conciliar as funções de mãe, veterinária e dona de um Pet shop. Já na ilustração, que se repete para reforçar ainda mais a passagem do tempo, remete à cobrança que o relógio representa e ao caos da cidade em movimento. A capa vermelha remete ao papel de super heroína que é esperado que as mães que trabalham cumpram. Como a dupla identidade dos super heróis, espera-se que a postura da mulher altere-se entre mãe e profissional (além de outras, como faxineira), e que a perfeição seja alcançada em ambas as funções diariamente. A culpa que a mulher carrega quando ambas se interpellam é imensa.



**Figura 20:** Páginas 18 e 19 do capítulo I do livro.

**Fonte:** Produção própria.

Uma condicionante para a criação do produto foi de que seu tom editorial seja flexível. Ou seja, conduza uma linguagem acessível, que não se restrinja ao meio acadêmico, mas que também possa cativar a discussão teórica sobre a potência da ilustração na Comunicação Social. A escolha do perfil (ilustrado), como gênero jornalístico, é consequência dessa condicionante e também do objetivo que tenho com a produção desse livro perante ao

público-alvo: de cativar mulheres com temas feministas, de semear a sororidade e reduzir a solidão feminina. Sérgio Vilas Boas (2003, p. 14) afirma que “os perfis cumprem um papel importante que é exatamente gerar empatias. Empatia é a preocupação com a experiência do outro, a tendência a tentar sentir o que sentiria se estivesse nas mesmas situações e circunstâncias experimentadas pelo personagem”. Para ele, os perfis, diferentemente das biografias, são narrativas mais curtas tanto na extensão quanto no tempo de validade de algumas informações e interpretações do repórter. Eles retratam a vida da pessoa de modo mais breve, isso porque existe uma angulação do próprio jornalista, que pretende focar na especificidade de algum aspecto ou situação socialmente relevante da vida da personagem, que, no caso deste livro, seriam as relações e interações das fontes com os perfis temáticos previamente definidos.

Para os perfis ilustrados, inspirei-me na reportagem “Povo Caranguejo”, de Audálio Dantas, publicada na revista Realidade em março de 1970. A reportagem descreve os catadores de caranguejo na aldeia de Livramento, PB, de forma pouco tradicional, que ficou conhecida como jornalismo literário. A reportagem se dá como se fosse um diálogo entre homem e caranguejo, na qual Dantas dá “voz” aos caranguejos. Para ele, “não bastaria seguir a regrinha do *que, quem, quando, como, onde e por quê*. (...) Era necessária a disposição para enfiar o pé na lama” (DANTAS, 2012, p. 81). De uma maneira mais tímida e restrita, eu me sentia da mesma forma. Assim, decidi me aventurar um pouco pelo jornalismo literário, e narrar cada encontro que tive com as entrevistadas a partir de personagens inventados; um para cada capítulo. Para a veterinária Patrícia, uma pulguinha atrevida vinda de um dos cachorros que entraram na sala de atendimento. Para Teca, a própria Serra da Piedade, ferida e, ainda assim, imponente. Para os grupos de mulheres que se ajudam, a própria construção na qual realizam suas atividades, que ganha vida com a fé e movimento das pessoas dentro dela. E para as mulheres entrevistadas sobre o tema “sexualidade da mulher”, a própria Liberdade, que se aproxima e é afastada delas no decorrer de suas vidas.

Segundo Fabrício Marques (2009), o diálogo entre o jornalismo e a criação literária no Brasil teve início no final do século XIX e início do século XX. Sendo assim, o jornalismo literário trata-se de um gênero muito recente, e ainda não existe consenso sobre a definição do termo. Em geral, se insere na tendência de uma relativização de gêneros e dissolução de fronteiras, na qual também se encontra a ideia de compreender a ilustração como linguagem no fazer jornalístico. O jornalismo literário utiliza técnicas jornalísticas e recursos literários

para compor narrativas humanizantes, além de buscar conhecimento e métodos em vários outros campos, como a Sociologia, a Psicologia e a História, distanciando-se de mitos do jornalismo, como a imparcialidade, a impessoalidade e a necessidade do *lead*.

### 4.3 Confeção do livro ilustrado

Adentramos aqui na discussão sobre a diagramação e projeto gráfico do livro, buscando referências em livros ilustrados infantis ou infanto-juvenis, e em autores como Caldin, Cunha e Fleck, que pensam o livro ilustrado a partir do livro infantil, já que a produção desse suporte para esse público é a mais ampla e aceita no mercado atual.

Ao confabular sobre a produção corpórea do livro ilustrado, o imaginei tanto como um produto extremamente íntimo, para uma mulher guardar como um diário, mas também como algo que facilitasse o compartilhamento de sentimentos entre as próprias mulheres: a socialização de experiências e da própria subjetividade que lhes é negada diariamente. Mas, como incentivar a empatia entre as mulheres? Além dessa premissa, era necessário pensar em estratégias gráficas para valorizar a ilustração e colocá-la em posição de destaque no livro. Comecei, então, a zelar pelo projeto gráfico.

Uma das primeiras deliberações foi a tipografia a ser utilizada. Escolhi a fonte *Typewriter Condensed*, que imita a tipografia das máquinas de escrever, tamanho 10. Acredito que ela remete a algo manual, chamando novamente o leitor para a importância das ilustrações, que também pressupõem um trabalho manual. Uma ideia parecida mantém-se na tipografia escolhida para os títulos do livro, a *Flashback*, tamanho 75. Essa fonte imita o *Lettering*, uma técnica originalmente manual, que seria a arte de desenhar as letras.

Typewriter Condensed



Já o formato do livro é de 12x18 cm, capa dura. A ideia inicial seria um livro com bordas arredondadas, assemelhando-se a um *sketchbook* (caderno para esboço de desenhos e pinturas), mas a impressão assim seria inviável financeiramente. Outra ideia que não foi mantida seria ao final do livro haver um envelope contendo adesivos ilustrados trazendo frases ou ideias principais/marcantes do livro. No envelope, uma inscrição que sugere a

repartição daquelas informações e sensações: *Não é preciso sentir sozinha*. Essa ideia surge do desejo por um produto que pudesse instigar tanto o empoderamento individual quanto a sororidade entre as mulheres, mas não foi possível implantá-la na versão impressa.

A capa do livro traz uma ilustração interna complementada por um caminho, que pode ser interpretado tanto como uma fissura da qual emerge a mulher ilustrada na capa, como também como o útero feminino. O verso fala do que se trata o livro e traz uma explicação do motivo do título “Fissuras”, que seriam as lacunas pelas quais as mulheres se expressam e transbordam. O livro inicia-se com uma introdução contendo uma pequena apresentação das personagens e também das inquietações pessoais que suscitaram a criação do mesmo e uma pequena explicação do que se trata a obra, seguida de uma dedicatória às mulheres. Ao final do livro, encontra-se o posfácio, que conclui, de certa forma, a discussão iniciada na introdução e revela o feminismo que o livro carrega.

O livro ilustrado foi dividido em quatro capítulos, um para cada perfil temático, cada um com 14 páginas em média. Todos os capítulos são abertos por uma página dupla introdutória escrita em primeira pessoa explicando um pouco sobre as personagens e o meu contato com elas, seguida por uma página dupla ilustrada contendo o título do perfil jornalístico literário narrado em sequência. Todos os perfis são narrados em primeira pessoa por um personagem fictício e, durante a narrativa, são incorporadas diversas citações - frases das personagens obtidas durante as entrevistas - que eu considero importantes para despertar maior proximidade entre as próprias personagens e o público leitor. Todas as páginas trazem ilustrações feitas com aquarela, lápis de cor aquarelável e nanquim, exceto pelas páginas que contêm apenas citações. Decidi por diferenciar essas páginas das restantes através das ilustrações, que além de serem feitas em outro formato, o digital, são todas representações de diferentes mãos femininas. A escolha da mão como ponto de partida nessas ilustrações foi um tanto quanto intuitiva. As mãos são uma das nossas formas de contato mais primárias com o mundo e cada mão é única. Nos dedos, temos as digitais, que remetem à identidade pessoal. Nas palmas, uma alusão ao imaginário da linha da vida de cada um, ou seja, nossa história.

Cada capítulo possui sua paleta de cores individual. Essa paleta foi definida com base nos estudos da Teoria das Cores. Eva Heller (2013, p. 22), em seu livro “A psicologia das cores”, afirma que “não existe cor destituída de significado. A impressão causada por cada cor é determinada por seu contexto, ou seja, pelo entrelaçamento de significados em que a percebemos”. Heller realiza uma pesquisa para entender melhor o significado de cada cor na

sociedade. Assim, o capítulo I - Atrás da orelha, uma pulga, dedicado ao tema “mulheres no trabalho”, tem como cor primordial o laranja, que representa energia. O laranja é uma cor vibrante, amigável e estimulante. Essas características também são encontradas na personagem desse tema, Patrícia, que me pareceu sempre enérgica e sempre fazendo alguma coisa dentro do seu pet shop. Uma mulher sempre em movimento. Já para o capítulo II - Se a Serra falasse, com o tema “mulheres em movimentos sociais”, escolhi a cor verde, que representa esperança, natureza e equilíbrio. Além do tema natureza ser muito presente nesse capítulo, pois a personagem Teca milita no movimento ambiental, tentando “salvar um pouco do verde no Brasil”, um dos sentimentos que mais perpassam a Teca é a esperança, motivo pelo qual o verde se adequa a esse capítulo.

O capítulo III - Entre laços, “mulheres se ajudando”, é regido pela cor violeta/lilás, que representa espiritualidade e criatividade. Essa escolha se dá pois as mulheres dos grupos que entrevistei são todas conectadas pela fé católica e, também, são muito criativas na hora de bordar e cantar. Além disso, a cor do uniforme utilizado pelo grupo de ginástica é violeta/lilás. Por fim, a cor azul, que simboliza harmonia, paciência e liberdade, adotada para compor o capítulo IV - Dona Liberdade, com o tema “sexualidade da mulher”. A cor azul não é frequentemente atrelada à sexualidade. Porém, quando as questões que envolvem a sexualidade trazidas pelas personagens se aproximam mais do crescimento pessoal, de relação consigo mesmas e principalmente da libertação feminina, essa cor torna-se coerente. O azul traz um pouco essa ideia de harmonia pessoal que essas mulheres buscam alcançar, e vão encontrando ao longo de suas vidas.

O processo de digitalização das ilustrações feitas à mão foi complexo para mim, pois encontrei dificuldade em manter a cor e iluminação corretas nas ilustrações, além da dificuldade em recortá-las digitalmente e manter a qualidade ideal para impressão. Primeiramente, fotografei as ilustrações com uma câmera semiprofissional, e posteriormente fiz as correções no *software* de edição *Adobe Photoshop* e os recortes no *Adobe Illustrator*. Já a organização do arquivo final foi realizada no *Adobe InDesign*. Pensar a parte de editoração, criando ilustrações com um objetivo definido e pensando em como elas se encaixam na página junto ao texto, ou pensar as ilustrações enquanto um conjunto de obras e não obras individuais também foi difícil, pois eu não sou ilustradora, não domino muitas técnicas de ilustração e essa foi a minha primeira experiência desse gênero.

Após a finalização do livro, pesquisei por tipos de papel que valorizassem a ilustração, ficando definido a utilização do Offset 120g. Também pesquisei por gráficas que trabalham com esse tipo de impressão em Belo Horizonte, mas infelizmente, não foi possível obter uma impressão mais fosca, semelhante ao desenho, pois a impressão a *laser* - mais usada pelas gráficas, por ser mais versátil - utiliza uma tinta brilhante.

O número de cópias foi reduzido devido aos recursos financeiros dos quais eu dispunha. Porém, senti fortemente durante as entrevistas que o retorno para as fontes é imprescindível, por isso, imprimi algumas cópias para realizar esse retorno e também considero importante receber o *feedback* dessas mulheres. A princípio, a ideia era presentear-las com o livro e receber um retorno pessoalmente. Entretanto, com a pandemia, isso se complica. Assim, buscarei obter esse *feedback* de forma virtual, além de convidá-las para assistir à defesa do TCC. Com a premissa de que ela ocorrerá por meio de uma plataforma virtual, a participação será mais acessível para essas mulheres, já que residem em diferentes cidades.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Me deparei com inúmeras dificuldades ao longo da realização deste trabalho. A primeira foi a insegurança diante da minha própria proposta, já que eu não sabia se haveria lugar para uma produção como essa dentro do Curso de Jornalismo e também a dificuldade em encontrar outras pesquisas com discussões semelhantes que pudessem servir de suporte e referência para amadurecimento dessa proposta. Outra dificuldade foi o processo de ilustrar o livro e digitalizar as ilustrações, associada à minha limitação técnica pessoal para desenhar e ilustrar, assim como à in experiência com a produção de ilustrações para compor um livro ilustrado. Porém, a maior dificuldade talvez tenha sido quando iniciou-se a etapa de observação participante, pois houve dúvidas se seria possível e principalmente se eu seria capaz de estabelecer um diálogo sobre esse assunto com o público escolhido.

Ao decorrer das entrevistas, essas dúvidas foram substituídas por expectativa, já que vieram à tona alguns indícios, por parte das entrevistadas, da necessidade profunda que tinham em discutir feminismo e entender “essa geração”. As entrevistas realizadas através da metodologia de As observações participantes realizadas também contribuíram imensamente para a minha formação enquanto jornalista e também enquanto indivíduo. Pude compreender melhor o perfil no qual me encaixo quando no papel de entrevistadora e os limiares entre a profissional e o pessoal. Acredito que o trabalho desenvolvido contribui positivamente com as discussões acadêmicas que permeiam a área da Comunicação, sobretudo com as lacunas que o jornalismo visual e ilustrado ainda apresentam no que tange às representações do feminino. Além disso, também contribui com a produção feminina e a característica empoderadora que não se dissocia dela.

Todavia, o objetivo de me aproximar, ou simplesmente “tocar” mulheres que não estão ligadas ao meio acadêmico nem à grupos militantes que já defendem a causa feminista ou a conhecem mais a fundo, ou seja, tentar fazer com que o empoderamento chegue mais longe, foi uma aposta que provou-se extremamente complexa. Ainda não é possível afirmar se o objetivo inicial foi alcançado com o livro produzido, afinal, seria necessária a sua distribuição para várias mulheres com esse perfil e a estruturação de uma pesquisa de opinião sobre o produto, o que não se sucedeu até então.

A despeito desses impasses ainda nebulosos, vejo uma potência enorme no livro ilustrado proposto, sensação que não se perdeu durante o desenvolvimento deste memorial ou do produto em si. A potência de ser algo novo quando apresentado para um público menos

envolvido com as causas feministas e com a própria ilustração, e ainda sim, algo que segue as tendências do mercado editorial, já que diversas publicações semelhantes estão sendo realizadas ao redor do mundo, inclusive no Brasil, a partir da iniciativa de ilustradoras como Manu Cunhas e Carol Rossetti. A ilustração captura a realidade de forma singular e, talvez por isso, apresentou-se como ferramenta potente na construção de novas representações do feminino, que fogem ao padrão midiático.

Essas discussões não se encerram neste trabalho. No contexto atual, resistir através da arte e da comunicação é essencial na defesa dos nossos direitos enquanto mulheres e enquanto cidadãs participativas na construção - e na desconstrução - do nosso país. As próprias histórias das mulheres perfiladas ensinam sobre resistência. Elas falam sobre a superação diária de preconceitos, violências, injustiças, solidão e trabalho excessivo.

Como jornalista, destaco a minha responsabilidade no processo de inclusão e disseminação destes conhecimentos. Como podemos, enquanto agentes da Comunicação, integrar mais satisfatoriamente a ilustração como objeto de estudo na nossa área? E, também, como explorar mais essa linguagem para traduzirmos e disseminarmos informações e conteúdo? Qual o valor da ilustração no atual momento histórico, quando alguns meios de comunicação recorrem a ela diante das impossibilidades proporcionadas pelo isolamento social devido ao COVID-19? De que maneiras as mulheres podem apoderar-se cada vez mais da ilustração como uma ferramenta de resistência e libertação?

Diversos fatores influenciam nesse trabalho jornalístico e na propagação e abrangência de conhecimentos relacionados ao feminismo e ao feminino e suas variadas nuances, como o investimento em educação de base, a ampliação de oportunidades e os direitos igualitários. Como o nome do livro ilustrado produzido sugere - nas fissuras, florescemos. Nas rachaduras do sistema, crescem as histórias femininas e as lutas individuais e coletivas das mulheres. Exploremos e expandamos essas fissuras. Que as tornemos mais profundas, impossíveis de ignorar, cada vez menos invisibilizadas.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é Feminismo**. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1981. Disponível em:

<<https://pt.scribd.com/document/271359628/Branca-Moreira-Alves-O-Que-e-Feminismo>>

Acesso em: 13 nov. 2018.

AMARO, Vanessa. **Vivendo na Pele do Outro**: A observação participante para desvendar a favela da Rocinha, no Brasil. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, 2004. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/amaro-vanessa-pele-outro.pdf>> Acesso em: 19 set, 2019.

ARAÚJO, Luana; PAIVA, Maria; SILVA, Jessica e SILVA, Luana. A Influência da Mídia na Construção do Feminino: O Caso “Bela, Recatada e do Lar”. Caruaru: **Intercom**, XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, 2016. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2016/resumos/R52-1123-1.pdf>> Acesso em: 14 jun. 2019.

BARBOSA, Carla Melissa; BECKER, Márcia Regina. **Coisas do Gênero**. São Leopoldo, 2016, v. 2 n. 2, p. 243-256. Disponível em:

<<http://periodicos.est.edu.br/index.php/genero/article/view/2883>> Acesso em: 11 jun, 2019.

BARROS, Antonio e DUARTE, Jorge. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Ed. Atlas, 2006.

BERGER, John. **Modos de ver**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

BIROLI, Flávia. **Gênero e Desigualdades**: os limites da democracia no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018.

BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luis. **Feminismo e Política**. São Paulo: Boitempo, 2014.

BORIS, Georges Daniel; CESÍDIO, Mirella de Holanda. Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade. Fortaleza: **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, v.7 n.2, set. 2007. Disponível em <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/malestar/v7n2/12.pdf>> Acesso em: 12 jun. 2019.

CALDIN, Clarice; CUNHA, Mirian da; FLECK, Felícia. Livro Ilustrado: texto, imagem e mediação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.21, n.1, p.194-206, jan./mar. 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pci/v21n1/1413-9936-pci-21-01-00194.pdf>> Acesso em: 11 nov. 2019.

CAVALCANTE, Nathalia Chehab de Sá; COELHO, Luiz Antonio L.; YUNES, Eliana. **Ilustração: uma prática passível de teorização**. Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Artes e Design, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em:

<[http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/biblioteca/php/mostrateses.php?open=1&arqtese=0610655\\_10\\_Indice.html](http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/biblioteca/php/mostrateses.php?open=1&arqtese=0610655_10_Indice.html)> Acesso em: 17 out. 2018.

CHACHAM, Alessandra; MAIA, Mônica. Corpo e sexualidade da mulher brasileira. In: Gustavo Venturi; Marisol Recamán; Suely de Oliveira. **A mulher brasileira nos espaços público e privado**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004, v. 1, p. 75-86. Disponível em:

<[https://www.researchgate.net/profile/Alessandra\\_Chacham/publication/304346509\\_CORPO\\_E\\_SEXUALIDADE\\_DA\\_MULHER\\_BRASILEIRA/links/576c305308aedb18f3eb25dd/CO-RPO-E-SEXUALIDADE-DA-MULHER-BRASILEIRA.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Alessandra_Chacham/publication/304346509_CORPO_E_SEXUALIDADE_DA_MULHER_BRASILEIRA/links/576c305308aedb18f3eb25dd/CO-RPO-E-SEXUALIDADE-DA-MULHER-BRASILEIRA.pdf)> Acesso em: 11 jun. 2019.

COSTA, Marli; D'OLIVEIRA, Marcele e D'OLIVEIRA, Mariane. Discurso e Poder: a midiáticação das relações de gênero. Santa Maria: UFSM, 2012. Disponível em: <<http://coral.ufsm.br/congressodireito/anais/2012/16.pdf>> Acesso em: 14 jun. 2019.

DALCIN, Andréa Rodrigues. A leitura do livro ilustrado e livro-imagem: da criação ao leitor e suas relações entre texto, imagem e suporte. **IX AMPED SUL - UNICAMP**, 2012. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/2783/233>> Acesso em: 11 nov. 2019.

DANTAS, Audálio. **Tempo de Reportagem**: histórias que marcaram época no jornalismo brasileiro. São Paulo: Leya, 2012. p. 81-90.

DE LAURETIS, Teresa. **Alice Doesn't: Feminism, Semiotics, Cinema**, UK: MACMILLAN, 1984. Disponível em: <[https://monoskop.org/images/c/ce/De\\_Lauretis\\_Teresa\\_Alice\\_Doesnt\\_Feminism\\_Semiotics\\_Cinema\\_1984.pdf](https://monoskop.org/images/c/ce/De_Lauretis_Teresa_Alice_Doesnt_Feminism_Semiotics_Cinema_1984.pdf)> Acesso em: 12 jun. 2019.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Livro virtual do Projeto Periferia, Ed. 2003. Disponível em <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/socespetaculo.pdf>> Acesso em: 31 mai. 2019

DOMINGUES, Izabela; MIRANDA, Ana Paula. **Consumo de Ativismo**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2018. p. 31-95.

ESTÉS, Clarissa. **Mulheres que Correm com os Lobos**: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

FOOTE-WHITE, William. Treinando a Observação Participante. In: GUIMARÃES, Alba. **Desvendando Máscaras Sociais**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S.A, 1980, p. 77-86.

GOLDENBERG, Mirian e RAMOS, Marcelo Silva. A civilização das formas: o corpo como valor. In: **Nu & Vestido**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Organização e Revisão Técnica: Arthur Ituassu. Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HELLER, Eva. **A Psicologia das Cores: como as cores afetam a emoção e a razão**. Tradução: Maria Lúcia Lopes da Silva. São Paulo: Gustavo Gili, 2013. Disponível em: <<http://lelivros.love/book/baixar-livro-a-psicologia-das-cores-eva-heller-em-pdf-epub-e-mobi-ou-ler-online/>> Acesso em: 10 nov. 2019.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade**. 6 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

LISPECTOR, Clarice. **Todos os Contos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2016, p. 393-396.

LOPES, Denilson. **Por uma Estética da Comunicação**. Ensaio publicado em *Mídia, Cultura, Comunicação 2*, organizado por Barbara Heller e outros para a Editora Artes & Ciência. São Paulo, 2003. Disponível em: <[https://www.academia.edu/4942127/Por\\_uma\\_Est%C3%A9tica\\_da\\_Comunica%C3%A7%C3%A3o](https://www.academia.edu/4942127/Por_uma_Est%C3%A9tica_da_Comunica%C3%A7%C3%A3o)> Acesso em: 17 out. 2018.

MARANHÃO, Ananda. **O belo é podre e o podre, belo saber ser: o corpo feminino enquanto símbolo na sociedade e sua representatividade em Macbê - sangue chama sangue**. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia). Universidade de Brasília, Bacharelado em Interpretação Teatral, Brasília, 2016. Disponível em: <<http://bdm.unb.br/handle/10483/13670>> Acesso em: 04 nov. 2018.

MARQUES, Fabrício. Jornalismo e Literatura: modos de dizer. **Conexão** – Comunicação e Cultura, UCS, Caxias do Sul, v. 8, n. 16, p. 11-27, jul./dez. 2009. Disponível em: <<http://ucs.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/view/124>> Acesso em: 07 nov. 2019.

MONTEIRO, Rosana. Cultura Visual: definições, escopo, debates. Domínios da Imagem, **Londrina**, v. I, n. 2, p. 129-134, maio de 2008. Disponível em: <[http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/dominiosdaimagem/article/view/19306/pdf\\_25](http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/dominiosdaimagem/article/view/19306/pdf_25)> Acesso em: 27 out. 2019.

MORAES, Ary. **Design de Notícias**. São Paulo: Blucher, 2015.

MOTA-RIBEIRO, Silvana. **Retratos de Mulher: construções sociais e representações visuais do feminino**. Porto: Campo das Letras, 2005.

MOKARZEL, Marisa de Oliveira. **O era uma vez na ilustração: linguagem e plasticidade no universo gráfico de Rui de Oliveira**. Dissertação (Mestrado) - Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.

NECCHI, Vitor. A (im) pertinência da denominação “jornalismo literário”. **Estudos em Jornalismo e Mídia** - Ano VI - n. 1, p. 99-109, jan./jun. 2009. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/10950>> Acesso em: 07 nov. 2019.

**Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil.** Disponível em:

<[http://prolivro.org.br/home/images/2016/Pesquisa\\_Retratos\\_da\\_Leitura\\_no\\_Brasil\\_-\\_2015.pdf](http://prolivro.org.br/home/images/2016/Pesquisa_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_-_2015.pdf)> Acesso em: 08 mai. 2019.

PIEDADE, Vilma. **Dororidade.** São Paulo: Nós, 2017.

REIS, Ana Luíza. **Mulheres nos Quadrinhos:** Contrastes entre décadas e discursos. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia). Centro Universitário de Brasília, Bacharelado em Jornalismo, Brasília, 2016. Disponível em:

<<http://repositorio.uniceub.br/bitstream/235/9524/1/21216457.pdf>> Acesso em: 06 nov. 2018.

ROVIDA, Mara Ferreira. **Etnografia e Reportagem Jornalística:** aproximação possível para uma metodologia. São Paulo: Líbero, v. 18, n. 35, p. 77-88, jan./jun., 2015. Disponível em: <<https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2015/08/Mara-Rovida.pdf>> Acesso em: 19 set. 2019.

SAMARA, Timothy. **Elementos do Design:** guia de estilo gráfico. Porto Alegre: Bookman, 2010.

SANTOS, Cláudia Aparecida dos. Imagens e sentidos: do preenchimento do vazio ao transbordamento. Revista **GEARTE**, v. 3, n. 3, p. 455, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/gearte/article/view/67510/39952>> Acesso em: 13 nov. 2018.

SARTRE, Jean-Paul. **O que é a subjetividade?** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

SÉRVIO, Pablo Petit Passos. O que estudam os estudos de cultura visual? Revista Digital do **Laboratório de Artes Visuais**, v. 7, n.2, p. 196-215, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/12393>> Acesso em: 31 mai. 2019.

SOARES-CORREIA, Maria Joana Casagrande. Estetização da Mercadoria: Construção e consumo do corpo e beleza femininos na sociedade midiática. **ANIMUS** - Revista Interamericana de Comunicação Midiática, v. 17, n. 34, p. 214, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/21497>> Acesso em: 12 nov. 2018.

SOUZA, Babi. **Vamos Juntas?** - O guia da sororidade para todas. Rio de Janeiro: Record, 2016.

VAN DER LINDEN, Sophie. **Para ler o livro ilustrado.** São Paulo: Cosac Naify, 2011.

VILAS BOAS, Sérgio. **Perfis e Como Escrevê-los.** São Paulo: Summus, 2003.

WOLF, Naomi. **O Mito da Beleza:** como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

## APÊNDICES

## **APÊNDICE A - Questionário**

### **1) Introdução**

A pesquisa de opinião tem o objetivo de atingir o público feminino em geral, principalmente mulheres da classe média, entre 30 e 60 anos.

### **2) Objetivo**

O objetivo da pesquisa é saber qual o perfil e faixa etária de mulheres se interessariam por um livro ilustrado com o tema escolhido, e como elas gostariam que esse tema fosse abordado.

### **3) Locais da pesquisa**

- Shopping
- Facebook
- Livrarias
- Salões de beleza
- Locais de trabalho em geral

### **4) Modelo do questionário**

#### **Questionário para o público feminino**

Elaboração própria, 2019.

Olá, meu nome é Sofia, estudo Jornalismo na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e estou realizando uma pesquisa de opinião com mulheres sobre a representação delas na mídia. Esta pesquisa servirá de base para a produção do meu trabalho de conclusão de curso (TCC). Sua participação é muito valiosa, pois eu procuro compreender qual o interesse das mulheres no assunto. Suas respostas são confidenciais e essa é uma pesquisa acadêmica sem fins comerciais. Podemos começar?

**Aluna:** Sofia Fuscaldi Cerezo

**Orientadora:** Michele Tavares da Silva

## PERFIL

1. Qual a sua faixa etária?

- a) ( ) De 18 a 27 anos.
- b) ( ) De 28 anos a 37 anos.
- c) ( ) De 38 anos a 47 anos.
- d) ( ) De 48 anos a 57 anos.
- e) ( ) De 58 anos a 67 anos.
- f) ( ) > 67 anos.

2. Estado civil:

- a) ( ) Solteira
- b) ( ) Casada
- c) ( ) Divorciada
- d) ( ) Viúva

3. Qual seu nível de escolaridade?

- a) ( ) Ensino fundamental completo
- b) ( ) Ensino fundamental incompleto
- c) ( ) Ensino médio completo
- d) ( ) Ensino médio incompleto
- e) ( ) Ensino superior completo
- f) ( ) Ensino superior incompleto
- g) ( ) Outros \_\_\_\_\_

4. Qual a sua faixa salarial aproximada:

- a) ( ) Até 01 salário mínimo
- b) ( ) 01 a 03 salários mínimos
- c) ( ) 04 a 10 salários mínimos
- d) ( ) 10 a 20 salários mínimos
- e) ( ) Acima de 20 salários mínimos

5. Qual a opção que mais se aproxima à renda mensal da sua família:

- a) ( ) Até 01 salário mínimo
- b) ( ) 01 a 03 salários mínimos
- c) ( ) 04 a 10 salários mínimos
- d) ( ) 10 a 20 salários mínimos
- e) ( ) Acima de 20 salários mínimos

6. Qual é (era) a sua profissão?

---

## HÁBITOS DE LEITURA

7. Você costuma ler ou ir a livrarias?

- a)  Sim, frequentemente
- b)  Às vezes
- c)  Não muito
- d)  Nunca

8. Você se interessa por publicações ilustradas?

- a)  Sim
- b)  Um pouco
- c)  Não

9. Se você visse, numa livraria, um livro com essa ilustração, você teria interesse em comprá-lo?



Ilustradora: Sally Nixon

- a)  Sim
- b)  Não

10. Qual a sua opinião sobre um livro ilustrado que representasse o cotidiano de mulheres reais, como você e suas amigas?

- a)  Interessante
- b)  Bom
- c)  Não me interessa por isso
- d)  Ruim

## TEMÁTICA

11. O que você gostaria que fosse ilustrado num livro desses?

- a) ( ) Mulheres no trabalho
  - b) ( ) Mulheres em casa
  - c) ( ) Mulheres com filhos
  - d) ( ) Saúde da mulher
  - e) ( ) Sexualidade da mulher
  - f) ( ) Mulheres em movimentos sociais
  - g) ( ) Mulheres lendo
  - h) ( ) Mulheres amando
  - i) ( ) Mulheres se ajudando
  - j) ( ) Mulheres gordas
  - k) Outros:
- 
- 

12. Você se identifica com alguma dessas imagens?

- a) ( )



Ilustradora: Amanda Oleander

b) ( )



Fonte: [www.familia.com.br](http://www.familia.com.br)

c) ( )



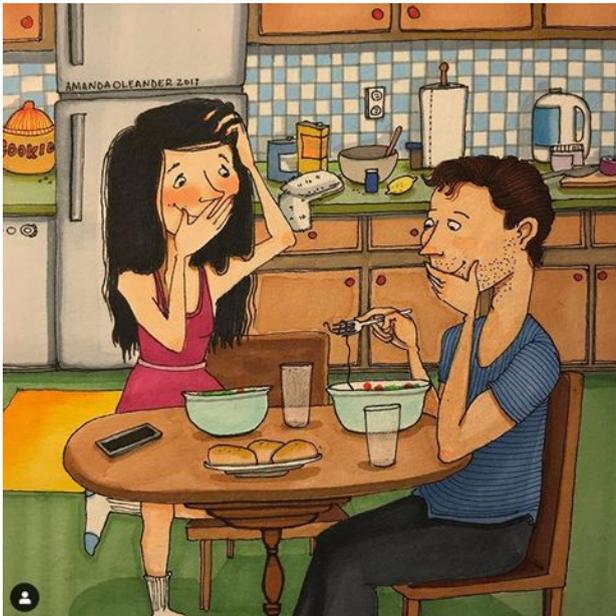
Ilustradora: Amanda Oleander

d) ( )



Fonte: <https://viva.tvcabo.mz>

e) ( )



Ilustradora: Amanda Oleander

f) ( )



13. Se você se identificou com alguma das imagens acima, qual o motivo?

- a) ( ) Semelhança física
- b) ( ) A forma de vestir e se portar
- c) ( ) O ambiente
- d) ( ) A situação
- e) ( ) Os sentimentos
- f) ( ) Outros:

---

---

14. Você acha que as fotos e imagens de mulheres presentes na mídia convencional representam você e o seu dia a dia?

- a)  Sim, me sinto representada
- b)  A maior parte delas me representa
- c)  A maior parte delas não me representa
- d)  Não me sinto representada

15. Você gostaria de ver imagens que representam você ou o seu dia a dia de forma mais próxima e realista?

- a)  Sim
- b)  Não sinto essa necessidade
- c)  Não
- d)  Não sei / Não quero responder

16. Você acha que um livro que ilustrasse mulheres reais, fora do padrão, diferente da imagem da mulher que é vendida geralmente, te ajudaria ou ajudaria alguma mulher que você conhece no processo de autoestima?

- a)  Sim, acredito que ver essas mulheres que condizem mais com a realidade me ajudaria a me sentir melhor comigo mesma
- b)  Eu já possuo a autoestima que preciso
- c)  Não, acredito que não faria diferença

17. Você acha que as mulheres gostam de julgar as roupas ou atitudes uma das outras?

- a)  Sim
- b)  Não

18. Se sim, você se sente bem fazendo isso?

- a)  Sim
- b)  Não

19. Você acredita que as mulheres deveriam se unir e serem companheiras para atingir objetivos em comum?

- a)  Sim
- b)  Não
- c)  Não sei / Não quero responder

20. Você acha importante falar e saber mais sobre esses assuntos e temas relacionados à mulher?

- a)  Sim
- b)  Tanto faz, não tenho interesse por esse assunto
- c)  Não

21. Você se reconhece em qual gênero:

- a)  Masculino
- b)  Feminino
- c)  Outros: \_\_\_\_\_

22. Por que você se identifica com esse gênero?

- a)  Por causa do meu corpo biológico
- b)  Porque eu me visto e ajo como mulher
- c)  Porque eu me visto e ajo como homens
- d)  Porque sinto atração por homens
- e)  Porque sinto atração por mulheres
- f)  Porque fui educada assim
- g)  Porque me identifico com outras mulheres ao meu redor
- h)  Porque me identifico com os homens ao meu redor
- i)  Porque não me identifico como homem
- j)  Porque não me identifico como mulher
- k)  Porque não me identifico nem como homem nem como mulher
- l)  Porque me identifico como homem e como mulher
- m)  Não sei / não quero responder
- n)  Outros motivos:

---

---

23. Você considera que o seu trabalho é do gênero feminino?

- a)  Sim, pois a maior parte das pessoas que trabalham com isso são mulheres
- b)  Sim, pois é um trabalho que exige qualidade que apenas mulheres possuem
- c)  Não, pois a maior parte das pessoas que trabalham com isso são homens
- d)  Não, pois os homens realizam esse tipo de trabalho de forma melhor
- e)  O meu trabalho é misto, homens e mulheres trabalham com isso
- f)  Os trabalhos não deveriam possuir gêneros específicos

24. O que você acha sobre as relações amorosas?

- a)  As pessoas têm direito de amar quem elas quiserem
- b)  Eu acho que as pessoas podem amar quem elas quiserem, mas que isso deveria ficar no ambiente privado
- c)  Eu acho que o normal é homens que gostam de mulheres e mulheres que gostam de homens
- d)  Nenhuma das alternativas

25. Saber sobre gênero e sexualidade te interessa?

- a)  Sim
- b)  Não

26. O que você acha sobre o amor com você mesma?

---

27. Você acha o seguinte tema interessante em um livro para o público feminino?

*“Uma tentativa de explorar o cotidiano do universo feminino a partir da ilustração”*

- a)  Sim
- b)  Não

28. Se não, por que?

---

---

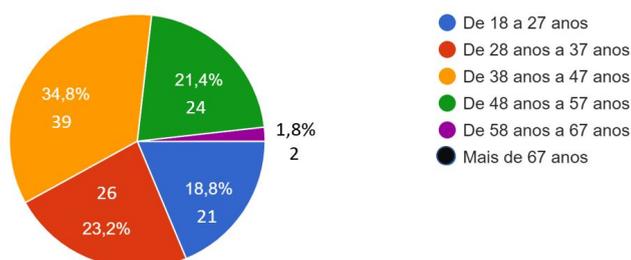
Obrigada pela sua atenção e disponibilidade!

## APÊNDICE B - Tabulação dos questionários (dados complementares)

- 112 QUESTIONÁRIOS APLICADOS NO TOTAL
- 82 questionários online: do dia 15 ao dia 23 de abril de 2019
- 14 questionários presenciais aplicados na Livraria Leitura do Shopping Estação em Belo Horizonte: no dia 18 de abril de 2019
- 16 questionários presenciais aplicados na Livraria Leitura do Shopping Cidade em Belo Horizonte: no dia 20 de abril de 2019

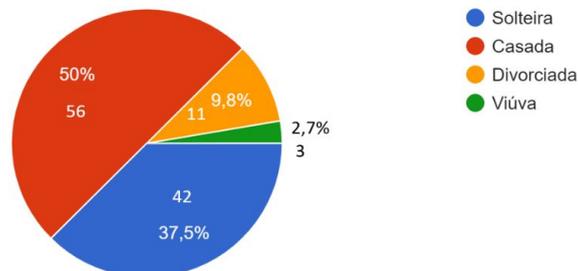
Qual a sua faixa etária?

112 respostas



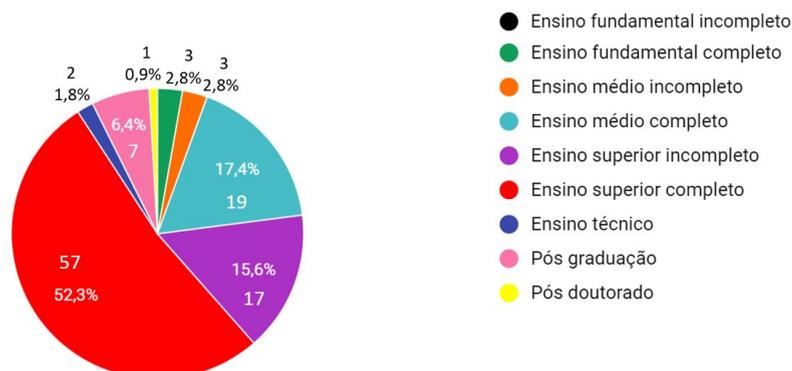
Estado civil:

112 respostas



Qual seu nível de escolaridade

112 respostas



**Gráfico 1:** Dados Gerais das Entrevistadas

**Fonte:** Elaboração própria.

## Qual é (era) a sua profissão?

112 respostas

Administradora	3
Advogada	1
Agente de correios	1
Agente de viagens	1
Ajudante de cozinha	1
Analista	1
Analista de crédito	1
Analista de qualidade	1
Aposentada	1
Assistente/auxiliar administrativa	6
Assistente social	4
Automação	1
Autônoma	2
Auxiliar de educação	1
Auxiliar de escritório	1
Auxiliar de produção	1
Babá/Cuidadora do lar	2
Biblioteconomia/estagiária	1
Contadora	1
Coordenadora de recepção	1
Coordenadora de voo	1
Diarista	1
Educadora	1
Educação física	1
Empresária	3
Enfermeira	2
Engenheira florestal	1
Esteticista	1
Estudante	8
Fisioterapeuta	1
Fisioterapeuta e professora	1
Fotógrafa	1
Gerenciadora	1
Informal	1
Instrutora de Call Center	1
Jornalista	2
Massoterapeuta	1
Microempreendedora no ramo de buffet	1
Modelo	1
Musicista	1
Pedagoga	4
Polícia civil	1
Professora	9
Professora de capoeira	1
Psicóloga	12

Psicopedagoga	1
Profissional de marketing	1
Recepcionista	
Relações públicas, jornalista, publicitária e museóloga	1
Secretária de coordenação	1
Serviços gerais	1
Servidora pública	3
Técnica de enfermagem	2
Telemarketing	1
Tradutora	2
Turismóloga	2
Vendedora	4
Vendedora e confeitadeira	1
Veterinária	1

**Tabela 1:** Profissões das Entrevistadas.

**Fonte:** Elaboração própria.

## O que você acha sobre o amor com você mesma?

97 respostas

Importante, importantíssimo	3
Otimo, Excelente, maravilhoso	4
Bom, Positivo	3
Interessante	2
Feito oxigênio.	1
Agradecida	1
Necessário, essencial imprescindível, mais que necessário, Vital	7
Necessário, autoconhecedor, ato de liberdade.	1
Necessário, desde q não seja narcisismo	1
Fundamental, pois temos que começar por nos	1
Deveria me amar mais, precisa ser maior	2
O amor é a força mais poderosa que move alguém, se amar é vital, ser amado é vital. Acho que não utilizo o potencial do amor que sou capaz de exercer por mim e pelo próximo. Tenho tentado conseguir o equilíbrio entre estes dois extremos, desconstruir a imagem simétrica e perfeita que exijo em mim e nos outros. É libertador se amar como se é, e não, a partir da ótica social de perfeição e padrões, e mais libertador, amar ao próximo como ele é, deliberadamente. Obs.: Trabalhando com imagens percebo que quanto mais tratamentos e filtros que tornam a imagem irreal, "perfeita", simétrica... mais as pessoas, em sua maioria mulheres se sentem satisfeitas, elas se veem num reflexo de como seriam e não como são; isso me incomoda muito.	1
Eu me amo acima de qualquer outra coisa	1
É o amor mais importante que existe	1
Uma delícia!	1
É o que me motiva todos os dias	1
Apesar da pergunta não estar muito clara, mas pelo que entendi, me "curto" bastante, inclusive sexualmente falando, tento me "explorar" o máximo possível	1
Para mim amar você mesma é um privilégio, que muitas mulheres ainda não têm, se amar é sentir que nada neste mundo vai te atingir	1

Extremamente importante, pra que as pessoas me amem preciso me amar primeiro.	1
Tento me amar primeiro,mas tenho filhos e com certeza eles são prioridades na minha vida	1
O amor próprio é fundamental para que eu consiga estabelecer relacionamentos saudáveis com as demais pessoas.	1
É super importante a gente estar de bem consigo	1
Me amo do meu jeitinho, embora estou em constante evolução para me adequar às minhas necessidades e desejos.	1
Acho que deveria aprender a me amar mais..., Devemos nos amar mais, Algo a ser trabalhado	4
Está em construção, É um processo em construção	2
Tenha amor próprio, eu me amo do jeito que eu sou	3
Perfeito	1
A base, ideal	1
Se não me amar não saberei amar o outro.	1
Primeiro amar a Deus, depois nos amar e logo em seguida ao próximo	1
Em primeiro lugar, Eu tenho que me amar primeiro, Amor próprio acima de tudo	3
Amor verdadeiro	2
Estou apreendendo a me amar	2
Autoestima	1
Sou uma mulher que tenho tudo que preciso, não é muito, porém estou em paz e feliz.	1
Eu me amo, mas acredito que preciso melhorar ainda mais neste amor.	1
Normal	1
Cuidado, carinho e atenção	1
Suficiente	1
Eu gosto de mim mesma e faço as coisas que gosto	2
Eu tenho que me aceitar como sou	1
Ter amor próprio é tudo	1
Me sinto feliz e realizada; Tranquilo, problema nenhum	2
Minha autoestima é muito boa	1
Um relacionamento complicado	1
Já passei por momentos que não me amava, mas hoje me sinto completa,;Eu aprendi a me amar; Hoje em dia eu me amo muito; Faz pouco tempo que comecei a me amar, agora está espetacular	4
Não tenho me amado o suficiente para me sentir bem	1
Importante, tem que ser trabalhado	1
Ultimamente, anda abalado, Está baixo, difícil.	2
Uma construção diária. Acredito que as representações ajudam muito	1
Autoestima, valorização, identidade própria	1
Não nasci me amando. Vai do externo para o interno. A sociedade deveria incentivar as pessoas a se amarem	1
O ponto de partida para que outras pessoas possam me amar também. Amar-se traduz-se em aceitação e autocuidado.	1
Ótimo, amor próprio em ótimas condições e boa autoestima.	2
Não entendi a pergunta	3

**Tabela 2:** Amor próprio.

**Fonte:** Elaboração própria.

## **PAUTA - PERFIL ILUSTRADO 1**

### **I. Título provisório/Tema**

Mulheres se ajudando

### **II. Foco e enfoque**

A partir de uma conversa com Sueli e observação dos grupos e encontros que ela participa: Coral da Comunidade Nossa Senhora de Lourdes, em João Monlevade, MG; grupo de mulheres que fazem trabalhos manuais (bordados, crochê, entre outros) da mesma comunidade e grupo de ginástica, buscar inspiração e imersão para desenvolver ilustrações e texto para o tema “mulheres se ajudando”.

### **III - Histórico**

A participação de mulheres em grupos e redes de apoio colabora para que sejam agentes de libertação, ouvindo, apoiando e encorajando umas às outras para tomada de decisões e ações em favor da vida. Na vivência do coletivo ocorre uma dinâmica de poder com, do poder relacional, do poder que defende a vida onde é necessária a criação e manutenção de redes de apoio que une, encoraja e empodera as mulheres. Este poder não é destrutivo, não gera competição ou rupturas. É o poder que a teologia feminista apresenta e aposta na relação entre mulheres e deseja expandir para toda a humanidade: o poder em relação e a força da circularidade em contraposição ao individualismo e o poder domínio opressor. Romper com o círculo da competição, da misoginia e da dominação patriarcal entre mulheres é o propósito da sororidade<sup>31</sup>.

#### **Comunidade Nossa Senhora de Lourdes:**

**O Começo** – Tudo começou quando aqui ainda não era o Bairro de Lourdes: o lugar era conhecido como “Campo do Morro”. Havia muito poucas casas: a casa do Sr. Cláudio Tiago do Patrocínio, o barraco do Sr. Miguel, o barraco do Milton, um rancho de pau-a-pique do Sr. Abílio e o barraco de Dona Preta. Noeme morava na Fazendinha Velha que pertencera anteriormente ao Sr. Raimundo. Havia ainda o barraco construído por Nicácio, onde mora hoje o taxista Cesário. Nesta época, só existia a Rua Vitória, onde Dona Eunice ainda estava construindo, mas participava ativamente da comunidade. Nesta época, houve curso para catequistas do qual José Raimundo Penaforte participou, possibilitando-lhe ser catequista do bairro por vários anos. Assim, pode-se dizer que desde o começo já havia um embrião de comunidade que se foi desenvolvendo.

**Nasce a Comunidade** – A comunidade foi fundada em maio de 1967, com missa celebrada pelo Padre João Batista Gomes Neto na garagem da residência do Sr. Cláudio Tiago do Patrocínio, à Rua Vitória, Nº 117, e constituição de uma primeira diretoria. Participaram de sua fundação: José Raimundo Penaforte, Sr. Cláudio, Milton Henrique, José Lopes, Sebastião de Paula, José Moreira, Maria Eugênia (Dona Preta), Conceição de Souza (Dona Neném), Noeme Vasconcelos e Dona Eunice Vilela. Inicialmente a padroeira era N<sup>a</sup> Sr<sup>a</sup> da Penha. Hoje é a Conferência SSVP que a tem como padroeira. A primeira diretoria foi assim constituída: Sebastião de Paula Oliveira (Presidente), José Raimundo Penaforte (Vice),

---

<sup>31</sup> SCHERER, Cristina. **Princípios da Sororidade na Vida e na Bíblia**, Anais do Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião. São Leopoldo: EST, v. 5, 2017. p. 114

Eunice Vilela e Noeme Vasconcelos (Secretárias), José Lopes e José Moreira Fernandes (Tesoureiros) A reunião oficial era mensal, mas, uma vez por semana, em residências previamente escaladas, fazia-se a leitura do evangelho com reflexão do texto. O assistente espiritual era o Padre João, que dava grande apoio e celebrava a santa missa. As celebrações eram na rua, pois a garagem não comportava o povo. Vinha gente dos arredores: Viva Povo, Alvorada, Lucília e do Acampamento das Viúvas. Fazia-se também a Coroação de Nossa Senhora, durante o mês de maio, nas casas ou nos lotes vagos, cedidos pelos donos.

**A Comunidade realiza** – Em 1968, houve a primeira turma da Primeira Eucaristia, oficiada pelo Padre João. Entre os neo-comungantes, o Luiz Cláudio do Patrocínio, que seria, no futuro, Presidente do Sindicato e Vereador. Naquela época, um coralzinho infantil criado por José Maria brilhava nas festas. Mais tarde, foi criado o coral de adultos, integrado por Dona Preta, Dona Neném, Benedita, Dona Paulina, Noeme, José Maria e Sr. Vicente. Com um aparelho de som, adquirido pela comunidade, instalado em cima da garagem, fazia-se a Oração do Ângelus e anúncio de falecimentos. A Irmã Cristina e a Irmã Conceição da CICM, hospedadas por um tempo no bairro, deram muita força à comunidade: ensinaram a usar a bíblia e refletir sobre seus textos e a viver comunitariamente. Nesta época, por ter mais experiência e organização, a comunidade de Lourdes era convidada para missão de evangelização em outros bairros: Jacuí, Santa Cruz, Cidade Alta, Pedreira, Baú, Cruzeiro Celeste, Loanda, Santa Bárbara, Nova Cachoeirinha e Acampamento dos Anjos foram algumas das comunidades que receberam esse trabalho. Houve também um intercâmbio com Bela Vista de Minas, Major Ezequiel e Acesita.

**Novos Tempos** – Em 1971, houve uma participação muito grande na Primeira Eucaristia, celebrada pelo Padre José Miranda. Em 1977, foi fundada a Conferência Nossa Senhora da Penha, com orientação do Presidente do Conselho Central, Sr. Pedro Vítor Luzia. Foi criado também o Grupo de Jovens FUP-Força União e Paz, um grupo que procurava sempre discutir os problemas do dia-a-dia e que, todos os anos, no Carnaval, realizava acampamento espiritual, para fugir do barulho. Estes acampamentos, preparados por Dulce, Dona Neném, Dona Eunice, Dona Preta, Noca e Fátima, eram muito bons. Fundou-se também um time de futebol, o Guarani.

Depois de vários anos, decidiu-se que era hora de desocupar a garagem e partir para uma sede. Feito o pedido à Prefeitura, que não atendeu a comunidade, decidiu-se ocupar o lote vago que estava reservado para subir à rua Caxambu. Da noite para o dia, reunidos os vicentinos e alguns membros da comunidade, levantou-se um barraco de tábuas de 10 m<sup>2</sup>, iluminado com luz de lampião, para sede provisória. Como ninguém reclamou a apropriação indébita, formou-se uma Comissão – integrada por Máximo da Silva, José Raimundo Penaforte, Dona Preta, Sr. Cláudio e Erci Couto – para tentar a posse do terreno, e o Prefeito Antônio Gonçalves, avaliando o pedido e descobrindo a impossibilidade de subir rua naquele local, liberou área. A comunidade, entretanto, ainda não estava organizada juridicamente.

Em 1980, uma assembleia realizada na Escola Estadual Luiz Prisco de Braga formou uma nova diretoria: Geraldo Vasconcelos José (Presidente), Lúcia Vilar (Vice), Maria Gorete e José Gomes Filho (Secretários), João da Mata e Luís Cláudio do Patrocínio (Tesoureiros). Essa Diretoria redigiu o estatuto que foi aprovado pela assembleia. Por essa ocasião decidiu-se que a padroeira da comunidade seria N<sup>a</sup> Sr<sup>a</sup> de Lourdes. Aí começou a grande desafio de se construir o Centro Comunitário. Fizeram-se promoções para angariar recursos, conseguiu-se doação de material e foi muito utilizado o sistema de mutirão. Uma das realizações foi o forró anual sob o sugestivo nome de “Forró Tudo Junto”, justamente porque todas as pastorais participam com um trabalho conjunto. Havia também o Grupo de Amigos do Bairro de Lourdes, entidade que funcionou por certo tempo e, quando extinta, repassou o

fundo financeiro que existia em caixa para a Comunidade de Base. Vale lembrar que já funcionava o Barracão dos Vicentinos para reuniões da Conferência e da comunidade.

A primeira parte da laje foi feita em 20 de abril de 1984. A ferragem foi obtida da Belgo Mineira por intermédio do Sr. Geraldo Maltez, e as madeiras de escoramento vieram da CAF. Daí para cá, a construção seguiu aos poucos. Mesmo sem acabamento, ali se realizavam as celebrações.

Já houve vários presidentes, depois da legalização: Geraldo Vasconcelos, Máximo da Silva, Dulce Elias, Teotino, Antônio Ferreira, Orcina Coura (Noca), José Filgueira (Zequinha) e Sidnei. O estatuto reza que cada mandato seja de três anos, mas sempre passa da época.

Depois da organização estatutária, vieram se organizando as Pastorais do Batismo, de Catequese, do Dízimo, da Criança, Clube de Mães, (com curso de costura, bordado, pintura, grupo de ginástica, três vezes por semana, através da orientação da Irene), e também as coroações durante o mês de maio com a coordenação de Matilde e Cida. Mais ou menos em 1993, foi criada na comunidade a Renovação Carismática Católica – RCC – que se estendeu por quase toda João Monlevade, tendo como coordenadora a Sra. Aurora. Foi criado também o Grupo da Mãe Peregrina, que visita os lares, tendo cada rua sua zeladora. Maria do Carmo é coordenadora de 10 ruas. As fundadoras do RCC foram: Aurora, Amélia, Maria das Graças Lima, Noeme e Adelina, que vêm realizando as tardes de louvores. Já houve o VII semear e vários outros encontros.

Também foi criado o Ministério de Música Nova Aliança que vem evangelizando através da música. Existe um Grupo de Jovens que tem um trabalho de evangelização todos os domingos, na parte da manhã, no centro comunitário, das 8h às 12h. É importante ressaltar que todos os presidentes que assumiram junto com a diretoria passada, que foi Orcina, construíram a parte de cima do centro comunitário, através da promoção do Forró Tudo Junto, trezentos reais de ajuda do Padre Jorge e do movimento Mãe Peregrina.

**Atualidade** – Os Presidentes vêm sendo trocados regularmente: Irene Januária da Silva (2001-2003); Maria das Graças Lima (2003-2005); Mendelson Claiton Paulino (2005-2009). Continuamos com os trabalhos, graças a Deus, agora sob a liderança de Walter Donizete Andrade. Em 2005, certos de que não haveria outra forma para construir nossa Capela, decidimos ampliar o Centro Comunitário, transformando seu segundo pavimento em Capela. Na festa deste ano, feita em honra da Padroeira, inauguramos a Capela do Santíssimo, abençoada pelo Padre Marcos.

Continuam também as atividades religiosas: Catequese, Pastoral de crisma e batismo, grupos de oração, reflexão, Sagrada Face, da RCC, da Mãe Rainha, do Apostolado da Divina Misericórdia e da SSVP. E não se descuida do social: quando se trata de comunidade de base, devemos pensar no homem todo. Assim desenvolvem-se cursos de bordado, pintura, ginástica e alfabetização de adultos. Temos certeza e fé de que somos e seremos uma comunidade forte e consciente. Fazendo a integração da comunidade com a Paróquia, Maria Lúcia Pires e Mendelson Claiton Paulino representam-na no CPP<sup>32</sup>.

#### **IV - Pré-apuração**

Realizei um primeiro contato, e ela concordou em participar, assim como também conversou com os três grupos dos quais participa, e eles concordaram em me deixar participar de alguns encontros.

- Encontro do grupo de mulheres bordadeiras: Terça-feira, a partir das 14h;

---

<sup>32</sup> Site da **Paróquia Nossa Senhora da Conceição**. Disponível em:

<<http://pnscjm.com.br/comunidade/comunidade-nossa-senhora-de-lourdes/>> Acesso em: 06 set. 2019

- Encontro do grupo de ginástica: Segunda-feira, quarta-feira e sexta-feira, 7h;
- Ensaio do coral: Quarta-feira, 19h30.

#### **V - Fonte**

Sueli - Participante do Coral da Comunidade Nossa Senhora de Lourdes, em João Monlevade, MG; do grupo de mulheres que fazem trabalhos manuais (bordados, crochê, entre outros) da mesma comunidade e também do grupo de ginástica.

(31) ██████████

Comunidade Nossa Senhora de Lourdes: Rua Juiz de Fora, 388

**Opção 2:** Encontro da Rede de Mulheres na R. Pref. Jadir Macedo, 09 - Vila do Carmo, Mariana, MG. 27/09, às 20h.

#### **VI. Metodologia**

Pequena entrevista com a fonte e gravação da entrevista e fotos, caso permitido pela fonte e observação participante dos encontros que ela participa. Após essa apuração, desenvolvimento de ilustrações baseadas no perfil temático, e posteriormente, escrever um pequeno texto e usar frases da entrevistada no livro, que poderá ser ou não identificada, de acordo com a sua preferência.

#### **VII. Cronograma de execução**

Tentar marcar para os dias 4, 7 e 8 de outubro.

Deadline: 15 de outubro.

#### **VIII. Perguntas**

- Nome completo, idade.
- Desde quando você participa do Coral? E do grupo de trabalhos manuais? E do grupo de ginástica?
- Você sabe a história desses grupos ou como e quando começaram? A iniciativa era de quem?
- Quantas mulheres participam?
- Por que você participa desses grupos? Qual a importância deles para você?
- Para você, existe importância em mulheres ajudando umas às outras? Se sim, qual?
- Você acha que as mulheres se ajudam dentro desses grupos? Se sim, de quais formas?
- Você já ajudou ou apoiou alguma mulher dentro dos grupos de alguma forma?
- Você acha importante essa troca (de informações, vivências...) entre as mulheres dentro da comunidade?
- Como seria a sua vida sem esses grupos?
- Como o grupo se mantém?
- Como novos integrantes chegam?
- Vocês ensinam as filhas ou netas, é costume elas entrarem nos grupos?
- Quais histórias levam vocês a esses grupos?
- Quem você já convidou para o grupo? Por que convidar amigas?
- Existe isso de “uma puxa a outra”?
- Você tem uma amiga que te ajuda sempre? Ou você é a pessoa que ajuda?
- Tem alguma situação que você queira comentar em que suas amigas foram essenciais?
- Como sua rotina e atividades mudaram ao longo dos anos?

## **PAUTA - PERFIL ILUSTRADO 2**

### **I. Título provisório/Tema**

Mulheres no trabalho

### **II. Foco e enfoque**

A partir de uma conversa e observação da rotina de trabalho de uma veterinária e dona de um pet shop em Lagoa Santa, MG, buscar inspiração e imersão para desenvolver ilustrações e texto para o tema “mulheres no trabalho”.

### **III - Histórico**

Desde a década de 1970, o número de mulheres na Medicina Veterinária aumenta progressivamente no Brasil e no mundo. Hoje, são 111.086 médicos veterinários atuantes no Sistema Conselho Federal e Regionais de Medicina Veterinária (CFMV/CRMVs). Desses, 57.270 são homens (51,55%) e 53.816 são mulheres (48,45%).

Entretanto, a participação da mulher na Medicina Veterinária começou de maneira muito tímida, tanto no mundo quanto no Brasil. Para se ter ideia, em 1975, na França, as mulheres representavam pouco mais de 5% dos médicos veterinários, enquanto em outras profissões tinham uma representatividade bem mais expressiva: 52% dos farmacêuticos, 30% dos odontólogos, 27% dos médicos. No Brasil, não era diferente. Algumas profissões, entre elas a Medicina Veterinária, ainda não eram consideradas uma opção de carreira para mulheres, que encontravam mais oportunidades como enfermeiras, professoras, comerciárias e algum espaço na indústria e na agricultura. Até os anos 1980, a participação da mulher no Sistema CFMV/CRMVs era inferior a 20%.

Até a metade do século 20, havia predomínio absoluto de estudantes do sexo masculino. De 1.122 médicos veterinários diplomados até 1952 no país, apenas 14 (1,2%) eram do sexo feminino. Já em 2000, as mulheres ultrapassaram os homens em número de inscrições primárias no Sistema CFMV/CRMVs, somando mais de 50% dos novos inscritos.

Em 1933, através do Decreto nº 23.133, do então Presidente da República Getúlio Vargas, surge a primeira regulamentação da Medicina Veterinária no Brasil. O decreto representou um grande marco na evolução da profissão no Brasil.

A primeira médica veterinária no Brasil foi Nair Eugênia Lobo, que recebeu o diploma em 1929, pela antiga Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Rio de Janeiro.

Na Zootecnia, a primeira inscrita no Sistema CFMV/CRMVs no Brasil foi Laurene Liesenfeld, em setembro de 1973, no Rio Grande do Sul. Na década de 1970, as mulheres representavam 14% dos inscritos em Zootecnia; na década de 1980, 22%, passando para 30% na década de 1990 e para 37% na primeira década do século XXI. O percentual de zootecnista é semelhante em todas as regiões, de Norte a Sul do Brasil<sup>33</sup>.

---

<sup>33</sup> Dados de 2017 da Assessoria de Comunicação do Conselho Federal de Medicina Veterinária - CFMV.

O Brasil fecha 2018 como segundo maior mercado pet do mundo. O setor faturou R\$ 20 bilhões em 2018 e deve continuar crescendo em 2019. Pulverizado, é um bom mercado para pequenos empreendedores também<sup>34</sup>.

#### **IV - Pré-apuração**

Conheci a Patrícia em sua atuação profissional, pois é veterinária da minha cachorrinha, e sei que sua presença é marcante, que gosta de conversar e que lidera o pet shop e a clínica veterinária basicamente sozinha. Realizei um primeiro contato, e ela concordou em participar.

#### **V - Fonte**

Patrícia: Veterinária e dona da clínica veterinária e pet shop Dr. Doggie, em Lagoa Santa, MG.

(31) [REDACTED]

Endereço do pet shop: Praça JK, 33 - Centro

COMERCIAL:

De segunda a sexta-feira - 08h ÀS 19h

Sábados: 8h às 16h

VETERINÁRIO:

De segunda a sexta-feira - 8h30 às 12h e de 13h30 às 18h

Sábados: 8h30 às 13h e de 14h às 16h

#### **VI. Metodologia**

Observação participante de um dia de trabalho da fonte e uma pequena entrevista. Gravação da entrevista e fotos, caso permitido pela fonte. Após essa apuração, desenvolvimento de ilustrações baseadas no perfil temático, e posteriormente, escrever um pequeno texto e usar frases da entrevistada no livro, que poderá ser ou não identificada, de acordo com a sua preferência.

#### **VII. Cronograma de execução**

Tentarei marcar com ela no dia 16 e 17 ou 20 e 21 de setembro.

Deadline: 15 de outubro.

#### **VIII. Perguntas**

- Nome completo, idade.
- Foi difícil escolher a profissão veterinária? Como foi essa escolha?
- Você vê alguma diferença de tratamento entre os profissionais homens e mulheres nessa profissão?

---

<sup>34</sup> Dados do Jornal Online Gazeta do Povo de 2019 -

<https://www.gazetadopovo.com.br/economia/brasil-fecha-2018-como-segundo-maior-mercado-pet-do-mundo-2vhq0n3uempvkgdcm8arh382j/>

- Quando você decidiu abrir um pet shop? Você teve ajuda? Você pode contar um pouco desse processo?
- Como é administrar o pet shop?
- Você sente que realiza uma dupla jornada de trabalho (o trabalho remunerado e o trabalho doméstico)? Se sim, isso te prejudica? Como?
- Como é a sua agenda, rotina diária?
- Quais os maiores problemas que você enfrenta no trabalho?
- E quais as maiores satisfações?
- Quantos clientes em média você atende?
- Como é conciliar a vida pessoal com o trabalho? Você se sente muito sobrecarregada ou cobrada?
- Na sua opinião, existe algum preconceito contra a mulher na profissão? seja como empreendedora de um pet shop ou como veterinária de animais de pequeno porte, ou grande porte?

### **PAUTA - PERFIL ILUSTRADO 3**

#### **I. Título provisório/Tema**

Mulheres em movimentos sociais

#### **II. Foco e enfoque**

A partir de uma conversa e observação da atuação de uma ambientalista no movimento ambiental em Minas Gerais, buscar inspiração e imersão para desenvolver ilustrações e texto para o tema “mulheres em movimentos sociais”.

#### **III - Histórico**

Um exemplo histórico de mulheres influentes nos movimentos ambientalistas é Rachel Louise Carson, autora do primeiro estudo realizado sobre os efeitos nocivos dos agrotóxicos no organismo humano. Em 1962, ela escreveu o livro “Primavera Silenciosa”, sendo foi alvo de inúmeras reações contrárias, principalmente das indústrias químicas, que tentaram de todas as formas – até utilizando campanhas de publicidade – atacar a sua credibilidade como cientista. Em 1972, o uso do DDT foi proibido nos Estados Unidos, e a revista Time incluiu Rachel Carson na lista das 100 pessoas mais influentes do século XX. Em 1992, um grupo de escritores americanos elegeram “Primavera Silenciosa” como o livro mais influente dos últimos 50 anos naquele país e no mundo<sup>35</sup>.

Em 1974, Françoise d’Eaubonne adotou pela primeira vez o termo eco feminismo para destacar o potencial que as mulheres têm para encabeçarem uma revolução ecológica que estabelecerá novas relações entre os gêneros, entre todos os seres humanos e com a natureza. Desde então, o termo Ecofeminismo ganhou força e foi alvo de debates durante o Encontro Interdisciplinar de Comunicação Ambiental na Universidade Federal de Sergipe. Segundo a socióloga Regina Di Commo, o movimento que nasceu em 1974 na França não busca a igualdade pura e nem a superioridade feminina e sim a valorização das diferenças. Mulher e natureza têm sido vítimas de dominação e subjugação de maneira patriarcal ao longo dos

---

<sup>35</sup> Dados de 2017 do *Portal Ubai* - <https://portalubaia.com.br/revista/dia-da-mulher/>

anos. Ainda segundo a socióloga, não existem superiores, pois os conflitos ambientais afetam tanto homens quanto mulheres<sup>36</sup>. Um exemplo disso é o Movimento das Mulheres Camponesas (MMC) no Brasil, que tem como pauta central o questionamento da relação entre a mulher, o campo e o meio ambiente. A fim de garantir uma nova agricultura baseada em práticas agroecológicas protagonizada por mulheres (ADÃO; STROPASOLAS, 2011), houve uma diferenciada forma de lidar com os recursos naturais e humanos. O movimento promove a organização das mulheres no município de Itá, Estado de Santa Catarina e busca estimular a plantação de sementes crioulas na região. O modelo das práticas alimentares baseadas no conceito da soberania alimentar promove uma agricultura sustentável e vincula a produção à cultura e ao modo de vida do povo. Na busca por uma alternativa ao sistema capitalista de produção, que impõe uma dependência pautada no princípio do lucro pelo lucro, essas mulheres garantem a subsistência da comunidade a qual fazem parte e, por consequência, o direito ao meio ambiente equilibrado.

No Brasil, em 1992, cerca de 30 mil mulheres se reuniram no Rio de Janeiro no mesmo período da Eco92, para formular uma agenda de luta das mulheres por um planeta mais sustentável. O intuito do Planeta Fêmea era propor uma mudança para o mundo que corrigisse os danos causados pelo desequilíbrio da relação com o Planeta Terra. Era uma imensa vontade política de pensar uma transformação que não perpetuasse as exclusões da sociedade capitalista e que construísse uma ética baseada no respeito às diferenças. Os painéis e debates apresentavam temas como biodiversidade, biotecnologia, alimentação, agricultura, reforma agrária, pobreza, refugiados, papel das redes para os movimentos de mulheres, saúde, educação, políticas de população, espiritualidade, sexualidade, dívida externa, militarismo, entre outros assuntos relacionados direta ou indiretamente à temática de meio ambiente e desenvolvimento<sup>37</sup>.

As preocupações em inserir as mulheres nas discussões ambientais podem ser consideradas recentes, figurando uma participação interessante no evento Cúpula da Terra ou Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e desenvolvimento Sustentável, popularmente conhecida como Rio-92 ou Eco-92, que ocorreu na cidade do Rio de Janeiro em junho de 1992. Entre os resultados desta conferência estão vários documentos, como a Declaração do Rio, Agenda 21 e as convenções sobre clima, biodiversidade e desertificação.

A Agenda 21 é uma plataforma de ação para o Desenvolvimento Sustentável, a qual foi adotada como modelo de consulta por 179 países que compuseram o evento. Nas suas bases teóricas figura uma preocupação política de inserção na questão de gênero, uma vez que o capítulo 24 diz respeito à esfera de ação entre as mulheres e as questões de gênero. Algumas das propostas deste documento são:

- a) Implementar medidas para fortalecer e estimular as instituições e organismos não governamentais e grupos de mulheres para sua capacitação no uso e manejo dos recursos;
- b) Promover a redução de trabalho das mulheres através da criação de creches, da divisão igualitária nas tarefas domésticas entre homens e mulheres e da utilização de tecnologias ambientalmente sãs; e,

---

<sup>36</sup> ROSA, V. M.; SOUSA, K. F.; SZULCZEWSKI, N. A. S.; CARVALHO, A. V. **Educação Ambiental: o papel das mulheres na preservação do ambiente.** *Natural Resources*, v.6, n.1, p.18-26, 2016. DOI: <http://doi.org/10.6008/SPC2237-9290.2016.001.0002>

<sup>37</sup> BRITO, Priscilla Caroline. 20 anos depois do Planeta Fêmea. Publicação do portal do Centro Feminista de Estudos e Assessoria (CFEMEA) - <http://www.cfemea.org.br/index.php/colecao-femea-e-publicacoes/colecao-femea/390-numero-172-janeiro-a-junho-de-2012/3715-20-anos-depois-do-planeta-femea>

c) Implementar programas para estabelecer e fornecer serviços de saúde preventiva e curativa dirigidos às mulheres (RICO, 1998, p. 17).

Ainda na Rio-92, a frente feminina teve uma forte presença com o *Planeta Fêmea*, dentro da programação do *Fórum Global das ONGs*, evento paralelo à conferência oficial – com presença de líderes de países. Neste momento, a Educação Ambiental (EA) é proposta como ferramenta de visibilidades na interface Gênero – Meio Ambiente. Tal relação é íntima no sentido de que ambos os conceitos preocupam-se com mudanças na ordem cultural, organizacional, baseados numa justiça social.

O *Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global*, outro documento do Fórum Global das ONGs, descreve a inter-relação entre EA e sociedades sustentáveis. Segundo ele, a EA estimula a formação de sociedades socialmente justas e ecologicamente equilibradas, que conservem entre si relação de interdependência e diversidade. Porém, isto requer responsabilidades individuais e coletivas em nível local, nacional e planetário (FORUM INTERNACIONAL DAS ONGS, 1992). As bases ideológicas de tal documento permitem a inserção da mulher na tomada de decisões sustentáveis, uma vez que seu discurso abraça a diversidade das causas e dos públicos. É importante destacar que o *Tratado* aponta diferentes perspectivas em relação ao desenvolvimento sustentável, com isto, tem-se um novo papel do gênero no projeto de busca pela sustentabilidade. As novidades na questão de gênero no *Tratado* ficam claras no princípio nove *traz* a seguinte afirmação “promover a corresponsabilidade dos gêneros feminino e masculino sobre a produção, reprodução e manutenção de vida” (DI CIOMMO, 1999, p. 206). A novidade neste caso deve-se ao fato de que até então, as discussões sobre as bases desenvolvimento sustentável resumiam a diferentes ângulos os problemas de desigualdade social e econômica, mas não consideravam uma análise de gênero na questão do Meio Ambiente, a exemplo do famoso *Relatório Brundtland* (CMMD, 1991)<sup>38</sup>.

Algumas das principais ações para as mulheres brasileiras com foco na área ambiental:

- Rede de Mulheres Brasileiras pela Sustentabilidade: Tem como objetivo atrair e mobilizar mulheres líderes que atuam em empresas públicas e privadas, ONGs etc. interessadas em sustentabilidade. A rede pretende formular um conjunto de ações ou programas que possam causar impacto pela relevância ou pela cobertura das ações em três agendas: o papel das mulheres nos conselhos de administração das empresas; o incentivo ao empreendedorismo verde e aos negócios sustentáveis com a liderança de mulheres; e mudanças necessárias nos padrões de consumo e produção atuais.

- Marcha das Margaridas: O movimento reivindica melhores condições para as trabalhadoras do campo e da floresta. Busca ainda a superação da pobreza e da violência e o desenvolvimento sustentável com igualdade para as mulheres<sup>39</sup>.

#### IV - Pré-apuração

Teca é uma ambientalista há muitos anos, e integra o Conselho de Política Ambiental de Minas Gerais (Copam), é membro da Coordenação do Movimento pelas Serras e Águas de Minas (MovSAM) e representante do Fórum Nacional de Comitês de Bacias Hidrográficas (Fonasc). Realizei um primeiro contato com a fonte, e ela concordou em participar, porém possui uma agenda apertada, e ficou de marcar uma data após o dia 16 de setembro.

<sup>38</sup> INOCÊNCIO, Adalberto; LAMIM-GUEDES, Valdir. **Mulheres e Sustentabilidade**: uma aproximação entre movimento feminista e a educação ambiental. Educação Ambiental em Ação, n.45, set-nov/2013. DOI: <http://www.revistaea.org/pf.php?idartigo=1559>

<sup>39</sup> Dados de 2017 do Portal do governo Legado Brasil. Disponível em: <http://legado.brasil.gov.br/noticias/meio-ambiente/2012/04/plano-nacional-estimula-mulheres-a-participar-de-politicas-ambientais>> Acesso em: 06 set. 2019

A angolana Maria Teresa Corujo, de 54 anos é filha de portugueses e se mudou para o Brasil aos 15 anos. Passou a adolescência no Rio de Janeiro e formou-se em pedagogia. Morando em Belo Horizonte desde 1997, se tornou ambientalista e está sempre no fogo cruzado entre a política mineral e o meio ambiente. Hoje, Maria Teresa luta pela criação do Parque Nacional da Serra do Gandarela, no entorno de municípios da região metropolitana<sup>40</sup>.

No dia 11 de dezembro de 2018, ela foi a única integrante do CMI (Câmara de Atividades Minerárias) do Copam (Conselho Estadual de Política Ambiental) de Minas Gerais a votar contra a ampliação das atividades na região do rio Paraopeba, que inclui a mina Córrego do Feijão, operada pela Vale. Seu voto solitário não impediu a aprovação do licenciamento. Pouco mais de um mês depois, a barragem se rompeu causando a morte de pelo menos 60 pessoas<sup>41</sup>.

Maria Teresa Viana de Freitas Corujo, mais conhecida como Teca, nasceu em Luanda (Angola) em 29/10/1959, onde viveu até 1975 quando, com 15 anos, veio para o Brasil por escolha dos pais devido à guerra de independência naquele país. Morou no Rio de Janeiro e em 1981 se formou em pedagogia pela UFRJ. Veio para Minas Gerais em 1995 e foi morar em Caeté, se tornando artesã em madeira. Em 2001 iniciou seu envolvimento voluntário com a questão ambiental, porque foi criado o SOS Serra da Piedade para impedir o avanço da mineração naquele Santuário. Nesse período fez Pós Graduação em Educação Ambiental, Sustentabilidade e Agenda 21 pelo Centro de Ecologia Integral/Faculdade Metropolitana de Belo Horizonte. De lá para cá são 15 anos seguidos de atuação como ambientalista. Participou do Movimento Artístico, Cultural e Ambiental de Caeté – MACACA e desde 2007 integra a coordenação do Movimento pelas Serras e Águas de Minas (MovSAM) e do Movimento pela Preservação da Serra do Gandarela. Representando o MovSAM, ela também integrou a coordenação ampliada da Articulação Popular pelo São Francisco Vivo (APSFV) e a Articulação Internacional dos Atingidos e Atingidas pela Vale. É conselheira no Sub Comitê Águas do Gandarela do Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio das Velhas, no Conselho do Parque Nacional da Serra do Gandarela e no Conselho do Monumento Natural Estadual da Serra da Piedade. Foi conselheira da Câmara Normativa Recursal, do Plenário e da Unidade Regional Colegiada do Rio das Velhas, instâncias do Copam (Conselho Estadual de Política Ambiental de Minas Gerais) durante o mandato 2015- 2016 e conselheira titular na Unidade Regional Colegiada do Rio das Velhas e na Câmara Técnica Especializada de Atividades Minerárias no mandato 2017-2018<sup>42</sup>.

## V - Fonte

Maria Teresa Viana de Freitas Corujo (Teca): ambientalista

██████████@gmail.com

(31) ██████████

+ Dossiê e histórico da Serra da Piedade em PDF fornecido pela fonte

## VI. Metodologia

---

<sup>40</sup> FONSECA, Renato. **Mulheres dedicam vida ao trabalho voluntário e a solidariedade**. Portal Hoje em Dia, 2013 -

<https://www.hojeemdia.com.br/horizontes/mulheres-dedicam-vida-ao-trabalho-volunt%C3%A1rio-e-a-solidariedade-1.116791>

<sup>41</sup> PRAZERES, Leandro. Portal UOL, 2019 -

<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2019/01/29/nao-consigo-dormir-diz-ambientalista-que-votou-contra-licenca-de-barragem.htm>

<sup>42</sup> Currículo fornecido pela fonte.

Observação participante de um dia de atuação da fonte em algum comitê, votação ou discussão ambiental que ela apontar como possível de participar, e uma pequena entrevista. Gravação da entrevista e fotos, caso permitido pela fonte. Após essa apuração, desenvolvimento de ilustrações baseadas no perfil temático observado e, posteriormente, escrever um pequeno texto e usar frases da entrevistada no livro, que poderá ser ou não identificada, de acordo com a sua preferência.

## **VII. Cronograma de execução**

Aguardo contato da fonte após o dia 16 para definir o cronograma de execução.

Deadline: 15 de outubro.

## **VII. Perguntas**

- Porque você decidiu se juntar a causa e como foi isso? O que despertou seu interesse?
- Onde vc mora? Quais cidades você atua? Vc acha difícil conciliar a vida pessoal, o trabalho e o trabalho voluntário?
- Para você, qual a importância das mulheres participarem em movimentos sociais, como o movimento ambientalista?
- A participação de mulheres à frente de decisões e em posições de poder dentro do movimento ambientalista é grande?
- Qual a participação das mulheres em decisões políticas nessa área?
- Já aconteceu de desvalorizarem o seu posicionamento por conta de algum preconceito, ou por você ser mulher?
- Já ouviu comentários preconceituosos enquanto lutava por causas ambientais?
- O Brasil é um dos países em que mais ambientalistas são assassinados. Dilma Silva, integrante do - Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), foi assassinada este ano. Você já se sentiu ameaçada?
- Você já ouviu falar do ecofeminismo? O que acha dessa relação entre a mulher e a natureza frente à economia e capitalismo?
- Como sua experiência de vida na Luanda influenciou na sua trajetória de vida?
- Quais os entraves encontrados para a formação e engajamento das mulheres nos movimentos ambientalistas ou na própria atuação política na área?
- Você acha que é comum a não participação ou desistência das mulheres em participar de movimentos sociais por conta do jogo de poder desleal entre homens e mulheres nessa área? Isto está ou não mudando?
- Existe respeito em relação às decisões que você ou outras mulheres ambientalistas tomam?
- Como você acha que a condição das mulheres em relação à família, ou ser mãe, influencia na atuação?

## **PAUTA - PERFIL ILUSTRADO 4**

### **I. Título provisório/Tema**

Sexualidade da mulher

### **II. Foco e enfoque**

A partir da conversa com grupos de medicina antiestresse com mulheres em situação de vulnerabilidade e com mulheres no processo de reprodução assistida do Hospital das Clínicas

da Universidade Federal de Minas Gerais (HC-UFMG); de uma conversa com a psicóloga e consultora em inclusão social Eliane Vieira de Oliveira, que é também uma mulher com deficiência física; e de uma conversa com a Coordenadora de um grupo que discute ações de políticas públicas para profissionais do sexo, Gisella Pereira Lima, uma mulher trans, buscar inspiração e imersão para desenvolver ilustrações e texto para o tema “sexualidade da mulher”.

### III - Histórico

#### 1:

A Medicina Antiestresse é um conjunto de métodos que utilizam o poder cognitivo cerebral, como autorreflexão, exercícios de relaxamento, meditação, visualização, biofeedback, exercício físico, arte, escrita reflexiva, meditação com música e movimentação corporal, para causar modificações comportamentais ou fisiológicas nos pacientes, tendo como objetivo principal a promoção e/ou recuperação da saúde.

O programa de *Mindfulness* e Medicina Antiestresse do Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Minas Gerais (HC-UFMG) foi criado pela médica Sara de Pinho Cunha Paiva em 2008, com base no “Mind-Body Skills Program” (MBS), um programa anti-estresse que utiliza técnicas de *Mindfulness* da Georgetown University School of Medicine (GUSOM) em Washington-DC (EUA). Esse programa é realizado em grupos com mulheres atendidas no serviço de ginecologia, em especial mulheres portadoras de infertilidade, endometriose, síndrome de ovários policísticos e obesidade, câncer de colo uterino, vítimas de violência sexual, dentre outras. O grupo de pacientes se encontra com o facilitador do programa 1 vez por semana durante 2 horas, por cerca de 8 semanas. A maior parte do tempo é direcionado a atividades práticas, onde os participantes aprendem novas técnicas de combate e prevenção ao estresse e suas consequências. Durante o curso, os participantes dividem a sua experiência pessoal com o grupo e têm a oportunidade de receber atenção e instrução individual, além de dividir seus sentimentos a respeito de suas vivências pessoais e do aprendizado no programa.

Os pacientes são aconselhados a manterem um diário, no qual podem escrever sobre suas condições de saúde, ansiedades, perspectivas e expectativas. Ao escrever sobre sentimentos e pensamentos em um diário, o paciente passa a integrar e organizar as emoções relacionadas a sua vida<sup>43</sup>.

O Laboratório de Reprodução Humana – LRH-HC/UFMG foi fundado em 1988, e é um centro público de reprodução humana em Minas Gerais e um dos poucos centros públicos que fazem esse tipo de atendimento em todo país. Além de oferecer tratamento gratuito para casais inférteis, o LRH-HC/UFMG possui um centro de produção e pesquisa científica de alto nível<sup>44</sup>.

---

<sup>43</sup> PAIVA, Sara. Dados do Departamento de Ginecologia e Obstetrícia FM-UFMG. Disponível em: <<https://site.medicina.ufmg.br/gob/wp-content/uploads/sites/27/2019/03/Programa-Mindfulness.pdf>> Acesso em: 16 nov. 2019.

<sup>44</sup> Assessoria de Comunicação do Hospital das Clínicas da UFMG. HC/UFMG reinaugura Laboratório de Reprodução Humana, 2011. Disponível em:

A médica Simone França Nery propõe em sua tese de Pós-Graduação em Saúde da Mulher da Faculdade de Medicina da UFMG o uso de mindfulness para pacientes em tratamento de infertilidade, pois para muitas mulheres é difícil lidar com o fato de não conseguirem ter um filho. Somado aos outros problemas comuns da vida de cada uma, os médicos percebem com frequência, durante o tratamento para a infertilidade, a presença de sintomas de estresse crônico e depressão. As mulheres convidadas tinham indicação para realizar fertilização in vitro e, antes de iniciarem a participação na pesquisa, tiveram uma reunião em que a pesquisadora apresentou o mindfulness, que foi realizado simultaneamente ao tratamento.

Após a prática formal de mindfulness por 8 semanas, houve redução significativa nos sintomas de estresse e depressão, além de melhora no bem-estar geral. “Algumas pacientes não conseguiam ver nenhum outro objetivo na vida além do de ter um filho. Então suas vidas ficaram paralisadas. O mindfulness auxiliou a recuperarem da vontade de viver. Ao fim do estudo, muitas voltaram a estudar, trabalhar em algum projeto e recuperaram a autoestima”, explica a pesquisadora<sup>45</sup>.

Simone França Nery possui Graduação em medicina (1990) pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); residência em Patologia Clínica (1994-UFMG); título de especialização em Pediatria (1999-SBP) e Neonatologia(2000-SBP); formação em Mindfulness (2009-UFMG); mestrado em Medicina Molecular (2011-UFMG); doutorado em Saúde da Mulher (2018-UFMG); e trabalha nas áreas de neonatologia, banco de sêmen e tratamento do estresse (HC-UFMG)<sup>46</sup>.

Edna Mariz Câmara Sant'Anna possui graduação em Enfermagem e Obstetrícia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (1977); especialização em Enfermagem Obstétrica pela Escola de Enfermagem da UFMG(2001); e atualmente é enfermeira do Laboratório de Reprodução Humana Professor Aroldo Fernando Camargos do Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Minas Gerais , atuando também nos seguintes temas: autocuidado e promoção do aleitamento materno<sup>47</sup>.

## 2:

Eliane Vieira tem vasta experiência nos temas de sensibilização para a diversidade e inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho. Ela desenvolveu trabalhos sobre o tema, em empresas como Lanxess, Fundação Instituto de Ensino de Osasco/SP, Medial Saúde, e atualmente é consultora em inclusão e diversidade na empresa Deloitte Touche Tohmatsu. Na União e Inclusão em Redes e Rádio (Unirr), ela é capacitadora para os temas de inclusão social e diversidade, orientando e ensinando para a convivência e aprendizado através da inclusão.

---

<<https://site.medicina.ufmg.br/inicial/hcufmg-reinaugura-laboratorio-de-reproducao-humana/>> Acesso em: 17 nov. 2019.

<sup>45</sup> GURGEL, Guilherme. Edição: CASTRO, Deborah. Mindfulness reduz estresse e sintomas de depressão em mulheres inférteis. Faculdade de Medicina UFMG. dez. 2018. Disponível em:

<<https://site.medicina.ufmg.br/inicial/mindfulness-reduz-estresse-e-sintomas-de-depressao-em-mulheres-inferteis/>> Acesso em: 20 nov. 2019.

<sup>46</sup> Informações coletadas do Lattes em 31 out. 2019.

<sup>47</sup> Informações coletadas do Lattes em 01 nov. 2019.

Eliane nasceu no interior de Minas Gerais, aos sete meses de idade teve poliomielite. Deu os primeiros passos aos seis anos, com auxílio de órteses, após uma sequência de cirurgias para correções ortopédicas. Sempre estudou em escolas regulares, o que segundo ela foi uma preparação para a vida adulta. Seu primeiro desafio na área acadêmica foi o sonho de estudar no CEFET MG. O diploma de Tecnólogo em Química Industrial pelo CEFET (Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais) foi a primeira conquista de muitas que viriam. Formou-se em Psicologia Clínica pela Universidade Paulista (UNIP) e especializou-se em Psicologia Organizacional e do Trabalhador (Mackenzie). Sua dedicação pela igualdade e equidade permeia a diversidade em sua transversalidade. Há doze anos trabalha para melhorar a qualidade de vida das pessoas com deficiência no ambiente de trabalho. “A Empresa DeloitteTouche Tohmatsu foi o celeiro das grandes ideias, seara de grandes realizações, terreno fértil onde tudo que se planta, floresce. Minha grande escola”. Embora tendo a inclusão da pessoa com deficiência na sociedade como sua missão de vida, atua também nas causas LGBT.

Eliane atua como consultora na Vetor Inclusão, uma empresa que atua como agente de transformação social desenvolvendo palestras, treinamentos, workshops e cursos de extensão In Company ou em Instituição de ensino, com objetivo de abrir espaços de reflexão que contribuam com a construção de um mundo mais diverso e inclusivo. Surgiu em 2012 no meio acadêmico, palestras em formato aulas, ministradas com o objetivo de promover a reflexão e despertar uma visão crítica sobre o tema diversidade e inclusão para alunos de "Psicologia Organizacional e do Trabalhador", mais especificamente da aula "Diversidade & Seleção" da disciplina "Avaliação de Pessoas em contexto organizacional".

Um dos parceiros da Vetor Inclusão é a União dos Paraplégicos de Belo Horizonte (Unipabe), fundada há mais 30 anos pelo Deputado Federal Walter da Rocha Tosta. A Unipabe é uma entidade filantrópica e referência na capital mineira no apoio e orientação a pessoas com deficiência e idosos. Sua missão é promover a inclusão social de crianças, adolescentes, idosos e deficientes, por meio de atividades esportivas recreativas, sociais, culturais, de educação, trabalho e saúde.

Segundo dados fornecidos pela Vetor Inclusão, há 45 milhões de pessoas com deficiência no Brasil, ou cerca de 23,9% da população total, segundo o IBGE. Desses, 66% são pessoas economicamente ativas e 21% têm ensino médio completo. A cota abarcaria apenas 2% de todas as pessoas com deficiência no país. Mesmo assim, ela não é preenchida: apenas 1% de todo esse público é contratado pela lei de cota ou Reserva de Vagas. Uma em cada quatro pessoas têm ensino médio completo. 7% têm ainda superior completo – no resto da população, essa faixa é de 10%. Além disso, muitas pessoas adquirem deficiências no decorrer da vida, já formadas<sup>48</sup>.

### 3:

Gisella Pereira Lima iniciou sua militância por volta dos anos 2000, quando ainda morava em Montes Claros, e foi uma das fundadoras do Movimento Gay das Gerais (MGG) naquela

---

<sup>48</sup> Informações coletadas no site da Vetor Inclusão <<https://www.vetorinclusao.com.br/>> Acesso em: 16 dez. 2019.

cidade. A mudança para Belo Horizonte afastou Gisella do movimento. A reaproximação se deu quando sentiu que não queria mais se prostituir e buscou um trabalho formal. Encontrou um emprego no Centro de Referência de Direitos Humanos (CRDH), um projeto do Instituto Pauline Reichstul (IPR), uma ONG com sede em Belo Horizonte, que tem como foco a promoção da justiça social. Inicialmente, o IPR não tinha foco nas pessoas trans, mas a demanda foi tão grande que acabaram sendo incluídas como um novo público-alvo. Após o fim do contrato com o CRDH, Gisella foi contratada pelo governo estadual. Gisella não é filiada a nenhuma organização do movimento LGBT<sup>49</sup>.

Atualmente, Gisella é uma mobilizadora social. Ela já atuou em ONGs e na administração pública em cargos administrativos e de mobilização social, exercendo funções como: Assessora Técnica, Auxiliar Administrativo, Agente de Cidadania, Mobilizadora Social. Há mais de 17 anos atua na defesa dos Direitos Humanos, tendo destaque em conselhos, comitês e organização de eventos. Desenvolvendo habilidades técnicas como: capacidade de organização, comunicação, trabalho em equipe. Foi Conselheira Municipal (2016-2018) e Estadual dos Direitos da Mulher (2017-2019), atuando na articulação de políticas públicas para as mulheres, tendo como destaque atuação na construção Plano Plurianual de Ação Governamental (PPAG). Foi integrante do Comitê Técnico de Saúde Integral LGBT do Estado de Minas Gerais (2016-2017), colaborando na criação do Ambulatório Trans que tem como prioridade o atendimento do processo transsexualizador. Foi Membro da comissão organizadora da 3ª Conferência Estadual de Políticas Públicas e Direitos Humanos LGBT<sup>50</sup>.

#### IV - Pré-apuração

Conversei com Márcia Abreu, psicóloga no HC-UFMG e amiga da minha mãe. Ela indicou fazer uma visita técnica ao grupo de medicina antiestresse com mulheres da ginecologia e da reprodução humana do HC-UFMG e me colocou em contato com a médica do Laboratório de Reprodução Humana do HC-UFMG, Simone Nery e a enfermeira Edna Mariz. Realizei um primeiro contato com ambas, e a médica Simone agendou uma conversa comigo no Laboratório de Reprodução Humana do HC-UFMG e a Edna no Instituto da Mulher e do Idoso Jenny Andrade Faria.

Enviei um e-mail à União dos Paraplégicos de Belo Horizonte (Unipabe) explicando o tema e o projeto, e solicitando a indicação de alguém que gostaria de conversar comigo para estes fins. Após esse contato, a psicóloga e consultora Eliane Vieira entrou em contato comigo disposta a conversar. Assim, marcamos um encontro na casa dela.

Conversei com um amigo que trabalhou com Gisella Lima na Secretaria de Direitos Humanos, Participação Social e Cidadania (SEDPAC). Ele fez o intermédio entre nós e me passou o contato dela.

---

<sup>49</sup> COACCI, Thiago. **Movimento trans em Belo Horizonte**: resgatando o histórico e mapeando o presente. Cadernos Pagu no.55 Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2019. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332019000100507&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332019000100507&tlng=pt)> Acesso em: 20 jan. 2020.

<sup>50</sup> Informações coletadas do LinkedIn em 20 jan. 2010. Disponível em: <<https://br.linkedin.com/in/gisella-pereira-lima-1a7501178>> Acesso em: 20 jan. 2020.

## **V - Fontes**

Simone Nery, médica no HC-UFMG

(31) [REDACTED]

Edna Mariz, enfermeira no HC-UFMG

(31) [REDACTED]

Hospital das Clínicas da UFMG:

Av. Prof. Alfredo Balena, 110 - Santa Efigênia, Belo Horizonte

Laboratório de Reprodução Humana do HC-UFMG: 9º andar

Instituto Jenny Andrade Faria:

Alameda Vereador Álvaro Celso, 117 - Centro, Belo Horizonte

Eliane Vieira de Oliveira, psicóloga e consultora em inclusão social

(31) [REDACTED]

[contato@vetorinclusao.com.br](mailto:contato@vetorinclusao.com.br)

Rua Júlio de Castilho, 710, apartamento 204, Bairro Palmeiras, Belo Horizonte

Gisella Pereira Lima

(31) [REDACTED]

Café 104:

Praça Rui Barbosa, 104 - Centro, Belo Horizonte

## **VI. Metodologia**

Conversa com um grupo de medicina antiestresse com mulheres da ginecologia e da reprodução humana do HC-UFMG e com a enfermeira e médica que acompanham os grupos. Conversa com uma mulher com deficiência e também psicóloga e consultora sobre inclusão social. Conversa com uma mulher trans e mobilizadora social. Gravação das entrevistas, caso permitido pelas fontes. Após essa apuração, desenvolvimento de ilustrações baseadas no perfil temático, e posteriormente, escrever um pequeno texto e usar frases das entrevistadas no livro, que poderão ser ou não identificadas, de acordo com a preferência de cada uma.

## **VII. Cronograma de execução**

Conversa com a médica Simone no Laboratório de Reprodução Humana do HC-UFMG às 14h do dia 22/11/2019.

Conversa com a enfermeira Edna no Ambulatório Jenny Andrade Faria às 10h do dia 22/11/2019.

Conversa com a psicóloga e consultora Eliane em sua casa às 13h do dia 16/12/2019.

Conversa com mobilizadora social Gisella Lima no Café 104 em Belo Horizonte, às 16h20 do dia 23/01/2020.

Deadline: 15 de outubro.

## **VIII. Perguntas**

Para a médica e a enfermeira:

- Nome completo e idade.

- Como funciona o grupo e por que ele existe?

- Você sabe quando, como e por que ele surgiu no Hospital das Clínicas?
- Quantas mulheres participam de cada grupo?
- Como as mulheres começam a participar do grupo? São convidadas pelos profissionais da área ou elas mesmas buscam o grupo?
- Qual é o tempo de permanência no grupo? Elas retornam?
- Que tipo de mulheres procuram o grupo?
- Quais as maiores dificuldades que essas mulheres enfrentam?
- Como o grupo ajuda nessas dificuldades?
- Quais as questões pessoais que mais são levantadas nos encontros?
- Que leitura você faz das mulheres que chegam em relação às pressões sociais que enfrentam?
- A vida delas fica paralisada por conta da infertilidade?
- Qual a relação entre a sexualidade da mulher e a fertilidade? Aspectos psicológicos ou estresse podem ser a causa da infertilidade?
- Qual preparação é preciso ter para conduzir e administrar o grupo?
- Existem protocolos para orientar mulheres lésbicas?
- Como é o seu trabalho com essas mulheres, qual a sua experiência pessoal com os grupos?
- A questão da sexualidade é tratada com essas mulheres? Se sim, como? Se não, por que?
- As dificuldades que elas passam afetam a sexualidade delas?
- Como é a relação dessas mulheres com o próprio corpo e o autocuidado?
- Elas se sentem responsabilizadas ou sobrecarregadas?
- As mulheres têm consciência da carga emocional que elas colocam sobre o próprio corpo? Como isso afeta a saúde delas?
- Você teve algum aprendizado sobre sua própria individualidade, sua relação com você mesma e sua sexualidade trabalhando com esses grupos?
- Por que você escolheu essa área de atuação?
- Qual a sua relação com a profissão e o cuidar de outras mulheres? A situação delas te toca/afeta de alguma maneira?
- Os problemas reprodutivos afetam a autoestima e a sexualidade das mulheres? Como?
- Onde essas mulheres buscam ajuda para além da clínica?
- Qual é o ideal da maternidade e a relação dele com o “ser ou não ser mulher”?
- Vocês tocam no tema da adoção com essas mulheres? Qual o peso esse tema tem para elas?
- Qual você consideraria o momento certo para começar a falar sobre educação sexual com as mulheres e da possibilidade da infertilidade na mulher e como lidar com isso?
- Qual a relação dessas mulheres com a TPM, o ciclo menstrual e reguladores hormonais? Elas conhecem o próprio corpo?
- Qual a participação do parceiro nesse processo? Ela costuma ser positiva ou negativa?

Para as participantes:

- Como tomou conhecimento do grupo? O que motivou você a ficar no grupo?
- Como você se sente ouvindo/falando sobre as questões que o grupo traz?
- Você acha que esse tipo de grupo é importante para as mulheres?
- O grupo te ajuda na vivência da sua vida sexual?
- Para você, como a mulher de hoje vive a questão da sexualidade?
- No seu dia a dia, com os seus amigos, ou em outros espaços da sua vida, você tem liberdade para conversar sobre sexualidade?
- Você acha que isso é importante para as mulheres?
- Você acha que mulheres conversando sobre sexualidade te ajuda em alguma coisa?

- O que você acha que as mulheres ainda precisam conquistar em relação à sexualidade?
- O que você pensa quando falamos em sexualidade da mulher?
- Você já teve alguma mulher que foi referência para você, que falou disso com você na adolescência ou até na vida adulta? Como foi?
- O que você gostaria de ter aprendido mais cedo na vida sobre a sua sexualidade, ou que você ainda tem curiosidade em aprender?
- Quais são as coisas boas e alegres que vêm à sua mente quando falamos de sexualidade feminina?
- Você se sente autoconfiante em relação à sua sexualidade?
- Para quem possui parceiros ou parceiras, você acha que essa pessoa entende as suas necessidades? Por que?
- Quais são as maiores dificuldades que você enfrenta relacionadas a esse assunto?
- Como é a sua relação com o próprio corpo? Você se sente bem com ele?
- Você acha que as questões reprodutivas afetam a sua sexualidade? Como?
- Você sente que tem autonomia, controle na vivência da sua sexualidade?
- Você se sente dona do próprio corpo?
- Você acha que as mulheres em geral são livres para exercer a sua sexualidade? Se não, por que? Se sim, como elas a exercem?
- (apenas para Reprodução Humana) - Você acha que a infertilidade prejudica a sexualidade? Como?
- O que você acha do amor com você mesma?

#### Perguntas para Eliane Vieira:

- Onde você trabalha, como é o seu trabalho, em que você atua?
- Você sempre foi uma pessoa com deficiência?
- O que você pensa quando falamos em sexualidade da mulher?
- Como é a sua relação com o próprio corpo? Você se sente bem com ele?
- Você se sente autoconfiante em relação à sua sexualidade?
- Para você, como a mulher de hoje vive a questão da sexualidade? Essa vivência é diferente para uma mulher com deficiência?
- Quais os preconceitos que você enfrenta relacionados a esse assunto?
- No seu dia a dia, com os seus amigos, parceiro(a) ou em outros espaços da sua vida, você tem liberdade para conversar sobre sexualidade?
- Você acha que falar sobre isso é importante para as mulheres?
- Você já teve alguma mulher que foi referência para você, que falou disso com você na adolescência ou até na vida adulta? Como foi?
- Quais são as maiores dificuldades que você enfrenta relacionadas a esse assunto?
- O que você acha que as mulheres ainda precisam conquistar em relação à sexualidade?
- O que você gostaria de ter aprendido mais cedo na vida sobre a sua sexualidade, ou que você ainda tem curiosidade em aprender?
- Quais são as coisas boas e alegres que vêm à sua mente quando falamos de sexualidade feminina?
- Você acha que as mulheres em geral são livres para exercer a sua sexualidade? Se não, por que? Se sim, como elas a exercem?
- O que você acha do amor com você mesma?

#### Perguntas para Gisella Lima:

- Onde você trabalha, como é o seu trabalho, em que você atua?

- O que você pensa quando falamos em sexualidade da mulher?
- Como você se sente ouvindo/falando sobre essas questões?
- No seu dia a dia, com os seus amigos, ou em outros espaços da sua vida, você tem liberdade para conversar sobre sexualidade?
- Você se sente autoconfiante em relação a exercer a sua sexualidade? Sempre foi assim?
- Como é a sua relação com o próprio corpo? Você se sente bem com ele?
- Você acha que falar sobre isso é importante para as mulheres?
- Quais os preconceitos que você enfrenta ou enfrentou relacionados a esse assunto?
- Para você, como a mulher de hoje vive a questão da sexualidade? Essa vivência é diferente para uma mulher trans?
- Você já teve alguma mulher que foi referência para você, que falou disso com você na adolescência ou até na vida adulta? Como foi?
- Quais são as maiores dificuldades que você enfrenta relacionadas a esse assunto?
- O que você acha que as mulheres ainda precisam conquistar em relação à sexualidade?
- O que você gostaria de ter aprendido mais cedo na vida sobre a sua sexualidade, ou que você ainda tem curiosidade em aprender?
- Para quem possui parceiros ou parceiras, você acha que essa pessoa entende as suas necessidades? Por que?
- Você acha que as mulheres em geral são livres para exercer a sua sexualidade? Se não, por que? Se sim, como elas a exercem?
- O que você acha do amor com você mesma?
- As questões hormonais afetam a sua sexualidade? Como?
- Em relação à saúde da mulher, você se sente incluída? Como é esse processo de ir ao médico? Como você gostaria que fosse?

### **Introdução para as participantes:**

Quando falamos em sexualidade da mulher (do homem também, claro, mas nesse caso o livro é direcionado às questões femininas), não falamos somente do ato sexual e do desejo sexual, mas também dos aspectos fisiológicos, biológicos e psicológicos. Falamos do comportamento, do papel da mulher, da orientação sexual, da imagem que a mulher tem do próprio corpo, a até de aspectos religiosos, valores pessoais, relacionamentos, necessidades emocionais, do conhecimento com o próprio corpo também, ou seja, as mudanças hormonais, o ciclo menstrual, a gravidez... A sexualidade engloba tudo isso.